

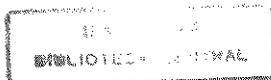
Trm. pl.
Maio/93

WINDYZ BRAZÃO FERREIRA

ml.
PSICODRAMA E EDUCAÇÃO

UMA PROPOSTA EDUCACIONAL PARA O REDIMENSIONAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS

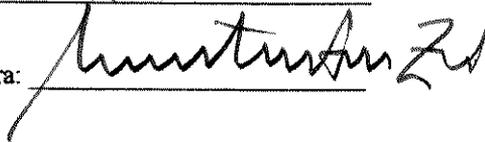
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1993**



WINDYZ BRAZÃO FERREIRA

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida por WINDYZ
BRAZÃO FERREIRA e aprovada pela
Comissão Julgadora em 03.11.93

Data: 03.11.93

Assinatura: 

PSICODRAMA E EDUCAÇÃO

UMA PROPOSTA EDUCACIONAL PARA O REDIMENSIONAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1993

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Educação na área de Filosofia e História da Educação à Comissão Examinadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a Orientação do Prof. Dr. Newton Aquiles Von Zuben 

Comissão Julgadora

João Marcos
Flávio Augusto
Carolina Hoff

Meus agradecimentos...

Ao mestre e amigo Aquiles Von . Zuben por sua orientação, humanidade e clareza de espírito, que lhe permitiu atribuir valores corretos às questões pessoais e acadêmicas emergentes, durante este trajeto percorrido juntos, me dando tempo para redescobrir o MORENO - homem.

Ao amigo inesquecível Augusto Novaski, mestre e primeiro orientador, que revelou-me a Filosofia e deu-me a mão para ir ao seu encontro, numa tentativa de melhor compreender o Psicodrama. Devo a você a pessoa que sou hoje. Obrigada.

Ao sábio mestre Antonio Joaquim Severino, que com sua abertura, despojamento e disponibilidade apresentou-me a Epistemologia, a Antropologia Filosófica e a relevância do trabalho científico, sem os quais, com certeza, não realizaria esta releitura de J.L.MORENO.

Ao companheiro de todas as horas Carlos Augusto P. Ceneviva, cuja força incondicional me ajudou a superar fases difíceis, me impulsionou para frente e se fez de interlocutor para refletir sobre o Psicodrama e MORENO Obrigada. Eu amo você...

À querida e especial Maria Alicia Romaña pelo seu despojamento e simplicidade que me fizeram crescer como ser humano. E, pelo carinho com que me orientou, quando necessitei

A minha mãe querida Odette Ferreira, que apesar de seu sofrimento com minha distância de casa, não interferiu na minha caminhada e sempre esteve presente quando eu precisei. Obrigada por existir... Tenho orgulho de ser sua filha.

A mestra e guru Beatriz Padovan que, sem saber, com sua luz espiritual e humanidade iluminou meus caminhos e ensinou-me a importância de olhar para todos os lados...Obrigada.

Aos amigos das boas e más horas May Guimarães, César Nunes, Ildete Furukawa, Eneida Shiroma, Heloisa Pinheiro, com quem a convivência foi (e é) um presente.

À todos os mestres queridos, com os quais um dia tive a oportunidade de me deleitar, ouvindo-os: Alvair Cervellini e Nadir, Magda Senna Vulcano, Marilda N. Lipp, Eliana Dagmar, Antonio Rezende, José Luiz Sigríst, Sandra Sheppard, Sérgio Luna, Maria Inês Fini e outros

Em, especial, agradeço a todos os nordestinos, que me acolheram em sua terra, me apresentaram o verdadeiro Brasil, me deram uma lição de vida e me possibilitaram ser o que sou hoje. Obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
 CAPÍTULO I - DES - ENCONTRO COM MORENO	
O Homem Moreno	21
Ascendência	22
Nascimento	26
Infância	29
Adolescência	32
Fase Adulta	42
Negação do misticismo: a busca da identidade	56
 CAPÍTULO II - O MISTICISMO JUDAICO E SEUS REFLEXOS NA CONSTRUÇÃO DA TEORIA PSICODRAMÁTICA DE JACOB LEVY MORENO	
Moreno Judeu	64
Moreno e a fase da escrita religiosa: uma pista para a gênese de seu pensamento	66
Uma viagem ao Judaísmo.....	69
O Hassidismo: última corrente da mística judaica.....	80
Revisão histórica de Baal Shem	82
A gênese místico religiosa do Psicodrama.....	92
 CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO E PSICODRAMA: UM ENCONTRO FELIZ.....	
Meu encontro com o Psicodrama e com Romãña	115
Um pouco da história de Maria Alicia Romãña: uma pedagoga humanista	117
Psicodrama Pedagógico: Algumas considerações	119
A Sala de Aula como espaço para o resgate de valores humanos e o redimensionamento das relações humanas	135
Conclusão	155
 BIBLIOGRAFIA.....	 158

***" Ainda que sua obra e seu legado
sejam de grande importância, a
história de Moreno não foi ainda
contada adequadamente. "***

RENÉ F. MARINEAU

RESUMO

No presente trabalho estudamos o Judaísmo, o Hassidismo e seus reflexos na gênese do pensamento de Jacob Levy MORENO e na construção do Psicodrama. Num segundo momento, analisamos de que forma esta influência deu base à estruturação da metodologia psicodramática, a qual, pelas características de sua gênese, promove o auto conhecimento e o redimensionamento das relações humanas no cotidiano das pessoas.

No Capítulo I realizamos uma releitura da vida do menino, adolescente e homem MORENO, buscando compreender o contexto religioso judaico, como base das razões pessoais e íntimas que motivaram sua produção teórica. O Capítulo II aprofunda o estudo sobre o Judaísmo, no qual identificamos pressupostos místico religiosos da obra moreniana. No Capítulo III, realizamos breve relato sobre Maria Alicia Romaña, sobre a organização do Psicodrama Pedagógico e algumas considerações sobre a compreensão que se tem de sua aplicação, na realidade brasileira. Finalmente, abordamos o Psicodrama, enquanto instrumento pedagógico educacional, subjacente ao qual identificamos formas de contribuição para o resgate de valores humanos e o redimensionamento das relações humanas, através das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Introdução

Tive a felicidade de conhecer o Psicodrama no último ano do Curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Era o ano de 1980 e eu estava prestes a me formar. A disciplina em questão era "Estruturação do papel Profissional do Fonoaudiólogo" e usava como metodologia o Role Playing psicodramático. Apaixonei-me e decidi aprender sobre aquele recurso de trabalhos com grupos. Conheci Maria Alicia Romãia em 1981 e em 1982 estava formada em Psicodrama Pedagógico.

A partir daí, cursos e palestras aconteciam, porque pessoas se interessavam em saber o que era esse 'tal de Psicodrama Pedagógico', que não era terapia... Comecei, então, a estudar o Psicodrama e, sem o saber, comecei também a conhecer Jacob Levy Moreno. Apaixonei-me pelo seu jeito de conversar comigo, leitora. Passei a admirá-lo pela sua poesia e sua positividade. Parecia até que fazia, como eu, o "Jogo da Poliana", achando nas experiências negativas, alguma coisa boa que nos leva subir mais um degrau.

Apreendi, com Moreno, a reconhecer (acho que ele me conscientizou...) a importância da relação humana em nossa vida cotidiana: as alegrias e aflições do existir, no dia a dia, sempre tinham como pano de fundo a relação (ou não relação...) com o outro, companheiro, mãe, chefe, vizinho, etc. Gradativamente, entendia que tudo que vivemos, pensamos e sentimos está necessariamente conectado com pessoas - seres humanos - que nos deram modelos ou são nossos interlocutores. Compreendi que é difícil, senão impossível, conceber qualquer fato da vida desvinculado do sentido social da relação entre os homens. Enfim, nesse processo de descobertas (estudos e vivências psicodramáticas), incorporei, de Moreno, o convite ao encontro com as pessoas e passei a viver de uma maneira diferente. Não sabia o que era ou como tinha acontecido, simplesmente sentia-me nova... outra pessoa.

Paralelamente, comecei a perceber que não era assim que as pessoas, em geral, viviam: faltava - lhes a positividade, a disponibilidade para o outro. Parecia que cada um enclausurava-se dentro de si, buscando isoladamente ações, sentimentos e pensamentos que estavam

no mundo, mas não eram percebidos como referência e sim como ameaça de invasão da individualidade. Parecia mesmo que viver, implicava em proteger-se do outro !

Fiquei confusa...

Quando reunia-me com grupos, para os quais revelaria o Psicodrama Pedagógico, via acontecer sob os meus olhos uma transformação: pessoas desabrochavam, ganhavam brilho, abriam-se para o outro e sentiam-se felizes ao se (re)descobriem, descobriam, no outro, elementos de si e não sentiam-se mais sós. Na verdade, parecia que descobriam como e porque não ficar mais só... Era o encontro moreniano se materializando.

Então, aquilo tudo escrito era possível...

O tempo passou. Eu trabalhava em uma escola de 2º Grau e Cursinho preparatório para o Vestibular, em atendimentos fonoaudiológicos e ministrando regularmente cursos e palestras sobre Psicodrama Pedagógico em São Paulo e outros estados. Estudava muito e incorporava o conhecimento psicodramático e a imagem de Moreno, através da vivência, com meus alunos, da história do autor e da fundamentação teórica do Psicodrama. Trabalhava sozinha, não vinculei-me a nenhum grupo e, quando necessário, recorria a Romaña, que me supervisionava. Mas, de fato, acho que aprendi com o próprio Moreno...è com as pessoas com as quais convivi.

Em 1982, fui convidada pela minha professora de Role Playing (Alvair Cervellini) para trabalhar com a mesma disciplina na PUC de SP. Feliz da vida, assumi o curso 'Estruturação do Papel Profissional do Fonoaudiólogo'. Foi uma experiência riquíssima com os alunos, mas não havia encontros entre as pessoas (professores), nem mesmo as que trabalhavam com o Psicodrama... Frustrai-me, mas valeu a experiência e a conscientização de que posso me apropriar do instrumento psicodramático e não viver plenamente a sua proposta existencial.

Em 1984, ingressei no Curso de Graduação em Pedagogia, pois queria ser professora universitária e meu título, como Fonoaudióloga, era de Bacharel. Devo esta orientação à Prof. Maria Rosa Cavalheiros (coordenadora da Faculdade de Educação da PUC-Camp), que foi quem possibilitou-me a divulgação do Psicodrama na PUC Campinas. Decidida pelo ensino superior, optei

por fazer o Mestrado em Educação, ingressando, em 1985, no Mestrado em Psicologia Educacional na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Nesta época estava envolvida com as questões relativas aos papéis sociais sexuais femininos e masculinos determinados pela sociedade (Ah! estas conservas culturais.) e com as questões emergentes dos adolescentes, alunos do Cursinho, em vias de ingressar na Universidade e 'ganhar' repentinamente o status de adulto, sem ter sido preparado, de fato, para esta nova etapa da vida. Utilizava o Psicodrama para ajudá-los na escolha profissional e no desenvolvimento do novo papel: universitário.

Meu ante-projeto de pesquisa tratava destas questões...

2º ano de Pedagogia e 1º Semestre do Mestrado: conheci (respectivamente) duas pessoas (maravilhosas) decisivas na minha formação, a Profª Eliana Dagmar Azevedo e o Profº Augusto C. Novaski, pois foram eles que me apresentaram a Filosofia...

Apaixonei-me novamente.

Como disse, o Psicodrama Pedagógico já se constituía uma atividade que integrava-se à minha vida profissional . Foi nesta época que comecei a compreender que algo havia, mais do que simples técnica.

Cursava a disciplina básica "Fundamentos Filosóficos da Educação", coordenada pelo Prof. Novaski, quando vi emergir definitivamente meu interesse por aprofundar os conhecimentos sobre o Psicodrama. O referido curso objetivava promover uma reflexão sobre o 'sentido do educar', à luz da hermenêutica. A proposta localizava no educador um dos fundamentos da educação e pretendia explicitá-lo e desvendá-lo como tal. Compreendi aí o que era fundamento de algo, o que é Filosofia e qual seu papel com relação à ciência e, como o Psicodrama tinha 'a ver' com tudo isso. daí prá frente, só restava estudar muito mais e mergulhar no universo filosófico. O espaço da aula transformou-se num locus de debate sobre a ação do educador e reflexos desta na formação do humano do aluno. Inúmeros depoimentos eram relatados e, entre estes, eu começava a tratar do Psicodrama dentro da perspectiva de seu fundamento filosófico.

1986, me transferi para o Mestrado em Filosofia da Educação. Estava dado o primeiro passo para este trabalho... e o des-encontro e reencontro com Moreno.

" Espero que isso não pareça imodéstia, mas como o Psicodrama foi minha criação mais pessoal, seu berço em minha autobiografia pode projetar mais luz sobre seu nascimento. "

Jacob Levy Moreno

Assumir a tarefa de estudar Jacob Levy MORENO e sua obra, significa também, segundo sua própria orientação, uma tentativa de traçar um perfil biográfico do *homem MORENO*, que lance luz à gênese de seu pensamento, à criação do Psicodrama e o seu fundamento. As leituras dos textos psicodramáticos do autor e de inúmeros estudiosos seguem a mesma orientação e revelam a crença de que vida e obra estão imbricadas, pois seu percurso intelectual não foi planejado, mas resultou do dia a dia...

"Não foi uma obra escrita que o introduziu ()¹ (coisa que só secundariamente ocorreu), nem um bando de escritores, colaboradores e protagonistas, mas as repetidas apresentações públicas " ²*

Segura de que o caminho era esse, passei então à organização cronológica dos fatos ocorridos na vida pessoal e intelectual de MORENO buscando, para tanto, informações em diversas obras do autor. Minha intenção era estruturar os dados obtidos na forma de uma biografia que delineasse tal percurso com base nas experiências pessoais relatada pelo próprio MORENO, pois considerei ser esta referência imprescindível ao trabalho a que me propunha.

Ao organizar o trajeto moreniano, intriguei-me com algumas passagens obscuras quanto a sua educação familiar, as possíveis influências recebidas na adolescência e também quanto a sua real formação religiosa e mística, informações estas que, certamente, poderiam elucidar declarações de MORENO no que diz respeito aos marcos de sua obra, além de subsidiar dados que

¹ (*) O Psicodrama

² MORENO, J. L. *Psicodrama*, p. 50

circulam regularmente entre vários autores psicodramatistas como sendo 'seguros' (as vezes, apresentados como verdades).

Por isso, decidi ir à origem do homem MORENO, numa tentativa de desvelar referências que pudessem resgatar fatos, legitimar falas ou justificar informações. Enfim, *buscar a gênese místico religiosa do pensamento de Jacob Levy MORENO*. Pretendia descobrir algum elemento novo que pudesse iluminar a vida do " Pai do Psicodrama ".

Nesse sentido, o estudo desenvolvido por CASTELLO DE ALMEIDA e publicado no livro *Lições de Psicodrama* (1988), de construção de um quadro cronológico³ de localização histórico-cultural de MORENO foi de extrema valia, porque seu conteúdo favoreceu a organização do itinerário moreniano de forma mais completa, principalmente no que concerne às possíveis influências sofridas por ele.

Quando já estava organizado o primeiro capítulo, foi publicada a obra de MARINEAU (1989), a qual prima pela seriedade com que este autor aprofundou-se na *vida real* de MORENO e não em suposições que muitas vezes são estimuladas pelo próprio MORENO. Este estudo científico e cuidadoso veio corroborar minhas intuições primeiras, análise e interpretações da vida histórica de MORENO, deixando-me muito feliz, pois tive a certeza de que uma luz, ainda que fraca, havia se projetado sobre a gênese do pensamento e obra deste autor.

Estruturado o quadro, no qual reproduzi os elementos recolhidos, uma *surpresa: a ausência de referencial mais aprofundado acerca do Hassidismo*, movimento da mística judaica que, segundo a afirmação de vários autores, influenciou vida e obra de MORENO. *Constatado a insuficiência de dados quanto à influência judaica, questionamos se não estaria exatamente aí a possibilidade de levantar consistentes elementos que pudessem preencher algumas das lacunas deixadas (parece que propositalmente...) por MORENO. Decidi então, adotar o HASSIDISMO como referencial teórico a partir do qual procederia a investigação da gênese do pensamento moreniano e do fundamento do Psicodrama: talvez num momento longínquo de sua vida, Moreno tenha sido, de fato, adepto do movimento hassídico...*

³ O quadro cronológico em questão será apresentado no Capítulo 2 (p.68) desta dissertação, por estar mais em consonância com o tema nele abordado.

Estava consciente dos riscos de incursionar em viagem tão insólita ao universo da mística judaica, cuja linguagem e simbologia fogem aos modelos religiosos ocidentais. Compreendi desde o início que me confrontaria com sérias dificuldades quanto ao domínio correto e aprofundado de assunto tão complexo. Contudo, o apelo do desconhecido, somado às reduzidas e repetidas informações sobre o tema - produto de depoimento na maioria das vezes - me conduziu para o desafio de penetrar no Judaísmo, numa tentativa de *encontrar* elementos que no mínimo ensejem reflexões, críticas e novas leituras da obra de MORENO, porque como bem o disse GARRIDO MARTÍN (1987).

"Precisamos continuar indagando sobre a possível dependência de Moreno com relação à espiritualidade hassidista" ⁴

Apesar do tema estar presente nos estudiosos do Psicodrama, não foi possível localizar na obra moreniana explícitas declarações ou mesmo qualquer elemento que permitisse considerar esta informação como verdadeira e avaliar sua extensão e profundidade.

Alguns autores...

"Nossa tese é que Moreno em sua juventude, veio a ser uma reencarnação de Baal Schem, e que a força que o animava era a do hassidismo" ⁵

"Apesar das afirmações tão seguras de seus amigos pessoais é estranho que Moreno não nos fale diretamente deste movimento místico - espiritualista (o Hassidismo)." ⁶

"Apesar das correlações com o hassidismo, não cita textos hassídicos. refere-se muito a Bergson, Kierkegaard, Buda, Jesus Marx; por; em reconhece sua admiração por baal Shem Tov, o profeta do hassidismo. A fase mística demarca profundos sulcos em toda sua obra." ⁷

"Ainda que Martín Buber reconheça constantemente sua dívida com o hassidismo, enquanto que Moreno é menos explícito, cremos que não somos injustos interpretando a ambos os pensadores como ramificações criadoras da árvore do hassidismo." ⁸

⁴ GARRIDO MARTÍN, E. J.L.MORENO: *Psicologia do Encontro*, p.28

⁵ Apud.,Ibid,p.27 . SARRÓ, R. In: SCHUTZENBERGER, A.A. *Introducción al Psicodrama*. p. 15..

⁶ GARRIDO MARTÍN, E. J.L.MORENO, *Psicologia do Encontro*, p. 27

⁷ CRELIER, Vânia de L. Moreno Místico, In: AGUIAR, Moisés (org.) *JL Moreno. O psicodramaturgo*, p.77.

⁸ FONSECA, J. de Souza. *Psicodrama da Loucura*, p.65.

Adotei, enfim, esta premissa como referência e assumi como objetivo tentar aprofundar de forma mais consistente a possível influência do Hassidismo no pensamento e obra de MORENO, questionando sobre as razões que o levaram a não explicitar esta informação em sua obra, até porque cada vez mais fica patente que a mesma apresenta-se entranhada na teoria psicodramática através de uma concepção de homem e filosofia de vida. Além disso, parece consensual que o autor conheceu as tradições e os valores judaicos, tendo em vista o fato de que era filho de judeus e de que em sua infância é provável que tenha recebido educação predominantemente religiosa, perspectiva que justificaria o primeiro marco da criação do Psicodrama, segundo o próprio autor, "a brincadeira de ser Deus". Não fosse por estes motivos, apenas a simples leitura dos escritos de MORENO incitariam reflexões quanto à gênese de seu pensamento, pois fica subjacente à sua fala marcante lastro místico religioso.

Iniciei aqui, Minha viagem ao judaísmo...

Penetrar na história da mística judaica, provavelmente é para o homem ocidental de formação cristã uma experiência particular, na medida em que uma nova compreensão do significado da religiosidade e do conhecimento de outra dimensão do *relacionar-se com Deus* se revela como a descoberta de um universo vasto, complexo e repleto de forças que envolvem e suscitam indagações acerca da existência humana. Para mim, esta viagem foi cheia de descobertas e, uma delas, talvez a mais significativa num primeiro momento, foi exatamente ter descoberto um MORENO-homem diferente daquele que conhecia até então.

O estudo do Psicodrama fez-me conhecer a cultuada imagem de MORENO comungada pelos psicodramatistas, independentemente de suas origens: há um certo misticismo que envolve a figura do "Pai do Psicodrama", meio como um pai, meio como um Deus... Uma pessoa que trouxe claridade a regiões escurecidas na alma do ser humano contemporâneo e que por seu forte carisma seduz a todos que o conhecem.

*"Sentia repulsa pela forma com que Moreno postulava suas teorias, sentimento este que me levou à aproximação da teoria moreniana.(...) Comecei por compreender o quanto se exige de um gênio. Moreno o foi. Um gênio que não soube articular suas contribuições teóricas..."*⁹

Também fui seduzida, é verdade, porém comecei a enxergar MORENO sob outra ótica, a partir do estudo do Judaísmo e do Hassidismo. No início do estudo, com certa resistência, vislumbrei um homem que não correspondia à imagem cultuada. Gradativamente, compreendi que a nova leitura era consequência do novo referencial histórico-cultural, o qual fugia aos padrões ocidentais aos quais habituamo-nos. Senti-me pouco a vontade, na época, para assumir a insólita perspectiva, não obstante acabei reconhecendo a importância de fazê-lo por ser fruto de um estudo sério e comprometido e, principalmente, porque intrinsecamente carregava em si a possibilidade de iluminar a história pessoal de MORENO e sua criação teórica: *a história de um judeu que nasceu e viveu até sua vida adulta na Áustria, pólo criativo científico, político e cultural da conturbada Europa Oriental do começo do século e, depois, no país de maior população judaica do mundo, os Estados Unidos da América.*

A radiografia de MORENO vista através dos raios do Judaísmo, conformou paulatinamente a imagem de um homem conturbado, judeu, como tantos outros de sua época, que sentia-se confuso frente aos problemas de seu povo.

Conheci, então, um menino judeu - *"Meu primeiro nome foi Jaques ou Jacobo, escrito por inteiro como Jacobo MORENO Levy"*¹⁰, que através das brincadeiras infantis representava seus valores e referenciais religiosos. Um adolescente que, rebeldemente e a seu modo, buscava formas alternativas de compreensão da essência humana e de aceitação de si pelo mundo hostil a sua volta. Um adulto que vulnerável ao difícil momento histórico - cultural de sua vida, confundia-se nas próprias ações, idéias e ideais. E, um velho senhor, que sentia-se fracassado apesar de tudo o que tinha construído para a humanidade.

Esse ser humano se me apareceu assustado com tamanha contradição entre o ideal judeu, segundo os princípios da doutrina hassídica e a triste realidade dentro da qual vivia homens

⁹ BUSTOS, Dalmiro M. *O teste sociométrico*, p.14.

¹⁰ CUSCHINIR, Luiz. *O Psicodramaturgo*, p. 39.

comuns, judeus, no começo do século: *um homem que lutou incessante e desesperadamente para conciliar um ideal religioso (hassídico ?) e a própria existência, sem ter sentido que conseguiu.*

Ironicamente, este tema só interessava como um *balanço* produto da tentativa de construção de uma biografia que apresentasse novos dados acerca da formação deste polêmico autor e elementos que apontassem para os *fundamentos* de sua obra. Orientei-me, então, para um *capítulo analítico - biográfico* que tem como pano de fundo o *Judaísmo e o movimento hassídico*, no qual iniciei uma reflexão sobre fatos pessoais e históricos que caracterizaram o itinerário de MORENO e, em alguns momentos - dados os limites de uma dissertação de mestrado - interpretar atitudes, comportamentos, crenças e desvios de percurso de Jacob Levy MORENO.

Minha hipótese, embora contundente, tem como alicerce a *história de MORENO narrada pelo próprio MORENO*, a qual se me revelou, *segundo a ótica do Judaísmo, como sendo a história de um homem judeu, filho de judeus, integrante de uma comunidade judaica da Europa Oriental do começo do século XX, que àquela época sofria fortes sanções e discriminações sociais, políticas, ideológicas, culturais e éticas e que por impossibilidade humana de sobreviver psicologicamente ao status quo austríaco, negou sua formação judaica, desistiu de sua religião e abriu mão de sua origem quando decidiu ir para os EUA, país em que julgou existirem maiores perspectivas para a realização de sua 'idéia fixa'.*

Meu *des-encontro* com MORENO, levou-me à preocupação de estar incorrendo em leitura pessimista demais ou de um negativismo forçado sobre o autor, pois os autores estudiosos da obra moreniana (exceto pelas manifestações de BUSTOS que muito sinceramente revela seus sentimentos ambíguos quanto à excentricidade do homem MORENO), parecem não manifestar curiosidade para descobrir talvez o lado sombrio e amargo deste que foi consagrado por ter trazido a *alegria às psicoterapias*, classificação da qual se orgulhava.

Entretanto, conforme as leituras fecundavam reflexões fundamentadas em fatos da vida do autor e dados histórico-culturais substantivos, paulatinamente compreendi a relevância do trabalho e a ausência de espaço para especulações levianas.

NAFFAH NETO diz em *O Dramaturgo*:

" *Quem foi, pois, esse homem, um farsante ou um gênio ?*
...todo farsante é um pouco gênio e todo gênio é um pouco farsante. A genialidade do farsante é uma qualidade dramática, capaz de tornar verossímil o que representara. A farsa do gênio é toda a idealização, o carisma que o cercam e que ele termina por encarnar, aparecendo maior do que, de fato, é.(...)Pois Moreno foi, pelo modus operandi com que questionou e transformou a cultura de seu tempo, um pouco farsante e um pouco gênio." ¹¹

O questionamento de NAFFAH NETO é pertinente! Eu também comecei a indagar " - *Quem foi realmente Moreno? Quais eram suas verdadeiras motivações? Como chegar até ele e tentar compreendê-lo?*

Com estas perguntas na cabeça, iniciei a reconstrução da vida do autor. Despojei-me das *conservas culturais* adquiridas com a formação psicodramática, abafei a paixão por Moreno, afastei-me do Psicodrama e, deixei fluir os pensamentos... Queria estar aberta para conhecer apenas um *homem comum*...

Cheguei ao que passo a apresentar:

No *Capítulo I*, debrucei-me sobre o estudo e a compreensão do *homem Jacob*, buscando, de certa forma, a história não relatada de sua vida pessoal. Esforcei-me por entender suas motivações mais recônditas, aquelas que todos têm, mas não revelam sem a intimidade da convivência. repassei todas as fases da vida de Moreno e cheguei ao *homem judeu Moreno* e ao que denominei de *negação do misticismo e a busca de uma identidade*, que parece-me não ter sentido encontrar mesmo no final de sua vida... descobri o sentido de sua *idéia fixa* e, segundo minha leitura, compreendi que Moreno planejou construir, a partir de si, um *líder*, que teria como tarefa transformar o mundo.

O *Capítulo II*, reservei ao estudo do Judaísmo (grande e bela viagem...), visando entender melhor a fase da *escrita religiosa e pesquisar de forma mais aprofundada as (possíveis) reais influências do Hassidismo sobre a gênese do pensamento de Moreno*. Fui, então, à história do povo judeu e do Judaísmo, a fim de entender como sente, pensa e age um judeu, e, acima de tudo,

¹¹ NAFFAH NETO, Alfredo. *O Psicodramaturgo*, p.14

focando possíveis pontos de contato com a teoria moreniana. Cheguei, deste modo, à última corrente da mística judaica - o *Hassidismo* - e descobri que do movimento hassídico, *Moreno retirou de Baal Shem e dos tzadiks, o modelo para construir seu personagem de líder e realizar sua 'idéia fixa'*. Por outro lado, o pensamento e obra de *Moreno têm sua gênese e fundamento no Judaísmo, enquanto doutrina que orienta para a vida cotidiana, como uma ética transformada em símbolos, rituais e crenças*. Com base neste estudo, finalizo analisando elementos desta influência na construção do Psicodrama, buscando caracterizar sua gênese místico religiosa.

Vale ressaltar que como inúmeros são os estudos sobre a teoria psicodramática, não assumi como objetivo deste trabalho, tratar destas com profundidade, pois meu propósito era exatamente centrar minhas atenções à questões não explícitas da vida e obra do autor. Assim, os conceitos de *espontaneidade-criatividade, tele, conserva cultural, etc.* foram abordados, sucintamente, em função do objetivo descrito.

No último *Capítulo - o III -*, dedico-me à aplicação do psicodrama como instrumento educacional, resgatando para tanto um pouco da história de *Maria Alicia Romanã*, a principal responsável por este ganho da Educação e realizo uma reflexão sobre alguns aspectos da realidade do Psicodrama Pedagógico e do educador psicodramatista. Finalmente, objetivando concluir o presente estudo, analiso a situação da educação enquanto processo ensino-aprendizagem, que privilegia a dimensão cognitiva do educando, através do culto à razão e intelecto, denunciando a ineficiência quanto ao objetivo primeiro da educação, que é *formar o homem pleno*. Com base na *concepção psicodramática de homem espontâneo e criativo, proponho a adoção do instrumento psicodramático em sala de aula como forma de promoção do auto conhecimento, do sentido das relações humanas e, conseqüentemente, promovendo o resgate de valores humanos e redimensionamento das relações sociais na vida cotidiana*.

CAPÍTULO 1

Que ele foi um espelho eloqüente das misérias e das grandezas, das mistificações e das glórias que nos atapetam o ser, são testemunhos o desprezo e a admiração concomitante que sempre despertou nos seus contemporâneos. Entretanto, quem o conheceu de perto, o descrevia como um homem simples, alegre, que gostava de reunir pessoas à noite e passar longas horas contando suas histórias. Na única ocasião em que estive em Beacon, e ele já estava morto, pude ver o respeito e a reverência que todos dedicavam à memória daquele que designavam simplesmente como "The Doctor". Com tudo isso, a verdade é uma só: se ele não tivesse nascido, todos nós, terapeutas, neuróticos, loucos, educadores, etc. teríamos perdido a chance de vislumbrar alguns clarões - fundamentais e únicos - no seio dessa imensa escuridão que envolve nosso universo comum. Não é razão mais do que suficiente para festejar e enaltecer o fato de ele um dia ter existido ?

Alfredo Naffah Neto

Des-encontro com Moreno

O Homem Moreno

Para tentar resgatar o *ser humano* MORENO, foi preciso esquecer, temporariamente, que ele é um importante autor contemporâneo e olha-lo como uma pessoa comum para, pouco a pouco, ir juntando os pedaços de sua vida resgatados por ele ou narrados por pessoas que fruíram de sua convivência. Correlacionei elementos factuais da vida de MORENO à fatores histórico-culturais, objetivando eliciar informações que possam projetar luz a fatos desconhecidos ou 'esquecidos' de sua vida, às origens de seu pensamento e, conseqüentemente, à sua *criação mais pessoal*, o Psicodrama.

No desenvolvimento desta correlação, procurei recuperar em primeiro plano os fatos relatados por MORENO em suas obras. Quando isso não foi possível, recorri a autores reconhecidos no movimento psicodramático por sua autoridade como estudioso de MORENO. O estudo histórico biográfico desenvolvido por MARINEAU, publicado em 1992, é de inestimável valor, pois trouxe informações de relevante significado à reconstituição deste mosaico. Assim, pelas qualidades científicas deste trabalho, a ele me reportarei (inevitavelmente) com regularidade.

As citações que apresento, a seguir, (extensas, reconheço...) me permitirão caracterizar com maior justeza o *homem* MORENO, que, neste percurso, se me apresentou numa nova perspectiva.

Ascendência

*"Moreno's ancestors settled in Turkey, in Constantinople, around 1492, under the family name Levy (...) Moreno's grandfather was named Buchis and that he moved from Constantinople to Plevna (now Plevna in Bulgaria) and then to Bucarest, probably during the war between Turkey and Russia."*¹²

*"Moreno era de origem judaica (sefardim); sua família veio da península ibérica e radicou-se na Romênia, na época da Inquisição"*¹³.

*"Não tendo sido registrado em Bucarest pelos pais ainda muito jovens (seu pai era de descendência judia-espanhola e sua mãe eslava), adquiriu posteriormente a nacionalidade romena..."*¹⁴

*"Era de família judia, originária da Península Ibérica, radicada na Romênia."*¹⁵

"Moreno's father, Moreno Nissim Levy was born, probably in 1856, in Plevna. This city was then part of Turkey, which explains his Turkish nationality, a nationality which he passed on to his own children; he later acquired Roumanian citizenship.

*Moreno's mother, Paulina, was also of Sephardic descent, but the original family name is unknown (...) was born on 14 November 1873 (...) was sent to a Catholic convent in Bucarest where she was exposed to French culture and language and almost converted to Catholicism. However, the two brothers took her out of boarding school before her fifteenth birthday and began to search for a suitable husband for their sister. The marriage of Moreno Nissim Levy and Paulina Iancu took place in 1888 (...)"*¹⁶

KNOPLICH (1974) em seu artigo sobre o período do Iluminismo Judaico - *Hascalá* - refere-se ao fato histórico de que a Europa Oriental sempre esteve *em atraso frente a evolução dos países do ocidente* e destaca que a maior concentração de judeus ocorria na Polônia, Rússia e *representante típico do país eslavo.*¹⁷

¹² MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889-1974*, p. 04

¹³ CASTELLO DE ALMEIDA, Wilson. *Lições de Psicodrama*, p. 11.

¹⁴ ANZIEU, Didier. *Psicodrama Analítico*, p. 19.

¹⁵ FONSECA FILHO, José de S. Fonseca. *Psicodrama da Loucura*, p. 02.

¹⁶ MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974*, p. 05.

¹⁷ Nota. O atual território da Rússia era a região onde viviam os eslavos. Esta região possuía florestas e era cortada por inúmeros rios que desaguvam no Mar Negro ou no Mar Báltico. Por esta via fluvial, os normandos - o povo dos vikings - através do Mar Báltico, que banha as costas da Suécia, chegaram até a costa báltica da Rússia, penetrando nas estepes russas pela rede de rios e ali fundando as primeiras cidades da região, sendo a principal delas Kiev.

No século X, Kiev passa a ser o centro do estado normando eslavo e a cidade mais avançada da região porque entreposto comercial. Em 969, conquista a Cazária, cujo rei Bogdan convertera-se ao judaísmo no ano 750, instalando um reino judaico na Rússia.

As condições sociais e econômicas do reino polonês, por volta de 1750, eram alarmantes, pois representavam um processo acelerado de desintegração da Polônia, que foi devastada no século anterior por guerras, ficando sem fronteiras para proteger-se de mais ataques dos países vizinhos - Rússia, Áustria e Prússia - e sem um sistema político definido.

Em 1764, por causa da crise econômica do país, os judeus que já sofriam taxaões de impostos, controlados por uma instituição judaica reconhecida pelo governo polonês - *Vaad Arba Aratzot* - vêem a dissolução de sua instituição, passando a ser exorbitantemente taxado diretamente pelos representantes do reino. Além disso, o anti semitismo¹⁸ tinha se intensificado a partir do começo do século e os judeus passaram a ser acusados, como na Idade Média, de assassinato ritual de cristãos para o uso de seu sangue; foram perseguidos e acusados de feitiçaria; eram sempre considerados os primeiros suspeitos e, por isso, foram queimados vivos. A situação era tal que, em 1758, o *Vaad* pede ao papa que desminta, mas apesar da comissão de investigação ser favorável aos judeus, na Polônia nada mudou.

Este quadro desolador piora com as invasões de 1772, 1792 e 1795, que tinham como objetivo a posse das terras polonesas. Com um território cada vez menor, a Polônia desaparece no início do século XIX.

O povo polonês empobreceu brutalmente, e os judeus da região, que já eram pobres, ficaram em péssima situação existencial,

*"Neste ambiente de miséria e insegurança, o sabatianismo havia se propagado. Mas, o fato de ser tão oposto a tudo o que o judaísmo considerava válido impediu-o de se tornar um movimento popular. As massas judaicas continuavam à espera de uma doutrina que aliviasse seus sofrimentos, ao menos no plano religioso, já que no plano prático as transformações dependiam da vinda do Messias - como pensavam os judeus da época - ou de uma revolução total na sociedade - como pensarão alguns judeus do século XIX. "*¹⁹

Com a conquista da Cazária pelos povos normando eslavos, "... numerosos cazaros vão para Kiev, que assim se torna a primeira cidade da Europa Oriental a possuir uma comunidade judaica, por volta do ano 1000." (MEZAN, Renato (org.) *Caminhos do Povo Judeu*, VOL III, Editado pela Federação Israelita do Estado de São Paulo. 1982, p.286.)

Os judeus de Kiev viviam em um bairro próprio, entre os quais estavam os judeus provenientes da Cazária e os da Alemanha. E é este grupo de judeus que formarão a comunidade judaica do Europa Oriental.

¹⁸ *Anti semitismo*: é um movimento político de oposição aos judeus e sua organização

¹⁹ MEZAN, Renato (org.) *Caminhos do Povo Judeu*. Volume III, p. 326.

A situação dos judeus orientais não era favorável a uma existência digna. No plano social, as péssimas condições de vida exigiam uma solução a qual, tendo em vista o atraso no desenvolvimento da sociedade oriental e, no plano espiritual, a crença no *Shabetai Tzvi*, líder do movimento *sabatianista*, defendia que apenas eles eram "*...os únicos portadores da Verdade e todo o resto do povo judeu era composto de pecadores*".²⁰ Desesperançado, o judeu polonês viu surgir, em meados do século XVIII, entre 1740 e 1760, um movimento de retorno às origens místicas através da emergência, crescimento e difusão no século XIX, do hassidismo, cujo líder era *Baal Shem*.

Baal Shem nasceu por volta de 1700 e morreu em 1760. Quase um século após a sua morte, o hassidismo tornou-se um movimento forte, que espalhou-se pelo país através das ações do *Dov Beer*, o *Maguid de Meseritch*, como veremos no capítulo 2.

A mãe de MORENO, *Paulina Iancu*, nascida em 1873, e seu marido, nascido em 1856, eram judeus de ascendência sefardim²¹. Segundo MARINEAU, é provável que suas famílias, tivessem se fixado na Turquia ou Grécia e posteriormente, com a abertura dos portos para o comércio, tivessem se transferido para Calarasi via a rota de Constanta, seguindo para Bucarest (Romênia), na Europa Oriental, onde vivem os judeus de *origem eslava*, que receberam maior influência do Hassidismo: aqui talvez tenha se estabelecido o primeiro contato real entre a família de Moreno e o movimento hassídico.

A história da migração dos sefarditas foi muitas vezes contada para MORENO, em sua infância.

O pai de Paulina morreu quando ela ainda era menina, deixando-a aos cuidados de dois irmãos mais velhos, que colocaram-na num convento católico para estudar.

"Paulina foi enviada a um convento católico em Bucarest, onde ficou sob a influência da cultura e da língua francesas e quase se converteu ao catolicismo. Entretanto os dois irmãos tiraram-na do pensionato antes dos quinze anos e começaram a procurar um marido

²⁰ IDEM, p.330

²¹ Nota: Os judeus sefardita são os seguidores do Judaísmo que, no século XV e XVI, migraram em grandes grupos da Espanha e de Portugal para o Oriente Médio e na Bacia do Mediterrâneo.

adequado para ela.(...) Foi sob muitos aspectos um casamento de conveniência." 22

A saída do convento interrompeu um processo de *assimilação*²³ em curso: Paulina, por influência da educação cristã, estava se desviando do Judaísmo e desenvolvendo em si a devoção a Jesus Cristo. A mudança brusca na vida de Paulina com a saída do convento e o casamento forçado, com um homem que não conhecia, além de muito mais velho (Paulina tinha na época 14 anos e seu marido Nissim Levy 32 anos), provocou sofrimento e dias difíceis. Paulina logo engravidou de MORENO e colocou a expectativa de uma vida melhor no filho que iria nascer.

" Embora fosse judia sefardim, estava muito próxima dos valores cristãos por leituras do Novo Testamento e pela influência das freiras da escola católica. Seu herói que deveria tornar-se o modelo de Moreno, era Jesus Cristo.(...) Paulina e Nissim casaram-se em 1886 e mudaram-se para Bucarest, onde já vivia parte da família do marido." 24

Entre mãe e filho estabeleceu-se, desde o início, um forte vínculo. MORENO em torno de um ano adoeceu gravemente e sua mãe, em consulta a uma cigana, ouviu uma profecia sobre o futuro de seu filho: *" Chegará dia em que esta criança se tornará um grande homem. Chegará gente de todo mundo para vê-lo. Ele será homem bondoso e sábio."*²⁵ Supersticiosa, sofrida e imatura, Paulina assumiu que seu filho era *especial* e que Deus o tinha dotado de poderes para realizar *importante missão* na terra.

Através das citações acima, é possível constatar que, além da influência judaica da comunidade dentro da qual vivia, *o Pai do Psicodrama, em sua infância recebeu fortes influências da religião católica, dado a formação materna .*

Esse resgate histórico, justifica a origem real da influência religiosa oriunda de duas concepções distintas - judaica e católica - e explica também a ocorrência da *"Brincadeira de ser*

²² MARNEAU, René F. J.L. *Moreno - 1889 - 1974*. , p. 19.

²³ *Assimilação* é o processo de incorporação da cultura (costumes, valores e crenças) do país dentro do qual a comunidade judaica está inserida. O processo de assimilação provoca acentuada rejeição, por parte da judiaria, contra o judeu assimilado.

²⁴ IDEM. p.27.

²⁵ IDEM.p.29.

Deus", bem como sua importância para o autor, enquanto marco de criação do Psicodrama, o que veremos a seguir.

Como diz MARINEAU: "*O despertar religioso de Moreno foi uma mistura de crenças judaicas e valores cristãos.*"

Nascimento

"Nasci numa noite tempestuosa, num navio que singrava o Mar Negro, do Bósforo a Constança, na Romênia. Foi na madrugada do Santo Sabbath e o parto teve lugar logo antes da oração inicial(...). O anonimato do navio deu início ao anonimato do meu nome e ao anonimato da minha cidadania." ²⁶

"A data de nascimento de Jacob Levy Moreno é dada como 20 de maio de 1892. Ele próprio duvidava disso, acreditando ter nascido em 1889 ou 1890." ²⁷

"Sou uma nota de uma autobiografia religiosa. Estou incluída num livro sobre religião e diferentes colocações de pensadores e filósofos. Moreno diz: (...) Em vários lugares, o ano de meu nascimento é dado como 20 de maio de 1892. Eu não tenho certidão de nascimento e é possível que eu tenha nascido em 1889 ou 1890, comparando minha idade com aquela que me segue, minha irmã Vitória(...)." ²⁸

"O discutido criador do Psicodrama, Jacob Levy Moreno, nasceu a 19 de maio de 1892, a bordo de um navio que fazia a travessia do Bósforo ao Porto de Constança." ²⁹

"Descobri que, apesar de ele ter recriado seu nascimento como tendo sido navegando no rio Bósforo, Moreno detestava água." ³⁰

"Em relação à data e ao local de nascimento existe controvérsia, esclarecida pelas pesquisas de Gheorge Bratescu, que afirma ser 6 de maio de 1889 a data exata do nascimento de J. L. Moreno, na cidade de Bucarest, na Romênia." ³¹

²⁶ Apud. MORENO, J.L. *Autobiography*, 1985. cap. 1 p. 6. In: IDEM, p. 20.

²⁷ FONSECA FILHO, José de S. *Psicodrama da Loucura*, p. 01

²⁸ CUSHINIR, Luiz. In: *O Psicodramaturgo J.L. Moreno*, p. 39

²⁹ BERMUDEZ, Jaime G. R., *Introdução ao Psicodrama*, p. 131

³⁰ BUSTOS, D.M. *O centenário do mestre*. In: *O Psicodramaturgo J.L. Moreno*, p. 26

³¹ ALMEIDA, Wilson C. *Lições de Psicodrama*, p. 11

"A criança nasceu às quatro horas da tarde se 18 de maio de 1889, na casa de seus pais, na Rua Serban Voda. Seu pai não estava presente na hora do nascimento. O registro oficial do nascimento foi assinado por amigos da família e membros da comunidade sefardim, Abran Mitram, Salomon Alseh e Salomon Athias. " ³²

Segundo a percepção de BUSTOS, MORENO *recriou* seu nascimento. Talvez como uma forma de, desde o início de sua biografia publicada, introduzir elementos que criassem um *clima diferente* dos culturalmente inerentes aos nascimentos comuns. CASTELLO DE ALMEIDA, com propriedade, analisa como o fato de alguém *nascer num navio* pode suscitar inúmeras alegorias ou interpretações:

"Nascer no bojo de um navio seria o mesmo que nascer em uma arca ou em uma cesta, seria emergir das águas à semelhança de Moisés.(...) o enfrentamento de uma travessia marítima, com tempestades e bonanças, pode representar a própria vida.(...) Nascer em um navio sem bandeira é ser 'cidadão do mundo'.(...) Numa das interpretações tomadas da psicanálise, a barca é o ventre materno ou o seio das primeiras horas. " ³³

A verdade é que MORENO inventou uma dúvida para *criar magia em torno do local de seu nascimento e polêmica acerca da data*. Nas citações acima, fica claro que deve ter havido um motivo para tal decisão.

Todos conhecem através dos textos morenianos e de depoimentos dos que com ele conviveram, seu jeito arrojado de fazer emergir questões, que provavelmente colocadas de outra forma certamente não despertariam atenções... Sabemos que há situações em que se desconhece a exatidão de informações sobre local e/ou data de nascimento de pessoas comuns, sem que tal acontecimento ganhe projeção significativa. Entretanto, no caso de MORENO, *ele próprio estimula a compreensão de sua obra a partir de sua estória pessoal*, remetendo-nos às suas origens tal qual o objeto deste e outros estudos sobre o Psicodrama e *instiga* dúvidas sobre esta data, parecendo querer imputar maior importância ao fato, do que este realmente merece.

³² MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974*. p. 20.

³³ CASTELLO DE ALMEIDA, W. *Encontro existencial com as psicoterapias*, p.14-15

Em seu texto, *The First Psychodramatic Family*, MORENO sugere que criou uma *biografia psicodramática* para si e que esta é diferente de "**...uma biografia histórica analítica.**" Por outro lado, MARINEAU novamente retira uma névoa da vida de Jacob Levy, quando faz vir à tona sua história pessoal. O pesquisador descobriu que os registros de MORENO na Europa, tais como seus documentos da Universidade de Viena, onde estudou Medicina, *sempre constavam de dados verdadeiros quanto a data e o local de nascimento do pequeno Jacob.* Identificou também que o primeiro momento em que MORENO cria uma simbologia para seu nascimento, foi *após sua emigração para a América.*

MARINEAU considera que "**... é importante esclarecer porque Moreno criou a estória de seu nascimento e permitiu que assim ficasse. (...)** e diz ainda que "**... O mito faz sentido, não para um pesquisador empenhado em fatos históricos, mas para uma análise das motivações de MORENO.**" , para isso levanta hipóteses³⁴.

Inicialmente esta não era uma preocupação no estudo que ora realizo, entretanto à medida em que fui adquirindo a *perspectiva do todo da vida e obra do criador do Psicodrama*, naturalmente esta questão presentificou-se, transformando-se também em preocupação quanto a *análise de suas razões*, pois esta compreensão pode oferecer subsídios à compreensão da gênese de seu pensamento, objetivo primeiro deste trabalho. Neste sentido, o estudo sobre o Judaísmo e o Hassidismo apontaram para a hipótese de MORENO ter criado uma mistério acerca de seu nascimento como uma forma de:

1º) *introduzir um componente mítico que pudesse, com o tempo, ganhar corpo de "lenda" como aconteceu... É só observar o modo como o nascimento do menino Jacob é descrito e interpretado pelos autores psicodramáticos.*

2º) *quando da emigração para os Estados Unidos, retomou o projeto de construção de um personagem - um líder que tinha a missão de transformar as relações humanas, cuja modelo foi o lendário líder Baal Shem.*

³⁴ René MARINEAU realiza uma série de suposições sobre prováveis razões de Moreno para assumir a criação destes símbolos. Não as abordarei aqui tendo em vista que minha análise se direciona para outro referencial - o judaico. Assim, para aprofundar a reflexão de MARINEAU, René F. J. L. Moreno - 1889 - 1974. pp. 22-25.

MARINEAU revela que " *Em criança, MORENO recebeu instrução religiosa em Bucarest, do rabino Bejarano.*" Neste período, até mesmo pela proximidade histórica temporal e espacial, MORENO seguramente aprendeu a importância do hassidismo para o judeu do povo e conheceu a história do líder *Baal Shem*. Como nesta época era muito jovem e sofria forte influência das concepção católica materna, MORENO só foi aprofundar seus conhecimentos na adolescência e principalmente após ter conhecido *Chaim Kellmer*, quando então decidiu agir como um *tzadik hassídico*, passando a andar no meio das pessoas, conversando com elas ou vestindo-se como um 'profeta'.

Foi este o momento que assumiu definitivamente a construção do líder, com base no líder hassídico. E, vislumbrou na nova terra - os EUA - um lugar seguro para retomar tal projeto, principalmente porque na cultura ocidental não havia líderes religiosos e, muito menos se conhecia a fundo a história do povo judeu, hipótese esta que aprofundaremos na interpretação das próximas fases e no Capítulo 2, quando correlacionamos a vida deste dois 'líderes'.

Infância

"Quando eu tinha quatro anos e meio(...) as crianças propuseram: 'Vamos brincar.' Um deles perguntou: 'De quê?' Já sei - disse eu - vamos brincar de Deus com os anjos.' As crianças indagaram: 'Mas quem é Deus?' E eu respondi: 'Eu sou Deus e vocês os meus anjos.'(...) Foi esta, que eu me recorde, a primeira sessão psicodramática 'particular' que conduzi. Eu era, ao mesmo tempo, o diretor e o sujeito. " ³⁵

A primeira questão que me ocorre é pensar sobre as brincadeiras infantis, enquanto atividade lúdica cujo fundamento maior é a *apreensão* do mundo dentro do qual a criança vive. É através da brincadeira que a criança introjeta os valores de seu momento histórico, cultura e família, manifestando e elaborando suas aquisições cognitivas e seus sentimentos.

³⁵MORENO, Jacob L. *Psicodrama*, p 51

Esta brincadeira, segundo MORENO proposta por ele às crianças, revela o conteúdo místico religioso de sua vida durante a infância e a influência da formação católica de sua mãe associada à influência judaica, oriunda da comunidade e das aulas com o rabino Bejarano. MORENO, ao relatar esta brincadeira, também esboça sua posição de liderança - compreensão criada pela sua mãe - a qual cultivava, posteriormente, na adolescência e vida adulta.

Conforme pesquisa de MARINEAU, Paulina Iancu ouviu uma profecia sobre o futuro de MORENO, na qual acreditou e baseada nesta crença infundiu na cabeça da pequena criança sua futura '*idéia fixa*', que, por sua vez, deu base à construção de um *lider*.

" Essa história é tão importante, porque criou na mente da mãe a idéia de que o filho não era uma criança comum. Desde aquele dia ela acreditou que Deus tinha lhe dado a importante missão de recuperar a saúde da criança e prepara-la para sua futura jornada. Começou a dar a Jacob uma atenção especial e, sem perceber, assentou os fundamentos de seu futuro sonho megalomaniaco. Contou a estória da profecia às pessoas e, em consequência disso, o jovem Jacob desenvolveu uma relação muito especial com aqueles que o cercavam. " ³⁶

MORENO considera a "*Brincadeira de ser Deus*" como o *primeiro marco* para a criação do Psicodrama, pois acredita ter sido esta experiência pessoal que possibilitou, conforme diz, a "*primeira inspiração*" para a criação do palco psicodramático na forma que tem, bem como a idéia do que mais tarde veio a se caracterizar como a *Teoria dos Papéis*³⁷, em função do fato de ter assumido e protagonizado o papel de Deus. Entretanto, *o autor não revela que esta 'brincadeira' não aconteceu apenas uma vez, como nos faz entender, mas que era uma de suas 'brincadeiras preferidas'*.

Novamente a questão que se coloca é : - *Porque MORENO dá um viés diferente à realidade vivenciada por ele ?*

³⁶ MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974*. p. 29.

³⁷ *Teoria dos papéis*: Para Moreno, o papel é "*uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações por que o indivíduo passa (por exemplo, o comedor, o pai, o piloto)*" O papel pode ser imaginário ou real e na relação social identifica contrapapéis nos outros. O papel refere-se à reação do indivíduo (forma de comportamento expressado) numa dada situação, frente a objetos e pessoas. Segundo o autor, há 3 tipos de papéis: a) papéis sociais, que expressa a dimensão social dos papéis assumidos, b) papéis psicossomáticos, que expressam a dimensão fisiológica e c) papéis psicodramáticos, que constituem a dimensão psicológica do eu. Os papéis sociais desenvolvem-se após os outros e apóia-se nestes, como formas anteriores de experiências.

"Em criança, Moreno brincava de uma maneira que não só refletia suas crenças religiosas, mas também dava idéia de como já tinha introjetado a percepção de um destino especial. Seu brinquedo favorito era fazer o papel de Deus. Fazia-o com frequência, construindo com outras crianças um palco que representava o céu - e sempre quebrava os móveis: era preciso chamar um marceneiro regularmente para consertar mesas e cadeiras após essas brincadeiras." ³⁸

MARINEAU acrescenta que descobriu que a Brincadeira de ser Deus, além de ser repetitiva, era uma brincadeira apoiada sistematicamente pela mãe de MORENO, que a considerava um aquecimento para a futura missão : MORENO estaria se preparando para associar seu nome ao de Deus Criador. Mais tarde, esta concepção de papel a ser desempenhado e o recurso do aquecimento para desempenha-lo foram introduzido como conceitos da teoria psicodramática.

A constatação da existência desta brincadeira legítima a existência das duas influências religiosas: a primeira refere-se à crença em um só Deus, todo poderoso do catolicismo - onisciente, onipotente e onipresente, mas cujo nome não pode ser evocado em vão; a segunda refere-se à concepção judaica, também monoteísta, que realiza o encontro com o Deus Criador, através da experiência mística, ou seja, da vivência divina dentro de si, como dita o Judaísmo.

A influência de Paulina foi tão acentuada e a consequência emocional na formação da identidade de MORENO tão profunda, que o autor, em criança, na época em que entrou na escola, assumiu como verdadeira esta representação do Divino, confirmando esta identificação com Deus-Pai, a ponto de não querer mais ser chamado pelo próprio nome, mesmo pelos familiares. Segundo MARINEAU, MORENO menino dizia: "ninguém chama Deus pelo nome."

Surpreendentemente, MORENO conseguiu, que à semelhança de Baal Shem, que esta história se torna-se lenda entre seus alunos, conforme lembra MARINEAU.

Narra MORENO, a transferência de sua família para Viena, quando tinha cinco anos... Segundo o resgate histórico de MARINEAU, esta mudança ocorreu em 1905, quando o menino Jacob tinha 6 ou 7 anos... Novamente, constata-se dados não coincidentes entre a realidade e a fala do autor.

³⁸ MARINEAU, René F. *Jacob levy Moreno - 1889 - 1974*, p. 29.

A vida em Viena é importante para a reconstrução das possíveis influências sobre o pensamento do criador do Psicodrama, porque foi neste novo contexto sócio-cultural que Paulina, sua mãe, teve a oportunidade de viver entre judeus e refugiados, adaptando-se à vida no 'segundo bairro' de Viena. Apesar de adaptados, sentiam-se marginalizadas da sociedade vienense, tanto quanto os refugiados. Neste período, Paulina levava seus filhos aos Jardins de Augarten, conhecidos por nós através do relato de MORENO de suas *Revoluções nos Jardins de Viena*, da adolescência e considerado também *marco do Psicodrama*.

MORENO entrou na escola em Viena e se saiu bem como aluno estudioso que era. A indefinição da mãe quanto ao que seria melhor em termos da formação do filho preferido, deu brecha à sugestão do pai : *Jacob devia ser médico*, como seu tio que morrera em Constantinópla àquela época. Aí, iniciou-se o uso comum de outro nome para MORENO, *Doutor*, denominação que ocorria paralelamente à exigência de MORENO de não ser chamado de Jacob ou Jacques, mas de 'você', como um caso especial de Deus.

MARINEAU diz que aí inciou a fase do *anonimato*, tão importante para o jovem MORENO.

Adolescência

Abordarei a seguir, sucintamente, o *conceito de adolescência*, oriundo do conhecimento científico da área de Psicologia, a fim de subsidiar possíveis análises e interpretações de fatos ocorridos na adolescência de MORENO, pois esta fase reveste-se de obscuridade.

A Psicologia Moderna define a *adolescência* como sendo uma fase de intensas transformações biológico-somáticas, psicológicas e sociais do jovem, durante a qual a criança em crescimento acentuado vivencia o presente, se percebe e se projeta para o futuro. Nesse processo finaliza-se a etapa infantil e se inicia os primórdios do ser adulto.

A adolescência é um período de busca da *identidade*, que envolve

a) a *definição ocupacional* do jovem, refletindo a antiga pergunta da infância: - O que eu vou ser quando crescer ? e, implica na introjeção do sentimento e *necessidade de autonomia* da família enquanto instituição e dos pais enquanto autoridade,

b) a incorporação de uma *identidade sexual*, a partir dos quais valores morais e éticos são estabelecidos e implicam na introjeção do sentimento de *responsabilidade* sobre as próprias ações.

Como fase de transição, a adolescência caracteriza-se por profundas e constantes transformações, que variam de acordo com cada indivíduo jovem, mas preservam características comuns, intrinsecamente, ao processo. Segundo Erick ERIKSON (1963)³⁹, estudioso da personalidade desde o ponto de vista das demandas culturais e sociais sobre a criança e da estruturação da identidade, *a adolescência é um estágio psicossocial, no qual ganha destaque a relação que se estabelece entre identidade X confusão de papéis e, durante o qual,*

"o indivíduo começa a experimentar o sentimento de que possui uma identidade própria, o sentimento de que é um ser humano único e contudo preparado para se encaixar em algum papel significativo na sociedade, seja este um papel adaptativo ou inovador. A pessoa torna-se consciente das características individuais que lhe são próprias, como as preferências e as aversões, os planos para o futuro e o poder e o propósito de controlar o próprio destino. Este é um tempo de vida no qual se deseja definir o que se é no presente e o que se quer ser no futuro. É um tempo para elaborar planos vocacionais." ⁴⁰

É um tempo de *definições* para o futuro e de *perdas* do passado: perda do corpo infantil, perda da identidade de criança, perda dos cuidados dos pais, perda dos ídolos e heróis da infância que são descobertos e desmascarados (- Papai Noel não existe!). Poder-se-ia dizer que esta se constitui uma fase de luto, porque representa a morte simbólica da criança.

As crises da adolescência são revolucionárias e estruturadoras, implicando, portanto, em *rupturas e reorganizações internas*, as quais ocorrem, simultaneamente, ao processo de:

³⁹ Apud. BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. pp.263 -266.

⁴⁰ LINDZEY, Gardner & HALL, Calvin S. *Teorias da personalidade*. VOL I. p.71.

a) *intelectualização* intensa do jovem, que se manifesta através da busca do *saber* - uma certa onipotência para dominar as situações - e pela introspecção para refletir sobre as questões da vida e do mundo, as quais muitas vezes são tratadas via produção de poesias e poemas.

b) *atuação* individual ou em grupo tanto no âmbito do *fazer*, como no âmbito das atividades físicas esportivas. A necessidade de atuação envolve a procura de identificação de seus pares, sobre a qual se define a organização dos grupos sociais.

A partir destas referências teóricas, penetro no *universo adolescente de MORENO*, procurando compreender um pouco melhor suas crises e suas reestruturações, esquadrihando sua adolescência, atrás de algo que a clareasse... Neste percurso, identifiquei *dois momentos na adolescência de MORENO* que podem ser considerados importantes para a conformação de seu pensamento na fase adulta, os quais possuem como *marco a entrada na universidade*.

O primeiro momento refere-se à fase descrita pelo autor como sendo o período das *"Revoluções nos Jardins de Viena"*.

"Por volta de 1906, Moreno vivia em Viena e seus pais tinham mudado de Berlim para Chemnitz (...) Os pais se separaram (...) Na mesma época Jacob Moreno também completou sua separação da família (...) Passou por um período de revolta (...) o sistema escolar estava cheio de hipócritas, a sociedade perdera o sentido de justiça e de ética elementar. Do mesmo modo para Deus, a criação é uma confusão e não reflete a sua Beleza e Justiça. O jovem adolescente não teve outra alternativa senão tomar seu futuro e o futuro da humanidade em suas próprias mãos." ⁴¹

A história real da adolescência de MORENO revisitada sob o referencial teórico científico da Psicologia, aponta para algumas compreensões, e porque não dizer, desmistificações de relevância para a articulação entre criador e criatura: MORENO e Psicodrama.

Considero que por conta da exacerbada influência e cuidados maternos, MORENO deve ter tido *estendida sua infância e retardada sua fase inicial de adolescência*. Desta forma, algumas razões poderiam ser levantadas: 1) a ausência de elementos mais esclarecedores acerca deste

⁴¹ MARINEAU, René F. *J. L. Moreno - 1889 - 1974*. p. 39

período, entre 1900 e 1905; 2) uma possível desvalorização do mesmo ou 3) a necessidade de apagar de sua memória o período, exatamente por ter sido uma fase muito crítica para Jacob adolescente.

Quando se instalou a crise da adolescência, MORENO, *na busca da definição do que era e do que viria a ser*, conflitou-se com o significado real da expectativa desenvolvida pela sua mãe quanto à sua *missão como Messias*. Reconheceu no mundo em que vivia - século XX - a impossibilidade de tal acontecimento vir a se concretizar e revoltou-se.

Como qualquer adolescente, apropriou-se da realidade, questionando o mundo a sua volta: conscientizou-se das questões sócio-culturais e desvelou as contradições entre *ser e não ser judeu*. Sentiu-se só, questionou, criticou e pensou em soluções. Identificou na mãe a culpa pelas suas reais impossibilidades: - *Ele não é especial, nem tem missão!*.

Este quadro contundente promove *revoluções íntimas* em MORENO e ele *rompe* com a família em busca de autonomia. Perde seus heróis, entre eles, Jesus Cristo. Procura trabalho, talvez na tentativa de uma definição vocacional. Intensifica sua atividade sexual e busca redefinir valores. No movimento de ruptura, MORENO voltou-se para algo perdido na infância, (também por influência da mãe...): o Judaísmo.

"Além de revoltado, Jacob passou por um período de depressão. Sabia, a partir de então, que precisaria se conectar de novo com sua missão. mas estava só e sem forças. Abandonou a escola e despendeu tempo considerável meditando e refletindo.(...) trabalhava um pouco como professor particular(...) parou nesta época de ter relações sexuais com mulheres após um período de intensa atividade sexual.

Moreno passou agora a ler autores místicos. Seguiu-se um período de dois anos de intensa busca espiritual - anos devotados ao plano de vir a ser o próprio Deus ou de compreender a missão que Deus supostamente queria que realizasse. " 42

Assim, revê sua estória de vida e decide retomar sua missão, agora assentado sobre suas próprias convicções... Inicia o aquecimento para ser um *líder* protagonizando o papel de um *ser diferente* (talvez tenha pensado nos *tzadkims* ...)

42 IDEM, pp.39-40

"Como estudante, entre 1908 e 1911, costumava passear pelos jardins de Viena, reunindo crianças e formando grupos para representações improvisadas(...) era um jardim de infância em escala cósmica, uma revolução criativa entre as crianças(...) uma cruzada de crianças em favor de si mesmas, em prol de uma sociedade de sua própria idade e com seus próprios direitos(...) Eu permitia-lhes brincarem de Deus, se quisessem." ⁴³

"Um dos meus passatempos prediletos consistia em sentar-me ao pé de uma grande árvore nos Jardins de Viena, permitindo às crianças que se aproximassem e escutassem um conto de fadas(...) Como um ser exterior ao conto de fadas(...) as crianças haviam sido atraídas para mim como se tivessem ouvido a flauta mágica, tendo sido removidas corporalmente daqueles monótonos arredores para irem até o país do faz- de- conta(...) a atmosfera de mistério, o paradoxo, o irreal tornando-se real." ⁴⁴

Segundo MARINEAU, MORENO freqüentava os Jardins de Augarten, inicialmente, com sua mãe e irmãos, o que nos leva à compreensão de que isto acontecia quando ainda era garoto e, talvez estivesse no início de sua adolescência (8 - 12 anos). Sobre esta fase, os dados são praticamente inexistentes. Curiosamente, o período ao qual se refere na citação está distante do tempo em que passeava com Paulina, pois nesta época, MORENO tinha entre 19 e 22 anos e era *universitário*.

Tal constatação me leva a pensar sobre um possível resgate da infância...

Adotando-se, como ponto de partida, o conjunto de informações já elencadas acerca da infância e meninice de Jacob, as citações acima sobre sua adolescência, revelam *per se* a onipotência de MORENO (o que mais tarde foi interpretado por seus pares profissionais como megalomania ou arrogância...), sobretudo traduzida no papel de um *ser iluminado*, possuidor de poderes e dos desígnios de uma divina missão. Sabe-se hoje, entretanto, que esta era uma crença de sua mãe, desenvolvida a partir de situações vivenciais de uma adolescente perturbada com as influências místicas e as ocorrências reais de sua vida, que contaminaram o pequeno filho, em quem Paulina depositou todas as esperanças e razões de sua sobrevivência psicológica.

Os dados sobre esta fase, resgatados por MARINEAU, em geral são provenientes de escritos autobiográficos do próprio MORENO e organizados pela sua esposa (Zerka) e filho

⁴³MORENO, J.L. *Psicodrama*, p.51

⁴⁴MORENO, J.L. *Teatro para a Espontaneidade*, p.15 e 16

(Jonathan). Assim, devem retratar uma fase vivida pelo criador do Psicodrama segundo sua ótica e que foram escritos anos depois de sua ocorrência...

O processo descrito, de *ruptura com o passado, inaugura o segundo momento de sua adolescência*, quando MORENO optou por manter o foco na sua 'missão terrena' (e aqui não vou avaliar se este foi ou não um comportamento patológico), deslocando, neste momento, seu *modelo de salvador de Jesus Cristo para o líder hassídico Baal Shem*, (conforme análise no Cap 2).

"Junto a uma árvore um 'homem alto e magro, de cabelos negros e olhos azuis, barbas de Cristo, de sorriso afável', vestindo uma bata de cor verde, rodeava-se de inúmeras crianças atentas às suas palavras de contador de histórias.(...) houve apreensão com aquela 'revolução nos jardins de Viena.(...) A polícia admoestou-o(...) Moreno, então, convidou os pais das crianças para que participassem também(...) E ocorreu um final feliz: as famílias convidaram-no a fundar um teatro de crianças." 45

MARINEAU revela nesta citação uma análise com base no referencial , mas tendo em vista a história de homem MORENO como um todo e à luz do Judaísmo, considero ser este um engano de interpretação. Esta forma de vestir e hábitos são característicos dos judeus, especialmente os hassidim... MORENO não assume esta opção publicamente, mas é a partir dela que *opta por entrar para a Universidade*, onde provavelmente vislumbrou a possibilidade de adquirir o conhecimento necessário à formação - Medicina - e desempenho do papel de líder, pois, segundo a lenda, Baal Shem possuía conhecimentos sobre ervas e plantas medicinais para curar doenças.

"Moreno entrou para a Universidade de Viena em 1909. Tinha sido visto por perto da faculdade por algum tempo, sempre numa capa esverdeada(...) tinha deixado crescer uma barba comprida. Circulava anônimo entre os estudantes, sendo notado por todos. (...) Um estudante de Filosofia(...) aproximou-se dele certa manhã. Era Chaim Kellmer.(...) Juntos fundaram um culto chamado "A Religião do Encontro" e formaram uma comunidade baseada em seus princípios." 46

45 ALMEIDA, Wilson C. de *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*, p.26

46 MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974* . pp.40-41

Segundo MARINEAU, MORENO conheceu *Chaim Kellmer*⁴⁷ antes de entrar para a Universidade de Viena, assim podemos inferir que este amigo o tenha influenciado bastante, tanto na opção por retomar os estudos, como na escolha do curso de Filosofia como porta de entrada no ensino superior. Analisando o conjunto do trajeto moreniano, chego a pensar que a *decisão de passar para o curso de medicina tenha sido motivado exatamente pela descoberta dos poderes de cura do líder Baal Shem*.

Dessa forma, MORENO satisfaria duas necessidades: a *primeira*, a concretização do resgate da infância no sentido de se tornar o 'doutor' de verdade, planejado por seu pai; a *segunda*, a retomada de sua missão, agora com características de um projeto de vida - sua *idéia fixa* - que possuía como referência um líder do Judaísmo *Baal Shem Tov*, possuidor dons para a cura, a partir das quais, como veremos no Cap. 2, ganhou reconhecimento e projeção.

"Quando adolescente, Moreno junto com companheiros fundou a religião do Encontro. Conta que eram todos pobres, mas dividiam tudo que possuíam: a pobreza. Usavam barbas e andavam pelos caminhos falando com as pessoas que passavam." ⁴⁸

Acredito que a organização do grupo que se auto intitulava *Seinista*, se deu após o ingresso na Universidade. estes jovens eram judeus, idealistas e estavam motivados pelas diferenças de direitos e deveres sociais determinados pela sociedade austríaca. Devem, por isso, ter decidido se contrapor às injustiças, assumindo publicamente os *símbolos* (barba comprida) e *preceitos judaicos* (dividir tudo que possuir, reconhecer o outro como igual - falar com as pessoas) e ajudar ao próximo,

Localizamos em ALMEIDA (1990), no estudo conciso elaborado a partir do que hoje existe de mais novo em termos de levantamentos biográficos sobre MORENO (incluindo os trabalhos de MARINEAU (1989) e de Jonathan D. MORENO (1989), uma avaliação histórica do *movimento de jovens* que buscava encontrar o outro e compartilhar suas alegrias e desventuras, que foi denominado por MORENO de "*Religião do Encontro*" ou "*Seinismo*".

⁴⁷ GARRIDO MARTÍN dá como datas de nascimento e morte do filósofo, respectivamente, 1885 - 1916.

⁴⁸ FONSECA FILHO. José de S. *Psicodrama da Loucura*, p 02

"Em oposição à vida industrial, à mercantilização e, aos conhecimentos ditos técnicos - científicos, surgiu ali, por aquele tempo, um amplo e fundo movimento que pregava a crítica radical da civilização industrial-burguesa, o retorno à religião e a preocupação com a espiritualidade. Era o movimento do anticapitalismo romântico", cujos representantes, jovens andarilhos que viviam em grupos, eram chamados Wandervögel e pregavam uma reação ao status quo daquele período histórico da Europa Central do final do século passado e começo do século XX, através do resgate da natureza da vida simples e da religiosidade.⁴⁹

MORENO e seu grupo de *existencialistas heróicos*, segundo ALMEIDA, poderiam ser também um tipo de *Wandervögel*, no entanto, embora estivessem recebendo os reflexos da mesma transformação industrial que assolava a Europa, *estes jovens possuíam substrato histórico, cultural e religioso, oriundo do Judaísmo*. Desta forma, a simbologia envolvida nesse tipo de manifestação crítica era provavelmente distinta daquela que movia seus contemporâneos ocidentais, assim, talvez não seja adequado adotar tal referência para análise da experiência do jovem MORENO. Aqui também considero que haja a adoção de referencial impróprio, pois todos eram judeus...

"Moreno viveu com acentuado entusiasmo e contemporaneidade a comoção do Império Austro Húngaro e as decorrentes preocupações de sua geração. Participou de um grupo de jovens andarilhos (Wandervögel), fundando a chamada 'religião do encontro'. Entre eles, Joham Kellmer, Jan Pheda, Hans Brochkach, Andreas Pethö."⁵⁰

A falta de informações históricas seguras chega ao ponto de permitir especulações do tipo da que GARRIDO MARTIN (1978) realiza, quando chega a sugerir que

"Moreno seja o promotor deste grupo e que, para chegarmos a compreender em que consistia tal movimento existencialista vienense, devemos buscar em suas obras, as proposições ou exigências dessa forma de vida."⁵¹

Historicamente, não existem relatos ou registros de que este grupo realmente existiu, exceto pelas falas de MORENO, principalmente em sua *Autobiografia* de 1985, e pela pesquisa

⁴⁹ CASTELLO DE ALMEIDA, *Lições de psicodrama*, p.22

⁵⁰ IDEM.

⁵¹ GARRIDO MARTIN, E. *Psicologia do Encontro*, p. 23.

realizada por MARINEAU, que no caso particular da fase final da adolescência de MORENO, também pauta sua análise dos fatos principalmente na fala do autor contida neste material.

A contextualização efetuada por ALMEIDA, no que concerne à base histórica do 'Seinismo', considero fundamental para imputar veracidade a este movimento, pois, qualquer que tenha sido sua natureza, deveria refletir o momento histórico da época. Entretanto, aqui, inicia-se outra questão acerca do tal movimento, que é a influência místico religiosa desses jovens.

MORENO ressalta em *Las bases de la psicoterapia* o respeito que devotava a seu amigo *Chaim Kellmer* (ou Jaime Kellmer), pois este "*...deliberadamente ...abandonou sua carreira universitária e, de filósofo e escritor converteu-se em simples lavrador*".

ALMEIDA analisando a relação entre os dois amigos, diz que Kellmer como mais velho do grupo "*... funcionava como tutor daqueles jovens, sendo cultor do hassidismo, repassava-lhes os ensinamentos da seita*"⁵²

Se isto aconteceu, de fato, MORENO pode ser considerado brilhante (um gênio?) na provável 'intuitiva' constituição de um grupo, cujos princípios de ação representavam um mosaico no qual identifica-se o reflexo sócio político do movimento dos *Wandervögels*, a necessidade íntima de integração social de MORENO, a recusa a ser discriminado como *judeu* (assimilação), a corporificação de sua raiz mística e a sua paixão pelas artes dramáticas. Elementos que somados deram forma à incorporação e desempenho do papel de líder para MORENO na sua juventude um *tzadikim contemporâneo*.

Aí temos, *uma possibilidade real de configuração da influência hassídica de cunho místico religioso e a caracterização da imitação dos profetas tzadik e, novamente a assunção do papel de líder, que passeavam pelas praças tentando encontrar as pessoas e mobilizar suas crenças.*

ROMAÑA, talvez tenha sido a primeira piscodramatista a revelar alguma preocupação quanto a ausência de informações mais claras sobre a *adolescência* de MORENO. Segundo a autora, "*A escuridão em relação à sua adolescência, primeiro me intrigou e, posteriormente, passou a me incomodar.*" E continua, "*É claro que numa vida tão longa e intensa como a dele, uma ou*

⁵² IDEM, p.24

*outra fase podem muito bem ficar na penumbra. Sem dúvida. Qualquer fase sim, mas não a adolescência (...) o certo é que o impulso da adolescência me parece de fundamental importância para o desenrolar futuro de qualquer biografia."*⁵³

O referencial teórico adotado por ROMANA para sua análise foi o da *Antroposofia*,⁵⁴ a qual postula uma modificação nas características da vida humana em períodos de sete anos. Com base nesta concepção, a autora faz uma análise por *espelhamento* e correlaciona o 2º/3º (1902 a 1907) ao 10º/11º (1955 a 1960) setênios, concluindo finalmente que, tendo em vista o reconhecimento e repercussão internacional dos trabalhos de MORENO, este estaria, em sua vida madura, colhendo os frutos do que semeou com a energia da adolescência.

A abrangência e amplitude dessa difusão, poderia, também através do espelhamento, ser compreendida na adolescência como uma força intensa que

*"...mostraria um Moreno-adolescente tentando se equilibrar nesse mundo efervescente do começo do século(...) Tenho a impressão de que esses traços duma adolescência talvez um pouco mais quieta, mais introspectiva, permaneceram pelo resto da sua vida através de sua força. Penso que foi ela que deu aos seus anos adultos e maduros o ar de juventude, de inconformismo, de irreverência, de quem precisa sempre olhar as coisas pelo avesso"*⁵⁵

Finalmente é importante realizar algumas considerações sobre este grupo de jovens, desde a perspectiva do Judaísmo.

A '*Religião do Encontro*' e, posteriormente, a *Casa do Encontro* para ajudar refugiados e imigrantes, já deviam ser resultado da adoção do modelo e princípios do Judaísmo. Exatamente por isso, considero equivocada a análise de MARINEAU, que, apesar de reconhecer que Chaim Kellmer era judeu criado na tradição hassídica⁵⁶, portanto, ortodoxa, insiste em colocar como referência religiosa o Cristianismo, confundindo a concepção cristã com a judaica, quando referindo-se a adoção do *anonimato* diz: "... É claro que esta forma de ação achava-se na esteira do velha tradição cristã e tinha o sentido de tudo partilhar em nome da caridade."

⁵³ ROMANA, M. A. Considerações sobre a - esquecida - adolescência de J.L. MORENO. In: *O Psicodramaturgo*, pp. 62-63

⁵⁴ *Antroposofia* é uma doutrina alemã, fundada por Rudolf Steiner, de base espiritualista e esotérica

⁵⁵ ROMANA, M. A. Considerações sobre a - esquecida - adolescência de J.L. MORENO. In: *O Psicodramaturgo*, pp. 72.

⁵⁶ Vide *Capítulo 2*, p 110.

Na verdade, esta é uma prática mundial do povo judeu: auxiliar *anonimamente* imigrantes e refugiados judeus. Dividir, compartilhar com humildade o que se possui até que o outro tenha condições de se reorganizar. Além disso, como sabemos, é mais fácil um cristão mudar de modelo do que um judeu e, finalmente, a Casa do Encontro, apenas reproduz, de forma adaptada àquela realidade, uma atividade prevista no calendário judaico - o *Luak* - o Shabat, comemorado no sábado, quando a família jejuia, se reúne para conversar, cantar e dançar e realizar visitas aos necessitados.

Fase adulta

A fase adulta de Jacob, como para qualquer adolescente, inicia-se com a entrada na Universidade, em 1909, e se estrutura num processo decisivo quanto à definição de um papel social. No caso de MORENO, poderia dizer, *redefinição do papel social planejado na infância pela família...* O estudo na área de Filosofia e o conseqüente contato com autores e obras significativas, provavelmente despertou em MORENO o sentido do saber e do conhecimento e aqui, poder-se-ia identificar um possível momento de contato com as obras de autores que, como veremos, MORENO cita superficial e regularmente, como, por exemplo, *Kierkgaard, Nietzsche, Bergson* e muitos outros.

A vida adulta de MORENO, assim como em toda sua vida, foi marcada pela *duplicidade*: paralelamente ao curso de medicina, MORENO manteve-se vinculado ao seu projeto de construção de um líder através da ação dramática, seja nos jardins de Viena com as crianças para as quais chegou a dar um curso de teatro, a pedido dos pais, seja na religião do Encontro ou pelo trabalho que iniciou com adultos na Casa do Encontro, cuja síntese culminou com a fundação do *Teatro da Espontaneidade*, mas tinha como objetivo primeiro a concretização de sua '*idéia fixa*': *ser líder !*

"Atrás do disfarce de contar estórias de fadas às crianças eu estava tentando plantar as sementes de uma pequena revolução criadora..."⁵⁷

"Em 1911, Moreno está num período muito ativo de sua vida. dava duro nos estudos de medicina, muitíssimo envolvido - ele e seus amigos - com o grupo Religião do Encontro e despendendo bom tempo com as crianças nos parques de Viena..."⁵⁸

O período que vai de 1909 a 1917, quando da formatura de MORENO, foi repleto de publicações, que possuíam carácter filosófico ou religioso. É desta época '*Convite ao Encontro*' (1915), '*A Divindade como Comediante*' (1911), um pouco mais tarde, '*A divindade como orador ou pregador*' e '*A divindade como autor*'

Em 1915, MORENO trabalhou como estudante de medicina - provavelmente um estágio - no campo austríaco de refugiados de Mittendorf, o qual, segundo ele, foi o ponto de partida para a organização da *Sociometria*, que se efetivou em 1953, já nos EUA, quando da publicação de *Who Shall Survive ?*

Considero que este período de intenso processo de intelectualização fez com que MORENO desenvolvesse, paulatinamente, sua característica de crítico contundente de seus (supostos) interlocutores. Seu 'discutível' encontro com *Freud* em 1912 revela, talvez, o início deste, que seria marcado como um estilo de sua postura e discurso.

"Que relação existe entre o Psicodrama e a Psicanálise? Como correntes de pensamento, têm origens diametralmente opostas. Só me encontrei com Dr. Freud uma vez. Aconteceu em 1912(...) Quando os estudantes saíram ele perguntou-me o que eu estava fazendo. Bom, Dr. Freud, eu começo onde o Sr. deixa as coisas. O senhor vê as pessoas no ambiente artificial de seu gabinete, eu vejo-as nas ruas e em casas delas, em seu ambiente natural. O senhor analisa os sonhos das pessoas Eu procuro dar-lhes coragem para que sonhem de novo. Ensino às pessoas como brincarem de Deus"⁵⁹

MORENO, estudante de Medicina, na época com 23 anos fala a *Sigmund Freud*, sobre suas atividade 'adolescentes e idealistas' - Grupo seinista e Revoluções nos Jardins de Viena - em

⁵⁷ MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974*. p. 52.

⁵⁸ IDEM. p.57.

⁵⁹ MORENO, J.L.. *Psicodrama*, p. 54.

resposta irreverente, como se estas atividades pudessem ser comparadas com o trabalho e teoria desenvolvidos por este que, em 1912, já era consagrado pelas idéias defendidas no livro *Interpretações dos Sonhos* publicado em 1900 e que estava na quarta edição. *Freud* era reconhecido internacionalmente, fazia ciência - epistemologia e psicologia - e MORENO, recém saído da adolescência acreditava que poderia um dia transformar a humanidade... com o que chamou de '*espécie de religião dramática*', através de passatempos e trabalhos que, segundo ALMEIDA, "*traduziam a disponibilidade própria dos jovens.*"

MARINEAU acha mais provável, pela análise dos dados históricos que obteve, que MORENO tenha se encontrado com Dr. *Freud* em 1914 e não em 1912, se for levada em conta sua carreira universitária. O único relato do encontro é feito por MORENO, pois que em nenhum momento *Freud* refere-se ao criador do psicodrama. MARINEAU parece não querer aventar a hipótese de uma 'mentira', assim, chama o relato de 'uma possível verdade e experiência psicodramática de MORENO'. de qualquer forma,

*"... é digno de nota que Moreno, provavelmente, não tenha sido tão notado por Freud quanto de fez notar pela maneira excêntrica de se vestir. É claro que neste período Moreno estava tentando definir seu próprio terreno revolucionário. Freud estava ocupando uma boa parte de um campo inexplorado e, através de seus discípulos, era um novo Moisés descendo com as novas tábuas da lei."*⁶⁰

É interessante notar que embora MARINEAU assuma a influência cristã sobre MORENO, aqui usa como metáfora, ao referir-se a *Freud* e sua criação conceitual, a figura de Moisés, considerado o pai do Judaísmo.

O importante é que fica fortemente caracterizado uma *situação de dívida* quanto ao encontro de MORENO com *Freud* e o que poderia ser interpretado como *sentimento de inveja* de MORENO por *Freud*, porque o segundo era também judeu, mas tornara-se um "Deus" tendo em vista sua projeção mundial, seus discípulos e a realização de uma revolução na humanidade.

⁶⁰ MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974*, p.44

A 1ª Grande Guerra Mundial, iniciada em 1914, faz com que muitos jovens fossem recrutados para o serviço militar. MORENO, pela indefinição de sua cidadania, foi descartado. Com tempo, investiu na sua *intelectualização* e prosseguiu na ampliação do sentimento de indignação contra os autores reconhecidos publicamente, principalmente, os judeus, como *S. Freud*, *M. Buber* e o francês metafísico *H. Bergson*.

Formado em Medicina, em 1917, e com alguns textos escritos, MORENO decidiu criar um veículo de difusão de suas idéias. Fundou, para tanto, o *Daimon* em 1918, o qual, segundo ele, foi uma importante publicação que contou com a colaboração de nomes reconhecidos... MORENO deve ter compreendido (acho que tardiamente demais...) que vivia numa época em que a única forma de obter reconhecimento seria através da adoção das regras vigentes, ditadas pelas ciência e cultura.

*"De fato, a publicação do Daimon não fez aparecer nenhuma obra nova importante de Moreno, excetuando As palavras do pai em 1920. mas o jornal lhe deu um público e uma plateia que antes jamais tivera(...) Olhando as publicações de Moreno na época, constatamos que estava restabelecendo contato com o aspecto místico de sua personalidade(...) é o período da clarificação, da consolidação. O jovem médico poderia ter, facilmente, escolhido entrar no mundo dos poetas e dos escritores permanentemente(...). Moreno, porém, sentia-se pouco a vontade no mundo dos intelectuais e artistas e, lentamente, fugiu dele."*⁶¹

Quanto ao contato com *M. Buber*, suposto colaborador da revista *Daimon*, considero que se faz necessário uma análise mais cuidadosa acerca de sua ocorrência e importância para MORENO e para os pensadores da época.

VON ZUBEN em seu artigo, que julga modesto, *Jacob Levy MORENO e Martin Buber: um encontro* (1989), revela algo que lhe chamou a atenção:

"...encontrei na obra de Moreno alusões ao pensamento e obra de Buber, e, mesmo assim, de modo tangencial. Não encontrei uma única alusão a Moreno ou à sua obra nos escritos de Buber. (...) As observações de Moreno, no que insinuam, denotam certa ignorância de sua parte a respeito da gênese e do sentido amplo do pensamento de Buber, que à época em que foi publicada a primeira edição alemã da citada obra de Moreno - 1959 -, já

⁶¹ IDEM, p.67.

havia avançado e explicitado amplamente seu pensamento em inúmeros estudos sobre o 'princípio dialógico'.⁶²

Quanto às referências de MORENO sobre a colaboração de *Buber* à revista *Daimon*, assumida e difundida por autores que tratam do Psicodrama, VON ZUBEN levanta dúvidas acerca da *veracidade de tal ocorrência*, pois, como diz, infelizmente não pode ter acesso aos números da revista (o que parece só foi possível a BUSTOS em contato pessoal com MORENO, quando este indagou a respeito da originalidade do termo *encontro*: "*Uma vez eu questioneei se Buber não teria escrito a respeito do conceito de encontro antes dele. Olhou furioso para mim. 'Zerka, gritou, procura a revista Daimon de 1923! Demonstrou-me que eu estava errado'*"⁶³, a fim de melhor elucidar a questão. Assim questiona:

*"Porque interessava-se Moreno em declarar Buber e Sheler como colaboradores da revista. O que pode intrigar é o fato de, a meu conhecimento, não existir registro algum do episódio da colaboração em nenhuma das mais categorizadas biografias de Martin Buber (...)O mesmo ocorre com Max Sheller, em cuja biografia e bibliografia, não encontrei referências a publicação na referida revista. "*⁶⁴

Retomando a questão da *formação místico religiosa* de MORENO, e com base no trajeto infante juvenil, neste trabalho, resgatado, considero estar confirmada sua influência no processo de amadurecimento das idéias do autor. Mas, até que ponto a influência do hassidismo, teve sua *origem além da família e da comunidade*? Será que ela é oriunda também da convivência (mesmo que limitada) com *Buber* e sua obra, como nos faz crer MORENO ?

CASTELLO DE ALMEIDA fala que esta revista era a mais importante da época. E, como pode um 'desconhecido judeu' ser seu editor ?

VON ZUBEN , autoridade reconhecida entre os filósofos nacionais, de estudioso de *M. Buber*, ousa afirma, como ele próprio diz, *que não acredita que tenha havido um encontro entre MORENO e Buber.*

⁶² VON ZU' BEN, N.A. Jacob Levy Moreno e Martin Buber: um encontro. In: *O Centenário do Mestre, O Psicodramaturgo*, pp.107-111.

⁶³ IDEM, p. 27

⁶⁴ IDEM, p. 108.

"... não só no sentido vulgar do termo, mas também no sentido em que o entendem ambos os autores como a realização concreta e presente de uma relação dialógica." ⁶⁵

Vai, ainda mais longe ao sugerir a probabilidade de que MORENO

"... só tenha tido conhecimento de Buber, o autor. Deste modo, o 'eu' vivente de Buber não tenha podido proferir 'tu' autenticamente ao 'eu' de Moreno e este não tenha respondido, na reciprocidade, à interpelação" ⁶⁶

Acredito que talvez não seja possível se obter certeza quanto ao contato entre MORENO e Buber. O que há de concreto é que em 1919 MORENO admitiu 'sócios' - um coletivo de seis proprietários - que, juntamente com ele mudaram o nome do *Daimon* para *Der Neue Daimon*, após o que, pouco a pouco, MORENO afastou-se. Assim, não devemos mais afirmar com tanta veemência e, a partir de depoimentos somente de MORENO, o domínio da extensa obra do filósofo alemão e sua influência direta durante a suposta colaboração à referida revista.

O afastamento de MORENO do grupo de proprietários da revista *Daimon*, efetivou-se definitivamente quando ele assumiu, após a guerra, o posto médico em Bad Vöslau, em 17/10/1919. Nesta cidade MORENO trabalhou inicialmente como médico no posto da prefeitura e como médico-chefe numa indústria têxtil. Percebia dois salários. Tranquilo quanto à questão financeira e sem ter uma inclinação específica dentro de qualquer área da Medicina, reiniciou aqui seu projeto de *homem especial*, passando a desenvolver também um trabalho como *médico de família*, sem cobrar, entretanto, nada de sua clientela. Paulatinamente, o atendimento aos menos favorecidos, o acompanhamento domiciliar de seus doentes e sua disponibilidade à população, culminaram com o reconhecimento de MORENO como sendo possuidor da capacidade de realizar milagres, sendo chamado porisso de "*wunderdoctor*" ou o *médico maravilhoso* e trazendo, com sua fama, pessoas de muito longe à Bad Vöslau.

O período de vida de MORENO vivido em Bad Vöslau ganha relevância quando visto sob a luz da história do líder hassídico *Baal Shem*, pois conforme apresento mais detalhadamente no

⁶⁵ IDEM. p. 110.

⁶⁶ IDEM. p. 112.

capítulo 2, o líder judeu tornou-se em sua comunidade um "wunderdoctor" em função de seus conhecimentos de cura e foi, a partir também desta habilidade, que adquiriu reconhecimento como liderança.

"Um dos objetivos essenciais da missão de Baal Schem Tov era sua ocupação com a cura; entretanto, também atendia a outros graves problemas e todos que o procuravam eram ajudados." ⁶⁷

Assim, correlacionar a vida dos dois 'líderes', acrescido do estudo sobre o Judaísmo, me levou gradualmente à confirmação de que MORENO traçou, talvez com um cuidado meticuloso, seu caminho para a constituição do líder que era seu sonho de infância e que transformou-se, durante seu percurso de vida, numa teoria desarticulada - o Psicodrama, a qual chega a nós como um recurso teórico e metodológico valioso, mas que não era o objetivo primeiro deste autor.

Em Bad Vöslau MORENO conheceu Marianne Lörnitzo, moça católica por quem se apaixonou perdidamente, cuja influência o ajudou a recuperar seus ideais de juventude. MARINEAU diz que

"...Em 1920, a megalomania existencial de Moreno "amadureceu e chegou à realização", quando a febre messiânica apoderou-se dele de novo e seria expressa no livro As palavras do pai." ⁶⁸

O livro foi publicado anonimamente em 1920. Em torno de 'As palavras do pai' existem interpretações diversas, às quais não resgatarei, mas tendo como referência o enfoque adotado neste estudo, considero que a produção de *As palavras do pai*, foi produto de seu envolvimento pessoal com a 'idéia fixa' de menino que acreditava-se um líder espiritual, seu estudo sobre o Judaísmo e o misticismo judaico, no qual o judeu em seus rituais de orações e devoção a Deus, pode entrar em êxtase e ter revelações, como por exemplo, encontros com o Divino, as quais são fartamente relatadas por histórias e lendas judaicas e, finalmente, fruto de sua paixão, a qual,

⁶⁷ SCHREIER, Ary & Emilia. *O Mestre do Bom Nome*, p.41

⁶⁸ MARINEAU, René F. *J. L. Moreno - 1889 - 1974*, p. 72

sabemos, mobiliza emoções que muitas vezes necessitam de um canal de expressão. Além disso, MORENO não as publicou com seu nome, provavelmente, por ter consciência de que poderia cair no descrédito, como médico comum por sua categoria e como 'wunderdoctor' pela população local.

"As palavras do pai ainda hoje levanta questões: alguns dos discípulos de Moreno vêem este livro como o mais importante que escreveu, outros se sentem muito pouco à vontade com ele. Os inimigos de Moreno falam dele como uma prova de falta de equilíbrio mental. Parece simples reconhecer que o livro foi escrito num grande estado de excitação, provavelmente beirando a perda de contato com a realidade.(...) em seu próprio contexto, pode, de fato, ser visto como a melhor maneira que Moreno encontrou para transmitir sua mensagem, o que não exclui uma temporária perda de 'limites' "69

Bad Vöslau com o tempo viu emergir posições críticas perante aquele médico que usava condutas inadequadas ao padrão ético de base científica. ganhou devotos e inimigos descrentes. Como 'milagreiro', provocou ciúme em colegas de profissão e iniciou-se desta forma um boato de que MORENO não era um 'verdadeiro médico', pois não usava nada que contrivesse seu nome, por cause de sua filosofia do anonimato. Em 1921, sua situação na cidade era difícil, o que fez pouco a pouco afastar-se novamente da medicina e voltar-se para o teatro.

Reintroduziu-se em grupos artísticos e literários, aproximando-se mais dos atores. Formou um grupo que a partir de 1921, passou a reunir-se regularmente. Foi nestas reuniões que MORENO teve a idéia de organizar um teatro público onde seriam discutidas dramaticamente as questões vividas à época na Áustria: o dia 1º de abril de 1921 foi o lançamento oficial do Psicodrama, mas como relata MORENO, foi também um fracasso, não houve reis, não encontrou-se soluções e nem profetas

"O Psicodrama nasceu no Dia das Mentiras, 1º de abril de 1921, entre as sete e as dez horas da noite.(...) Komodien Haus(...) Apresentei-me (...)sozinho, sem preparação alguma, perante uma platéia de mais de mil pessoas.(...) Quando me lembro de tudo isso, fico espantado com minha própria audácia. Foi uma tentativa de tratar e curar o público de uma doença, uma síndrome cultural patológico de que os participantes compartilhavam. A Viena do pós-guerra fervia em revolta(...) também a Áustria estava inquieta, em busca de uma nova alma.(...) Quando o espetáculo terminou, verificou-se que ninguém

⁶⁹ MARINEAU, René F. J. L. Moreno - 1889 - 1974, p. 76.

havia se considerado digno para tornar-se rei e o mundo continuou sem líderes. A imprensa vienense(...)mostrou-se muito perturbada com o incidente. Perdi muitos amigos mas registrei calmamente: 'ninguém é profeta em sua própria terra', e continuei com minhas sessões perante assistências de países europeus e nos Estados Unidos." 70

1921 foi, sem dúvida um ano importante para *MORENO homem*, pois foi quando decidiu '*mostrar a cara*' à Viena. De forma arrojada e corajosa, sem dúvida, mas talvez fantasiosa demais para aquele tempo e espaço. Enfim, não nos cabe discutir as consequências, mas refletir sobre as causas que o moveram. Na citação abaixo, MORENO dá indícios da consciência de seu descrédito e da tristeza ou frustração por ainda não ter realizado seu sonho...

"Ninguém consegue numa época materialista, desempenhar os papéis de deuses e de santos sem fazer com que se lhe joguem à cara a pecha de loucura ou de criminalidade. O teatro consistia num retiro seguro para uma revolução na surdina." 71

Acredito que aí instalou-se em MORENO a vontade de tentar outra terra... quem sabe em outro lugar, onde não fosse conhecido, pudesse realizar sua '*idéia fixa*' ?

Em 1922, MORENO aluga um espaço e funda com seu grupo o *Das Stegreiftheater* ou Teatro da Espontaneidade, através do qual pretendia transformar o teatro tradicional, o qual tinha como principal característica os estereótipos, a artificialidade das dramatizações e ainda a distância da realidade do *aqui e agora*. O teatro Espontâneo parecia vingar. Crescia em público, ganhava reconhecimento da imprensa e revelava-se para MORENO, neste processo, *o valor terapêutico das dramatizações* na reorganização dos papéis que cada ser humano assume em sua vida prática, real e as relações interpessoais, através do trabalho terapêutico que realizou com Bárbara e George⁷². Assentava aí a pedra fundamental do Psicodrama.

"Dentro do meu trabalho Das Stegreiftheater marcou o início de um novo período: a transição da escrita religiosa para a científica..." 73

⁷⁰ MORENO, J. L. *Psicodrama*, pp. 49-50.

⁷¹ MORENO, J.L. *O Teatro para a Espontaneidade*, p.18-19

⁷² Bárbara era uma atriz do teatro espontâneo e george escrevia peças. Apaixonados, casaram-se. Após um período do casamento George relata a Moreno que Bárbara, diferentemente dos papéis que desempenhava como atriz costumeiramente, em sua casa era rude grosseira, chegando à agrassão física quando contrariada. Moreno decide trazer ao palco o problema dos dois para ajudá-los a superá-los. Este relato, segundo Moreno, é por ele considerado um dos marcos da construção do Psicodrama.

⁷³ MORENO, J.L. *O Teatro para a Espontaneidade*, p. 07

MORENO não pensou, entretanto, que nem todos estavam dispostos à transformação, pois esta envolvia compromisso pessoal com o processo. Muitos atores se afastavam e MORENO ia sentindo-se só.

O ano de 1923, foi considerado por MORENO fundamental à mudança do *locus* do Psicodrama, que com as desconfianças do público acerca da existência da *espontaneidade criadora* no teatro moreniano e a ocorrência *casual* do *Caso Bárbara* - último marco de criação do Psicodrama - passou do espetáculo dramático para a '*terapia do drama*'.

"O teatro da espontaneidade "cem por cento" defrontou-se com uma enorme resistência por parte do público e da imprensa (...) Perante mim, enxergava a incumbência de modificar a atitude primária do público e da crítica, o que me parecia impossível sem uma revolução total em nossa cultura. Meu desencorajamento em continuar com um teatro puramente espontâneo atingiu seu ponto mais crítico quando reconheci que meus melhores atores da espontaneidade (...) afastaram-se lentamente do teatro da espontaneidade, voltando-se para o teatro 'normal' e para o cinema. Posteriormente, descobri uma solução mais feliz no 'teatro terapêutico'"⁷⁴

"...O teatro da espontaneidade "cem por cento" defrontava-se com dificuldades enormes oriundas das audiências (...) quando se lhe apresentou uma verdadeira espontaneidade (...) suspeitaram de que houvesse sido bem ensaiada(...), quando a cena era mal trabalhada, consideravam este fato como um sinal de que a espontaneidade não funciona.(...) Face a face com este dilema, voltei-me 'temporariamente' para o teatro terapêutico, decisão esta estratégica e que provavelmente salvou do esquecimento o movimento psicodramático"⁷⁵

As duas citações acima demonstram a insatisfação sentida por MORENO com relação à aceitação de seu trabalho pela comunidade - a qual ele não explicita quem seja. Podemos observar que MORENO realmente sentia-se discriminado e sem credibilidade, como ele diz, em sua própria terra não é possível ser profeta. Sua fala revela o desejo de ser alguém reconhecido, porque acredita-se capaz. E, assim continua lutando para sentir que encontrou um espaço seu, no qual seja o senhor absoluto... Desesperançado com o pouco que conseguiu na Áustria, decide ir para outras plagas ...

⁷⁴ IDEM, p. 09-10.

⁷⁵ Op. Cit. IDEM pp.1 9-20.

São discursos como os apresentados, que, certamente, levam seus interlocutores a chamá-lo de *megalomaniaco* ou *paranóico*.

Em 1924, o processo terapêutico dramático de outro casal, *Diora e Robert*, terminou em tragédia com o suicídio de Robert após a separação. MARINEAU considera que este fato deve ter pesado na decisão de MORENO deixar a Áustria.

BUSTOS e ALMEIDA, referem a existência da invenção de uma fita magnética como causa da mudança para os EUA, entretanto o próprio MORENO, nesta citação, nos dá outra indicação de sua emigração. Fala com certa tristeza e amargura sobre a falta de sucesso e reconhecimento de sua tentativa de buscar soluções para a coletividade...

MORENO acompanhado de *Franz Lörnitzo*, irmão de Marianna vão aos Estados Unidos, a fim de levar à *Compainha Geral Fonográfica* (Ohio) a invenção de um gravador, que MORENO assume como sendo de sua paternidade. O fato gera polêmica e também contribui para a decisão de emigrar para a América.

*"Quando emigrei para os Estados Unidos em 1925, prossegui com meus experimentos envolvendo a participação da audiência..."*⁷⁶

*"...os americanos, um povo de mentalidade motriz, treinado por uma estória de pioneirismo e pela filosofia do pragmatismo, propício às idéias motoras e em que o drama significa ação(...)a recepção favorável do psicodrama nos Estados Unidos, porquanto é um sistema que habilita as pessoas a agir e a sentir, a descobrir coisas e a vê-las por si mesmas."*⁷⁷

MORENO parece sentir-se realizado nos EUA, pois este deve ter sido o lugar em que conseguiu desenvolver e difundir suas idéias. Ganhou credibilidade, respeito e, finalmente, depois de uma vida de discriminações e marginalidade na Europa, conseguiu no ocidente seu espaço ao sol. Além disso, a abordagem americana o convenceu da importância de pesquisar e sistematizar seus conhecimentos, o que o levou a procurar estruturar melhor seu pensamento, buscando imputar

⁷⁶ IDEM, p. 11.

⁷⁷ IDEM. *Psicodrama*, pp. 60-61.

cientificidade à sua produção teórica, pois antes poderíamos classificar MORENO como um pensador popular e espontaneísta.

Acredito, entretanto, que MORENO já tinha vícios de 'autodidata' suficientemente enraizados para conseguir desvencilhar-se desse estilo tão "ao sabor do pensamento", como diz FONSECA F°.

A questão da cientificidade da produção teórica de MORENO é polêmica, porque é perceptível a ausência de rigor científico em suas proposições teóricas, bem como é visível a desarticulação de suas idéias. Tema relevante, mas pouco aprofundado, considero oportuno dado a releitura realizada neste estudo sobre a vida de MORENO, dedicar breve espaço a este assunto.

As obras consultadas neste trabalho, quase em sua totalidade, oferecem informações que circulam nos textos como suficientes e verdadeiras, mas concordo, portanto, com a postura crítica de GONÇALVES (*O Psicodramaturgo, 1989*), quando diz que "é hora de parar de remexer nos velhos escritos de MORENO, querendo 'tirar leite das pedras' " indicando clara e apropriadamente a necessidade urgente de se buscar uma *teoria* que dê conta da epistemologia do conhecimento psicodramático.

Assim como as falas críticas de MORENO circulam nas obras acerca do Psicodrama sem seguros fundamentos, o mesmo ocorre com relação aos depoimentos do próprio MORENO quando se reporta ao seu contato com expoentes da Filosofia - o caso de *Martin Buber* e *Henri Bergson*; da Medicina - o caso de *S. Freud*, Educação e outros, aos quais sem pudor ataca.

Observa-se, hoje, no movimento psicodramático brasileiro, significativas iniciativas de revisão dessas "colocações" do autor que merecem uma análise mais cuidadosa, pois quando aprofundadas revelam certa superficialidade de conhecimentos. Poder-se-ia dizer que presenciamos um certo '*desmascaramento de MORENO*'... quem sabe um *encontro* com seu íntimo, com sua humanidade mais sofrida ?

Em *Epistemologia do Psicodrama: uma primeira abordagem*, GONÇALVES (1989) analisa, provisoriamente o Psicodrama como *conhecimento* e preconiza com este estudo, estar criando uma nova tentativa de compreensão do Psicodrama, que fuja ao já existente e explorado na

literatura. Não vou aqui aprofundar o tema (felizmente, trazido à luz pela autora), mas tomarei emprestado algumas de suas colocações quanto à insuficiência de dados compatíveis às críticas que MORENO faz.

*"A maior parte dos nomes que Moreno utilizava eram criados "ad hoc" ou retirados de teorias sociológicas e filosofias que ele conhecia muito mal (o que salta aos olhos do leitor informado medianamente a respeito de qualquer uma destas)(...) A leitura dos textos de Moreno capta ecos das leituras que ele fazia espontaneamente e ao léu. Moreno era às vezes nitidamente positivista, vagamente existencialista, inspirava-se em Bergson, em Charles Sanders Pierce, em Rousseau, em Freud, em Buber e citava qualquer pensador que lhe viesse à mente."*⁷⁸

ou seja, talvez poderia ser dito (grosseiramente) que MORENO teria feito uma grande *miscelânea do conhecimento humanísticos* de origens diversas...

Por quê? Será que ele compreendia este seu desvairado movimento de oposição?

Suas causas? Suas motivações?

Evadido de religiosidade, os escritos de MORENO penetram nos domínios da Metafísica e com ela, em uma outra fonte também criticada por ele: a obra de *Henri Bergson* francês que também era judeu.

NASCIMENTO GONÇALVES NETO (1989) preocupa-se em analisar a possível relação existente entre MORENO e *Henri Bergson*, que filosofa sobre da vida. O estudo, inevitavelmente, chega às colocações restritivas feitas por MORENO à teoria bergsoniana, bem como às semelhanças encontradas entre os pensadores;

*"Por mais incipientes e desprezíveis que seja esta pesquisa acerca das afinidades entre um e outro, impressionam com efeito, sobremaneira, os pontos extraordinariamente comuns entre a antropologia moreniana e a de Bergson. Se essa influência é minimizada porque Moreno se orgulhou de ter feito 'descer do céu à terra os conceitos de espontaneidade e criatividade e porque, ao invés de escrever um tratado de metafísica, consolidou-se como o artífice desse prodígio, ao juízo de Moreno falece-lhe, sem dúvida, a justiça que lhe cumpria tributar a Bergson"*⁷⁹

⁷⁸ GONÇALVES, Camilla S. Epistemologia do Psicodrama: uma primeira abordagem. In: *O Psicodramaturgo*, p. 95

⁷⁹ IDEM. p. 122.

Já é possível aqui, observar a repetição da postura crítica discutível em MORENO, à medida em que não reconhece a real contribuição teórica de *Bergson* e o reflexo desta na transformação da existência do homem comum, pois preconiza desvelar a vida tal qual ela é no humano. E continua:

"Falta-lhe o reconhecimento sereno de que Bergson fez metafísica. nem por isso a metafísica é disciplina menor na ordem das ciências do homem(...)Se Moreno cedeu ao preconceito de subestimar nesse ponto Bergson é porque, de certo, não se despreendeu de uma concepção convencional e escolástica da metafísica." ⁸⁰

No livro *O Teatro da Espontaneidade* publicado pela primeira vez em 1923, na Alemanha (conforme informa o próprio autor no Prefácio), MORENO ao falar da *idéia fixa* da qual se apoderou, declara *subliminarmente* sua postura e concepção metafísica de mundo:

"O motivo pelo qual escolhi o trajeto do teatro ao invés de fundar uma seita religiosa, dirigir-me a um mosteiro ou desenvolver um sistema teológico (embora tais alternativas não sejam mutuamente excludentes) pode ser entendido dando-se uma olhada no contexto do qual decorreram minhas idéias.(...) proclamava a existência de uma espécie de natureza primordial, imortal, e que retorna rejuvenescida, como um primeiro universo que contém todos os seres e no qual todos eventos são sagrados. (...) Eu estava lutando com as idéias de Deus, Self e Liberdade..." ⁸¹

O contexto ao qual MORENO refere-se foi descrito por ele como sendo profundamente desrespeitoso e temente ao *self* criativo e espontâneo do homem:

"A Viena de 1910 era aquela que se constituía numa arena de demonstrações para as três formas de materialismo que desde então se tornaram os indiscutíveis senhores do mundo daquela época, a saber, o materialismo econômico de Marx, o materialismo psicológico de Freud, o materialismo tecnológico do navio a vapor, do avião e da bomba atômica" ⁸²

⁸⁰ NASCIMENTO GONÇALVES NETO (1989) p.

⁸¹ MORENO, J.L. *Teatro para a Espontaneidade*. p.15.

⁸² p. 16.

Correlacionando os dois autores, NASCIMENTO GONÇALVES NETO diz sobre este contexto e as influências nas produções teóricas de MORENO e *Bergson*:

"À parte as humilhações peculiares e momentâneas de sua história. Viena, sem dúvida, vivia o destino comum do continente europeu e, tanto para o reducionismo idealista, quanto para o reducionismo materialista, ambos em franca vigência, é que Bergson tinha também uma resposta a dar. Uma resposta tão ou mais inovadora do que a de Moreno e sem a qual Moreno talvez não dispusesse do instrumental de trabalho que tanto o celebrou." 62

83

Além disso, VON ZUBEN e GONÇALVES NETO, levantam a questão do *paralelismo de idéias*... Coincidência ?

Negação do misticismo: a busca de identidade

MORENO é indubitavelmente um autor apaixonante.

Através de seus textos chega a nós, penetra nas nossas vidas, nossos sentimentos e os transforma em modo novo de viver. Isso, a que todos chamam de carisma de MORENO, a meu ver, é consequência de uma humanidade construída a cada momento pela dor de ser *diferente* - *ele era judeu* - dos que são filhos da cultura dominante.

MORENO fala ao coração de quem quer ouvir. Abre portas para a liberação de nossas emoções, que de tão represadas, como que perdem gradativamente suas forças. Diria que ele foi um homem que trouxe alegria não só às psicoterapias, mas àquele que simplesmente o conhece e o compreende, porque identifica-se com o humano dele: ser humano oprimido pelo sistema, mas que mantém suas energias positivas - *a criatividade* - direcionadas para o inimigo, não permitindo que ele

o domine... nem que para isso precisasse, como fez, abandonar *tudo* e ir embora tentar um novo mundo.

Quem sabe, neste novo lugar, ele pudesse ser *Jacob Levy* MORENO sem medo de ser judeu e, finalmente, ser reconhecido pela genialidade de suas idéias, no mínimo pela sensibilidade com que captou e difundiu o drama da existência do homem contemporâneo.

Persegui MORENO pela sua vida, vias as declarações que fez e o conheci quando ainda um menino muito esperto e inteligente, sensibilizado com as dúvidas de sua mãe: Judaísmo ou Catolicismo? Fazer parte da corporação judaica retrógada ou ser Goy (termo designativo para aquele que é assimilado)? Negar a origem e seus valores ou ficar à margem do mundo? Ser judeu ou 'imitar' os europeus austríacos?

Tantas dúvidas, tantas e difíceis opções que MORENO, jovem adolescente, emaranhou-se em seus próprios fios, tecendo para si, uma teia com muitas pontas, algumas das quais começam a desenrolar-se e, às vezes, terminam, outras não.

Lançou-se desenfreadamente nas leituras, buscando descobrir uma saída. Ao menos uma luz que pudesse clarear seus sentimentos e trazer paz ao seu íntimo, porque sofre com o fato de não vislumbrar outra saída a não ser *ser assimilado*. Ainda assim, parece-me, tentou preservar seus princípios religiosos sem os assumir claramente, passando a ser um 'judeu *clandestino*'. Tentou se infiltrar pelos *Jardins de Viena*, integrar-se através do trabalho com as prostitutas ou refugiados, que tanto quanto ele eram *marginais e marginalizados*.

Para ele, *Freud, Buber, Bergson*, os grandes pensadores, falam de maneira abstrata - talvez teórica demais - de sua vida, de suas dores, de suas dúvidas e crenças. Abrem suas feridas e, ele, numa revolta incontida passou a atacá-los cegamente. Devora livros, sem muito compreendê-los... o conteúdo denso foge a seu limitado conhecimento e formação. Atém-se ao que lhe é mais significativo e inicia o ataque!

Compara-se a eles e os inveja. *Alguns, judeus que venceram.*

Ele não parecia ter consciência da (amargura e do ódio) força que o movia, mas esta dirigia seus passos, suas ações e *criações*. Entretanto, MORENO não se apercebia disso e, desesperadamente, buscava alternativas!

Tentou os *Jardins de Viena*, precisou abandonar por causa da perseguição e ir para um local não público. Tentou o *Teatro para a Espontaneidade*, não acreditaram em sua 'teoria', no que defendia e no que poderia fazer. Tentou Bad Vöslau e perdeu a credibilidade,,. Num arroubo supremo de '*ou tudo ou nada*', resolve se expor e marca a divulgação oficial do seu trabalho no Dia das Mentiras - 1º de Abril de 1921, talvez tentando com isso, desmoralizar todo o sistema e se consagrar. Batalha perdida...

Irreverente como era e, de certa forma, megalomaniaco, MORENO entrou na briga e provocou a todos, através de seus ataques e excessos: *fantasia ser Deus, critica todo mundo e menospreza as contribuições de qualquer pensador que pudesse ter algo a ver, num primeiro momento, com o que pensava e depois, com o que escrevia.*

Perde a pouca credibilidade que tinha, perde amigos. Vê-se só e paulatinamente sente que deveria recomeçar com a mesma energia em outro lugar, onde *ser judeu* não seria uma ameaça à sua capacidade e onde a ciência estivesse engatinhando (pois na Europa ela andava a passos largos, principalmente em Viena), abrindo e acreditando em novos talentos.

Abandona sua terra natal, seus amigos, sua história e vai embora... Começar diferente e... *adaptar-se às regras do jogo. Não estar mais à margem...*

Inicia aí sua *maturidade como homem* e como criador de um corpo teórico que precisa de maior consistência, que precisa de respaldo da ciência. Inicia aí também, a fase da apropriação de sua criação. Agora a luta se dá no plano das idéias e, MORENO escreve. Discursa em seus textos motivado pela mesma fúria, contra aqueles que não o reconheceram... escreve ao sabor das idéias, não articula suas contribuições à ciência. Falha, de novo, pela dor do não reconhecimento e pela falta de engajamento científico.

Este país novo - EUA - propicia oportunidades indescritíveis e MORENO as abraça. Torna-se aqui, finalmente, o *criador do Psicodrama*. Volta à Europa Oriental e se mostra: Veja o que sou... Estou aqui e sou reconhecido!

Foram tantos os benefícios do novo país, que MORENO assume a cidadania americana e declara ao mundo sua negação à origem e país de origem. Apesar deste presente ao país, o Pai do Psicodrama ainda carregava dentro do peito aberta a ferida de sua estória pessoal não resolvida. No fim da vida, torna-se taciturno, rigoroso em excesso, senhor absoluto em sua casa em Beacon House, um lugar sombrio e triste.

Próximo da morte resgata sua língua pátria, o alemão, e diz para WEIL... " *Eu quis ser Deus, o Pai, mas fracassei...* "

Parece-me que MORENO faz, através desse movimento de oposição à realidade estabelecida, uma busca de sua *identidade pessoal*, psicológica, social, cultural e histórica, numa tentativa de auto afirmação dos valores religiosos adquiridos na infância, os quais em função das discriminações vividas pelo povo judeu naquele período histórico, para um jovem adolescente que naturalmente vive nesta fase uma crise existencial, deveriam apresentar-se de forma paradoxal, senão contraditória com os princípios da doutrina.

A Europa oriental no final do século XIX e começo do século XX mantinha-se atrasada econômica, cultural e socialmente com relação ao Ocidente. MORENO nasceu e viveu neste momento histórico, seu *hic et nunca*. Assim podemos supor que no lugar e momento que viveu, *negou sua origem religiosa e sua identidade como judeu, perdendo-se em meio a uma sociedade - a austríaca - que mais do que não o aceitava, o discriminava e perseguia*.

Quero esclarecer que quando falo em *negação da origem*, refiro-me ao fato de que MORENO, autor, não se reporta à sua formação religiosa ou às possíveis influências de ser judeu em suas idéias, mesmo quando se remete diretamente ao *Divino*; quando diz ser necessário lançar luz a sua biografia ou ainda quando utiliza linguagem bastante transcendental, religiosa e mística para elucidar, explicar ou justificar conceitos veiculados na teoria psicodramática.

Um homem sensível ao seu tempo e mobilizado pelas idéias à sua volta, MORENO tenta ser *reconhecido*: ser um deles. Não conseguindo, institui em torno de si e de suas idéias, um clima de irreverência, contestação e certa leviandade com relação ao que fala e como fala acerca dos pensadores consagrados.

Alguns estudiosos do Psicodrama referem-se a MORENO como um filósofo (GARRIDO chega a sugerir que MORENO devesse ser considerado ao lado de Buber um *neo-hassídico*), contudo, considero que não seja adequado assumir tal posição, porque *filosofar* não constituiu na história do autor sua atividade principal, tal qual Buber, Bergson ou outros. Acredito, por isso, que MORENO deva ser compreendido como um *pensador* das questões relativas à condição do *ser humano*, sua *existência e cotidiano relacional*.

Além disso, considero que o próprio MORENO não tinha consciência de suas limitações, enquanto teórico, por isso agiu *paranoicamente*, como se fosse ser revelado sua fraude a qualquer momento. Parecia precisar defender-se em princípio, como que para proteger-se contra possíveis ataques. Através de seus escritos, podemos sentir que agia como se não acreditasse em si, precisando vencer muitas lutas contra os fantasmas dos *pensadores consagrados* para não ficar à margem da história. Quando, mais maduro, se deu conta de que o caminho para entrar para a história das ciências era outro, passou a publicar suas idéias, mas sem saber articulá-las e sem definí-lhes o fundamento.

Nesta perspectiva, considero viáveis as indicações de que MORENO viveu buscando sua contextualização histórica, sem nunca tê-la achado, por isso, talvez, tenha chamado a atenção de seus seguidores para localizar mais informações acerca de sua vida pessoal numa tentativa de ampliar a compreensão sobre a teoria psicodramática e seus conceitos (às vezes vagos e controversos).

MORENO poderia ter sido considerado um judeu da Diáspora. mas nem isso pode assumir, transformando a negação de suas raízes num peso que certamente carregou por toda a vida.

As atividades que MORENO relata em sua obra como sendo a semente de suas primeiras intuições sobre 'algo' que poderia se constituir " *numa nova ordem(...) um modelo novo para substituir o antigo.* " - e que mais tarde deram como frutos o Teatro para a Espontaneidade, o

Psicodrama, a Sociatria e a Socionômia - aparecem em seus textos como sendo produto de um *gênio criador* ou até mesmo 'iluminado' (efeito que obtém com sua fala poética que tanto cultuam e é cultivada pelos autores psicodramáticos) .

Reconheço o gênio de MORENO e não questiono o valor real e prático de sua obra quando aplicada enquanto instrumento terapêutico e educacional fundamentada na teoria psicodramática, contudo reconheço também (e sem me sentir desvalorizando a contribuição do autor) que faltam costuras neste tecido teórico, a fim de que ele configure uma vestimenta com linhas e formas definidas clara e igual para todos, psicodramatista ou não.

Faltou sistematizar sua obra, muitos disseram sobre MORENO e o Psicodrama. Eu diria: Faltou a MORENO o sentido científico, a metodologia da ciência e , fundamentalmente, o marco referencial de sua obra, porisso ela ficou solta, desalinhavada... e no nível das explicações intuitivo espontaneístas.

Assim, percorrendo a produção de MORENO acaba-se por entender (estimulado por seus escritos...) que, desde muito cedo, em sua juventude, o autor parece ter manifestado desejo de construir uma nova sociedade, na qual cada pessoa fosse igual ao seu próximo e, mais do que isso, se realizasse no reconhecimento do outro - encontro - e na liberação da capacidade criadora. Mas, cabe perguntar, de onde veio esta percepção do reconhecimento do próximo, da possibilidade de realização deste encontro existencial ? E, a liberação desta 'energia criadora', numa época em que a ciência buscava objetivar e definir o mundo real ?

Este grande projeto, fruto da influência materna e do contexto cultural do Judaísmo, como veremos no capítulo dois deste trabalho, considero que somou-se à vontade de MORENO, de ser *reconhecido como igual* no contexto social do qual fazia parte tendo em vista sua origem judaica.



CAPÍTULO 2

"Foi aos 14 anos que cheguei à minha epifania(...) Procurando enxergar onde estava, percebi que estava num parque, diante de uma estátua de Jesus Cristo iluminada pela pálida luz da lua.(...) Queria que Jesus saísse da pedra para me falar.(...) Parado ali diante dela, sabia que tinha que tomar uma resolução que haveria de determinar o curso futuro de minha vida(...) O que haveria eu de escolher: minha identidade com o Universo, com a família particular ou com o clã do qual eu provinha?"

A pequena estátua diante de mim assinalava que Jesus tinha tomado o caminho do Universo e aceito todas as consequências que isso envolvia. Significava pra mim um objetivo que me impulsionaria, e que, daí por diante todas as minhas ações decisões e encontros teriam que ser pautados em conformidade com esta visão de vida.

Parado ali, diante de Cristo, em Chemnitz, comecei a acreditar que eu era uma pessoa extraordinária, que eu estava no planeta para cumprir uma extraordinária missão."

O misticismo judaico e seus reflexos na construção da teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno

Moreno Judeu

No primeiro capítulo revisitei a biografia do criador do Psicodrama, adotando como referência a perspectiva do Judaísmo, base de sua formação místico religiosa. Realizei uma releitura do *homem J.L.MORENO*, que melhor permite a compreensão de sua origem, formação e obra. Embora audaciosa, a nova leitura contextual ilumina possíveis razões para a desarticulação do constructo teórico psicodramático e as dificuldades encontradas para o autor inserir-se no âmbito do conhecimento científico produzido no começo e meados do século XX.

MORENO tentou organizar suas contribuições teóricas, mas como seu estilo tendia para o espontaneísmo coloquial, considero que, por maior que tenha sido seu empenho em ser reconhecido como um cientista social, ainda assim, esteve longe de qualquer modelo no que se refere à produção teórica, pois era avesso a regras e normas ou não possuía fundamentação consistente que pudesse de fato embasar suas intuições primeiras e sua teoria acerca do *homem e a capacidade espontâneo criativa*.

MARINEAU justifica esta dificuldade do autor:

"...por ser demasiado dissidente, não dedicou suficiente atenção para continuar uma escola coesa que continuasse sua obra(...) Além do mais, as implicações de

algumas das idéias de Moreno eram desafiadoras para sua época, nesse sentido, prematuras."⁸⁴

Prematuras ou não, anacrônicas e polêmicas ou de caráter poético, as idéias morenianas ganharam chão. Atualmente são estudadas e difundidas pelo mundo em várias áreas do conhecimento humano, como sendo eficazes para a compreensão e o desenvolvimento do homem comum.

Debruçando-se sobre a biografia de MORENO, é possível observar que o *criador do Psicodrama desde muito cedo esteve atento aos problemas existenciais humanos, pois, como um homem de origem judaica, os vivia. As vicissitudes de sua vida pessoal e a história de seu povo, certamente o motivaram para a busca de alternativas para um viver mais digno e mais feliz. Sentindo-se diferente, lutou para obter reconhecimento como ser humano e identidade social. Não conseguindo - como ele parecia acreditar - negou sua origem judaica.*

Com sua formação eivada de religiosidade, conforme vimos no 1º capítulo, desenvolveu para si a idéia de que sua *missão era salvar a humanidade*, como o Messias que tivesse retornado à terra. Esta crença tornou-se obsessão e MORENO não deveria saber por onde começar: *partir de qual 'sinal' poderia manifestar seu poder criador ?*

Assim, foi tentando construir-se enquanto um novo homem e construir o *papel de divino* nas suas realizações terrenas, confundindo desta forma, fantasia e realidade, as quais se fundiram na vida real e perpassaram toda sua obra. Esta fusão determinou a criação de sua obra, como também a desarticulação da teoria moreniana e a ausência de cientificidade, perseguida hoje por inúmeros psicodramatistas.

A teoria psicodramática, portanto, foi também fruto da história de vida de um homem peculiar, certamente influenciado pela religiosidade e mística do Judaísmo e foi gerada pouco a pouco... conforme corrigia percursos e testava possibilidades para sua vida, a fim de atingir sua meta primeira - sua idéia fixa : a realização da "missão" para a qual veio ao mundo...

⁸⁴ MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889 - 1974*, p. 09

Criou um importante obra para a humanidade, da qual não se deu conta... tão voltado estava para o sentimento de impotência diante das injustiças sociais, de solidão pela perda de sua origem religiosa e de fracasso, por acreditar que não conseguira realizar sua missão.

WEIL lembra de seu último encontro com MORENO...

*"... ao se despedir de mim, afirmou-me com ar triste: ' Eu quis ser Deus, o Pai, mas fracassei. ' (...) Podemos também sentir o desespero do homem atrás destas palavras.(...) Diante dessa tristeza que senti, respondo a Moreno que, na realidade, ele tinha disseminado no mundo inteiro, o germe de uma reconciliação do Homem consigo mesmo; o 'Encontro existencial', o 'aqui e agora' estão caminhando a passos céleres e estão impregnando não somente a psicoterapia, mas também a Literatura, a Filosofia e a Educação (...) Assim sendo, encontrei uma confirmação completa de minhas hipóteses iniciais. Moreno é, antes de tudo, um místico que tem extraído da mística uma Psicoterapia..."*⁸⁵

Moreno e a fase da
escrita religiosa: uma pista sobre a gênese de seu pensamento

A publicação do *Das Stegreiftheater* para MORENO marcou dois momentos importantes de sua vida: o primeiro refere-se à passagem da escrita religiosa para a científica e, o segundo, à difusão da elaboração da bases da teoria psicodramática através deste livro, que se consagrou e é considerado leitura indispensável da obra moreniana.

*(...) dentro do meu trabalho, Das Stegreiftheater marcou o início de um novo período: a transição da escrita religiosa para a científica.(...) foi publicado pela primeira vez por Gustav Kiepenheuer Verlag, Postdam, Alemanha, em 1923. Apareceu anonimamente, como aconteceu com todos os meus livros até 1925.O livro foi traduzido por mim mesmo, a partir do original alemão, tendo sido publicado em 1947, nos Estados Unidos.(...) Sua contribuição principal reside na elaboração das bases da teoria da espontaneidade, da técnica da atuação, e da comunicação interpessoal.*⁸⁶

⁸⁵ WEIL, Pierre In: MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Apresentação*, p.18.

⁸⁶ MORENO, J.L. *O teatro da espontaneidade*.p. 07

MORENO escreveu este texto pela primeira vez em 1923, ou seja, quando tinha 34 anos e já era médico. Em seus escritos, há indicações de que conhecia, mesmo que superficialmente, inúmeros pensadores e correntes teóricas. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, MORENO pretendia-se um estudioso...

Médico formado pela Universidade de Viena, reduto de pensadores e cientistas, MORENO seguramente sofreu as influências deste momento, rico em produções .

Com esta fala MORENO aponta para a compreensão de que até este momento - delimitado pelo próprio autor - seu pensamento e concepção de mundo, homem e existência tinham como substrato um *fundamento religioso*, do qual não revela a origem e, a partir desta obra, sua abordagem passa a ser científica.

Assim, dois *pressupostos* poderiam ser identificados na *gênese do pensamento moreniano*, o qual segundo o próprio autor, foi fecundado, gestado e nasceu dentro de um contexto específico: Viena. São eles:

a) **gênese religiosa**, cuja base é a ascendência judaica de MORENO, na qual reavalio a real influência do Hassidismo sobre seu pensamento e obra e aprofundo a questão da formação judaica, correlacionando elementos do Judaísmo e Psicodrama.

b) **gênese científica**, cuja referência teórica está localizada na Viena do início do século.

Como meu objetivo dirige-se para o aprofundamento da *gênese 'místico' religiosa*, apresentarei a seguir um sucinto panorama do contexto científico da época⁸⁷, em questão, visando tão somente resgatar concepções e pensamentos que certamente influenciaram MORENO, quer pela vias formais acadêmicas ou não.

⁸⁷ Para aprofundar o tema, consultar Wilson CASTELLO DE ALMEIDA, *Lições de Psicodrama*. Ed. Ágora.



Jacob Levy Moreno
Nascimento: 20/05/1889
Morte: 05/05/1974

1989 (5 anos)
Brincadeira de ser Deus

1889

Sigmund FREUD (1855-1939) publica *A interpretação dos sonhos*, nasce a Psicanálise

1907-1910 (18 anos)
Moreno e amigos judeus fundam o Selnismo

1900

Sigmund FREUD (1855-1939) publica *A interpretação dos sonhos*, nasce a Psicanálise

1908-1911 (19anos)
Revolução nos Jardins de Viena

Edmund HUSSERL publica *Investigações Lógicas: Método Fenomenológico*

1912 (23 anos)
Encontro de Moreno com Sigmund FREUD em Viena

1905

KIERK GARD, NIETZSCHE, DILTHEY criticam o intelectualismo racionalista

1914 (25 anos)
MORENO desenvolve trabalho com prostitutas. Publica anonimamente 'Convite ao Encontro'

1906

Aos 28 anos, Martin BUBER (1878-1965), Doutor pela Universidade de Berlim, publica *A Sociedade*

1915-1917 (27 anos)
Desenvolve trabalho com refugiados tirolezes em Mittendorf

1913

Max SELLER (1874-1928) publica estudo fenomenológico sobre empatia e participação efetiva

1917 (28 anos)
Forma-se em Medicina

|1917-1920 (28 anos)
Dirige a revista DAIMON

1920 (31 anos)
Publica anonimamente Das testament des Vaters

1921 (32 anos)
Funda o 'Das Stegreiftheater' e realiza a 1a. Sessão Oficial de Psicodrama

1922

Martin BUBER publica "Eu e Tu", obra em que trata da Filosofia Dialógica

1923 (34 anos)
Caso Bárbara e publicação com autoria de "Das testament des Vaters"

1925 (36 anos)
MORENO emigra para os EUA e, após anos, assume a cidadania americana.

O quadro acima revela o contexto cultural e científico, próximo ao qual viveu MORENO, rico para ser absorvido e que, certamente, deu base à gênese científica de seu pensamento.

Seguindo os passos de MORENO contudo, também é possível constatar que, a gênese religiosa mencionada por ele não aparece em seu próprio relato, exceto pela possível proximidade temporal das publicações do filósofo metafísico francês Henri BERGSON e do filósofo judeu alemão, estudioso do Hassidismo, Martin BUBER. Como neste caso a insuficiência de dados é evidente, só nos resta ir à história numa tentativa de compreender melhor essa gênese e desvelar, quem sabe, algum *fundamento da teoria psicodramática*.

Assim, iniciarei este trajeto realizando um estudo sobre a história do Judaísmo e do povo judeu e sobre o *Hassidismo polonês de Baal Schem Tov*, líder espiritual judeu a quem muitos estudiosos do Psicodrama se referem.

Uma viagem ao Judaísmo...

*"...judeus têm existido há uns quatro mil anos. No decorrer deste tempo, desenvolveram o seu modo de viver e a sua maneira de entender o mundo(...) A vida é considerada pelo judeu a grande obra..."*⁸⁸

Para uma pessoa de formação cristã, como é o meu caso, o Judaísmo é (era) uma religião e o judeu, um pessoa de nacionalidade israelense que cultua essa religião. Mas, segundo KNOPLICH, falar "*... nacionalidade israelense, é uma barbaridade em vários sentidos.*"⁸⁹, pois ser israelense significa ter nascido em Israel, ou seja, os nascidos após 1948, quando da fundação do Estado de Israel, mas não esgota todos os sentidos de ser judeu.

⁸⁸ LEMLE, Henrique, Dr. *O judeu e seu mundo*, Prefácio.

⁸⁹ O Dr. José KNOPLICH é médico, judeu e estudioso do Judaísmo, bem como está vinculado ao movimento judaico em São Paulo. É membro da Federação Israelita do Estado de São Paulo e foi meu consultor acerca do conteúdo e correção dos conceitos aqui tratados. Esta citação refere-se a dados levantados em entrevista realizada em abril/93, em SP.

Ser judeu, significa fazer parte de um povo, o que nos remete à dimensão histórica, na qual - no caso do Judaísmo - identifica-se também a força da religiosidade na vida do cidadão. Ser israelita, implica dar relêvo à *dimensão religiosa* e por isso este termo também se confunde com o ser judeu. Além dessas definições, há ainda o *judeu de fé mosaica*, que é um judeu que professa outra religião.

Além da dimensão religiosa ou da nacionalidade, considero que naturalmente, quando se fala em Judaísmo, retorna à lembrança o *Holocausto* e a *crueledade hitleriana*, pois são fatos históricos contemporâneos próximos.

Na minha infância e puberdade costumava ir com minha mãe à casa de uma amiga (D. Anita, cujo marido se chamava Jacob) que se dizia israelita e não judia. Inclusive não gostava de ser chamada de judia. Eu não entendia bem como uma pessoa podia ser de Israel e não ser judeu ...

Eles eram comerciantes de jóias caras. Ouvia dizer que tinham dólares guardados... Sua casa era diferente... tinha um clima que era diferente das casas que eu costumava frequentar. Muita austeridade, muitos símbolos e um jeito diferente de ser... Eu ficava curiosa, mas nunca consegui entender...

Na porta de entrada, existia uma 'coisinha' que ficava em posição diagonal, colada na parede e, toda vez que alguém entrava ou saía, passava a mão sobre aquela coisinha, beijava e dizia algo. Eu morria de curiosidade e minha mãe dizia que eu não podia mexer lá. Era coisa da 'religião' deles.

Eles eram amigos de anos da minha mãe, mas eram muito reservados. Não existia entre minha mãe e eles aquela intimidade natural às amizades de anos.

Fiquei sabendo que aos sábados eles não comiam o dia todo e também não trabalhavam. Eu não podia entender como alguém podia em sã consciência, 'passar fome'. Pensava: " eles são muito esquisitos mesmo ". Às vezes parecia até que tinham medo ou precisavam esconder algo. Eu pensava que era por causa das jóias e dos dólares...

Um dia, minha mãe foi convidada para o casamento da filha deles. Já ser diferente do nosso, D. Anita dizia. Fiquei ansiosa, contando os dias passar, pois ela disse também que o casamento era realizado sob uma tenda e que os noivos quebrariam uma taça .

Achei tudo muito estranho, mas foi assim mesmo.

Cresci, seu Jacob morreu, depois D. Anita e aquela experiência ficou distante na minha memória.

Por mais estranho que possa parecer esta estória pessoal introduzida em uma dissertação de mestrado, a convivência com esta família de judeus, hoje me vem à memória e me faz compreender como é difícil entrar no singular universo do Judaísmo e dos judeus, pois ele está

eivado de rituais e símbolos no cotidiano, que não *pertencem à nossa cultura*. Mesmo estudando o Judaísmo, ainda assim, ficamos muito distantes da realidade pessoal e histórica de um judeu.

A concepção de homem subjacente à idéia de ser judeu ou à religião judaica tem como origem histórica tempos imemoriais, mas que são, na verdade, o ponto de partida para a essência do Judaísmo, enquanto religião e para a formação da essência do homem judeu, independentemente do período histórico judaico no qual viveu.

Ser *judeu* não significa pertencer a um grupo étnico ou corporação religiosa, *mas ter na mente e na alma a tradição da história do povo judeu e seu martírio. Os judeus constituem um povo que tem memória histórica e espiritual, herança judaica, a qual sustenta há séculos a coesão e unidade dos judeus espalhados pelo mundo e vivendo sob a influência das mais diversas culturas, sem deixar de ser judeu.*

A história e herança do povo judeu é condição *sine qua non* para a compreensão do que é ser (não ser ou 'deixar de ser')judeu ! Assim, apresento um pouco da história que conheci...

" O ponto de partida para o estudo da história do povo judeu é uma estreita faixa de terra que se estende entre o mar Mediterrâneo e o deserto da Síria e da Arábia. "90

Chamada terra de *Knaan*, que era pequena, tinha a forma de lua e um relêvo variado. Neste solo, foi erigido o Estado de Israel. *Knaan* era uma terra valiosa porque constituía a ponte de ligação entre a África, a Ásia e a Europa. Esta particularidade colocava-a em ameaça constante e à vida do povo que lá vivia, por invasões de estrangeiros. Esta região localizava-se entre dois expressivos centros culturais daquela época: Egito e Mesopotâmia, apesar disso, *Knaan* manteve-se atrasada em termos de desenvolvimento, como mostram os estudos arqueológicos na região.

Conforme relatos, o povo judeu é originário do noroeste da Mesopotâmia e como grupos nômades deslocaram-se para o oeste, chegando à *Knaan* por volta do ano 2.000 a.C .

⁹⁰ Federação Israelita do Estado de São Paulo, *Caminhos do povo judeu*, Volume I p. 17.

A história do Judaísmo, começa na Antiguidade, com o surgimento do primeiro judeu *Abrãao*. o qual, segundo documentos e textos bíblicos foi o fundador da fé no Deus único, o **monoteísmo**. Os judeus eram pastores nômades e cultuavam a crença em um só Deus, diferentemente dos outros povos que eram *politeísta* e tinham, portanto, vários deuses.

Por causa de uma seca, judeus foram viver no Egito e, por um período foram bem recebidos, mesmo sendo hebreus. Contudo, por questões políticas e econômicas, em torno de 1500 a.C. provocaram sua expulsão tanto do Egito, como de Knaan.

Em 1280 a.C., na época do faraó Ramsés II, em função da carência de mão de obra para a construção de grandes obras, houve a escravização dos hebreus e de outros estrangeiros. Esta realidade despertou nos hebreus o desejo de retornar à Knaan e o anseio da libertação físico, espiritual, cultural e religioso. Com a vinda de *Moshé* (Moisés), esta esperança foi realizada: o líder reconduziu seu povo, pelo deserto, de volta à Eretz Knaan.

"...libertou o povo do jugo egípcio. deu-lhe a sua Constituição e fixou as bases das suas instituições sociais, políticas e religiosas. Moisés recebeu de Deus, no Monte Sinai, os Dez Mandamentos para seu povo. os quais se constituíram a base para a Torá (Orientação)"⁹¹

Após vários anos no Egito, os judeus retornam à sua terra, pelas mãos de Moisés e formam a nação judaica composta por 12 tribos. Os primeiros governantes desta nação foram *juizes*. Após estes, instala-se a monarquia e os hebreus passam a ser governados por *reis*, dos quais, apenas três - *Saul, Davi, Salomão* - mantiveram a união do povo.

Salomão reinou com sabedoria e justiça e durante o seu reinado o país desenvolveu-se, chegando ao seu apogeu de paz e prosperidade. Nesse período, o povo pagava pesados impostos para manter o luxo do reino e para a construção do Templo e das muralhas de *Yerushalaim* (Jesusalém). Quando o rei Salomão morreu, seu filho Rehavam, ainda jovem assumiu o trono, provocando insatisfação nas tribos do Norte, que se separam, fundando o *Reino de Israel*. As duas tribos do Sul, que continuam fiéis ao Rei, fundam o *Estado de Judá*.

⁹¹ IDEM, pp. 92-93

A divisão enfraquece o povo judaico, que passa a ser atacado por outras tribos que lá viviam e também queriam a independência. O período dos dois reinos foi uma época de muitas lutas, enfraquecendo Judá e Israel, até sua conquista pelos assírios e babilônios. No ano 722, os assírios dominaram as dez tribos que compunham Israel e as dispersaram entre os povos orientais, chegando ao fim o Estado do Norte, que nunca mais foi resgatado. As duas tribos de Judá sobreviveram por mais um período até que foram atacadas pelos babilônios e, em 597, houve a primeira deportação de judeus para a Babilônia.

Nabucodonosor, rei babilônico, destrói o Templo de Jerusalém e exila o resto do povo judeu. Apesar disso, as duas tribos - de Judá e de Benjamim - sobreviveram e desde então seus descendentes são chamados de *judeus*.

A Babilônia foi conquistada por Ciro, rei persa, cinquenta anos após a primeira queda do Templo de Jerusalém. Este rei permitiu aos judeus voltarem à Palestina para estabelecerem novo estado, agora como província do Império Persa. Alguns não voltaram, outros reiniciaram a obra de reconstrução e em 516 inaugurou-se o segundo Templo. Essa situação de liberdade perdurou até que a maior potência da Antiguidade - Roma - decidiu conquistar Judéia e, em 68, conquista a Palestina.

Assim, fracassa a segunda tentativa de erguer um Estado Judeu em solo judaico e aí, inicia-se a *Dispersão* (Galut = exílio).

O povo judeu ficou conhecido na Antiguidade pela sua criação religiosa cultural. O livro básico de sua religião e de sua moral é a Bíblia (*Torá*).

Após Moisés, os *profetas* tornaram-se a garantia da constituição da religião judaica, porque eram a voz da consciência, da verdade e da justiça e se opuseram a todo mal, tanto na vida particular como nas práticas da sociedade e na ação dos governos dos poderosos. Assim fizeram da *religião a verdadeira orientação da vida humana*. A tarefa de transmissão dos ensinamentos da *Torá*, foi no decorrer dos séculos assumida pelos mestres e rabinos e assim,

*"... criara-se algo que resistiria ao exílio e perduraria contra todas as dificuldades: na religião judaica estava fixada a base da vida comunal e dela emanava permanente inspiração para a existência de cada judeu"*⁹²

A história de um povo vale pelo que este deixou de legado à humanidade. Os judeus não deixaram construções grandiosas e nem conhecimentos científicos ou artísticos de valor, *sua contribuição reside em idéias e valores de liberdade, paz e justiça para todos. Concepção intruduzidas pelos profetas, homens corajosos, que não temiam aos governantes poderosos e criticavam as injustiças sociais, a exploração dos mais pobres pelos mais ricos e a desigualdade nas condições de vida.*

Foi neste período que na religião judaica foi introduzido o conceito de *Mashiach* (Messias) " *... que seria o homem capaz de libertar os judeus de seus opressores e trazer a paz para o mundo e a justiça para os povos.* "⁹³

Esta breve retomada da história antiga do Judaísmo tem como finalidade explicitar o porquê é tão difícil compreender ou definir *o que é o Judaísmo e quem é o judeu*. Uma das questões tratadas por autores judeus de renome é a quase impossibilidade de definir *o que é o Judaísmo e o que é ser judeu*. Em geral, para se definir alguém, adota-se como referência, por exemplo, a nacionalidade, a etnia, a raça, a religião ou alguma outra característica que seja relevante para a definição.

No caso do judeu, o que está por trás de sua identidade é a história de seu povo, desde os primórdios. É a criação da Torá e os rituais religiosos intrinsecos à sua realização no cotidiano do judeu. É a perseguição que seus antepassados sofreram, é a destruição de seus Templos. As inúmeras tentativas de fixarem-se em sua própria terra e fundarem sua própria nação. É a necessidade da orientação da Torá e a devoção à ela para se considerar digno. É a manutenção do sentimento de nacionalidade, mesmo sendo um expatriado ou mesmo sem ter de fato uma nação, como era antes da fundação do Estado de Israel em 1948. Enfim, é a história de um povo que revive na história de cada judeu.

⁹² IDEM, p.98.

⁹³ Federação Israelita do Estado de São Paulo, *Caminhos do Povo Judeu*, Volume I, p.82.

Por causa da importância do resgate da história do povo judeu, o Judaísmo criou ao longo de sua história rituais e símbolos que o representasse e o tornasse presente no cotidiano do cidadão comum judeu.

"Cada criança que nasce de uma mãe judaica é considerada judaica. Esta é uma das respostas à pergunta frequentemente levantada: Quem é judeu? A outra resposta será: Cada um que sincera e convictamente abraçar a religião judaica é judeu" ⁹⁴

Para manter vivo dentro de cada comunidade e de cada judeu a *herança judaica*, o Judaísmo '*santificou o tempo*' e imprimiu-lhe um ritmo, tornando-o inspirador na sua sequência histórica comemorativa. Criou-se um *Calendário* - o *Luakh* - que tem como referência dos anos, meses e dias o *anoitecer*, ou seja, o dia começa com o aparecimento da lua (e não do sol, como para o calendário comum). Além disso, a contagem do calendário tem como ponto de partida o '*início do próprio mundo*' (e não o surgimento de uma pessoa importante, como é o caso de *Jesus*, no Cristianismo) - o *Dia da Criação ou Tishri*, que coincide com um dia do mês de setembro ou outubro.

Esse calendário coloca os judeus, atualmente, no ano 5.754.

O *dia mais importante do calendário judaico é o Yom Kipur*, que é o *Dia do Perdão* durante o qual o judeu jejua e roga ao seu D'us, em suas preces, perdão para seus pecados, *"... mas para poder receber o perdão Divino, é preciso sentir verdadeiramente pesar sobre todo o mal cometido, prometendo de todo o coração tentar nunca mais errar."*⁹⁵

O *dia da semana*, neste mesmo calendário, mais importante é o *Sábado* ou *Shabat*, que é sagrado, tem duração de 24 horas e durante o qual realizam a *abstinência do trabalho, o desligar-se das preocupações do cotidiano e o encontro consigo mesmo e com o seu lugar no mundo*. É um momento de reflexão crítica e reavaliação de seu papel no seio da comunidade, de forma a rever posições e realizações pessoais. Uma parada para refazer cursos, tendo como base a história do povo judeu e a orientação da Torá.

⁹⁴ IDEM, p. 73.

⁹⁵ Rabino Shabsi ALPERN & Rabino Yossi ALPERN. *O som do Shofar*, p. 88.

Neste dia, a família judaica se reúne...

"o judeu vive o Shabat principalmente no lar.(...) A preparação da casa, o ambiente feliz, preces, canções e a família reunida dão à noite o seu caráter singular. O encontro com todos os que amamos, conversação em amizade, estudos, leituras e debates garantem a riqueza das horas de Shabat.(...) A beleza do lar e a força da tradição se fundem(...) Essa alegria deve ser levada a todos quantos vivem solitários e aonde há sofrimento. Isso é uma parte essencial da orientação do Shabat: visitar doentes e necessitados..." ⁹⁶

As datas comemorativas incluem três festas importantes do ano judaico, que possuem uma significação histórica e outra agrícola. São elas:

a) o Pessakh (ou *Páscoa*) que festeja a libertação do povo judeu do jugo dos faraós e a saída do Egito e a data da primeira colheita do ano, a *Omers*, que é comemorada com canções e danças.

b) o Shavuot (ou *Festa das Semanas*) são dois dias (6-7 *Sivam*, que referem-se a determinados dias entre março e junho do calendário comum) fixados exatamente 07 semanas após o Pessakh, que representam a data da entrega da *Torá* e comemoram sua Revelação e, especialmente, a revelação dos 10 Mandamentos no Monte Sinai. Esta data é muito importante porque comemora o nascimento da religião judaica, quando Deus e o povo judeu estabeleceram uma aliança.

A comemoração agrícola da *Shavuot*, refere-se à segunda colheita, que é a do trigo e das primeiras frutas.

c) o Sukot (ou *Cabanas*) comemorados 4 meses depois da Shavuot (nas datas de 15 a 23 de *Tishri* ou setembro - outubro), que resgata a passagem do povo judeu pelo deserto e o fato de que nos, aproximadamente, quarenta anos em que lá viveram, não necessitaram de abrigo e proteção, As cabanas eram suas residências e Deus seu protetor, porisso sentiam-se absolutamente seguros.

⁹⁶ IDEM, pp. 59-60.

Nesse período comemorativo, a *tradição* manda construir cabanas nos pátios particulares e nas Sinagogas. O significado agrícola da Sukot reside na colheita - que é a terceira - das uvas e nozes e na bênção da água.

A *Tradição* revela-se em todos os momentos do ano judaico e tem como base o calendário de festas e cultos comemorativos. Este cronograma de atividades festivas também consagra o *homem judeu*, sua evolução como ser humano e como cidadão, que rege sua vida segundo a herança de seu povo e deve assumir *responsabilidades*.

As *responsabilidades*, dentro da tradição judaica, são *condutas individuais que somadas conformam o modo de vida da coletividade e são consideradas fundamentais à formação do homem judeu*. porisso, também fazem parte do calendário comemorativo, quando do seu início: na puberdade do menino e, já mais contemporaneamente, da menina. Esta iniciação marca a inserção e o reconhecimento do jovem como cidadão judeu e, portanto, também *responsável* pela preservação da *herança judaica*..

As *responsabilidades* são assumidas quando o menino judeu completa 13 anos e realiza o *Bar Mitzvá* ou maioridade religiosa, após a qual é considerado um homem dentro da comunidade, com o qual passam a contar nas realizações da coletividade. Assim passa a ter como tarefa na vida:

a) ***Cuidar de si***, de sua formação e de sua pessoa. o relaxamento consigo próprio é considerado um pecado contra si.

b) ***Adquirir cultura***. O mundo está repleto de coisas belas e nobres, que deve conhecer e aprender: a música, a literatura, a arte...O estudo em geral é um lema entre os judeus, a escola só o ponto de partida.

c) ***Realizar trabalho digno e honesto***. A *Torá* orienta que o trabalho é fundamental para ter sorte e ser feliz, pois o Judaísmo entende no trabalho a realização do enobrecimento do homem.

d) ***Procurar amigos***. Para viver plenamente, devemos ter amigos. *Somente através da relação com o outro, poderemos desenvolver os sentimentos humanos de amor, cooperação,*

dedicação ao semelhante. Por causa desta responsabilidade, os judeus organizam grupos de juventudes, a fim de praticar a arte de conviver com e para o outro.

e) Cuidar da formação do caráter. Esta é a principal tarefa do judeu: a *responsabilidade* de fazer de si um homem bom, honesto e sincero e ser rigoroso no combate à mentira, a desonestidade e a covardia que muitas vezes impede o homem de ser verdadeiro ou o transforma em omissor. O judeu deve ser *diferente*, sem medo, pois é assim que desenvolverá a credibilidade dentro da comunidade como um homem de confiança, passando a ser não mais um *bar mitzvá*, mas um *Ish Emuna* ou 'homem de confiança'.

e) Ter responsabilidade para com a família. Todos os que vivem unidos por laços de parentescos têm reponsabilidades para com os seus pares, cada qual com seu papel: pais devem cuidar dos filhos, da manutenção do lar e do bom exemplo; filhos devem seguir o 5º mandamento e honrar pai e mãe, cuidando sempre de seu bem estar. A amizade deve garantir a harmonia mesmo na discórdia.

f) Amar ao próximo como a ti mesmo, indiscriminadamente. O interesse, respeito e ajuda deve dirigir-se a todos os que dele necessitem. Para poder amar ao próximo, deve o judeu amar a Deus, que é pai de todos e os faz irmãos.

g) Ser justo - não deixar de praticar justiça. Todos têm direitos iguais e os que são expropriados pelas situações infelizes de sua existência, devem ser cuidados até terem chances de recomeçar a realizar suas *responsabilidades* e criar uma nova existência. Ajudar ao outro é praticar um ato de justiça e porisso deve haver *anonimato* para que não ocorram humilhações. A humildade é condição *sine qua non* neste processo de doação, pois quem dá não deve sentir prazer nisto, nem o não dar deve ser usado como vingança.

Como é possível observar, o Judaísmo além de resgatar a história de seus ancestrais - *a grande família do judeu* - também centra-se na preocupação e prioridade de atender aos necessitados ou as minorias. As perseguições desde o início do Judaísmo, a perda do solo pátrio, a distância de seus semelhantes (Diáspora), o sofrimento corporal e espiritual pelo qual passaram, a

discriminação que ainda se preserva,⁹⁷ tornaram o *Judaísmo uma doutrina humanista, que tem como pressuposto as qualidades humanas inerentes ao homem comum, a preservação destas e a valorização das relações humanas, sejam estas consigo próprio ou com o outro*. Esta filosofia de vida garante a unidade do povo judeu, apesar do tempo e do espaço que o separa.

As responsabilidades devem nortear a conduta cotidiana do cidadão judeu, como um código de ética e moral rígidos, que estabelece as regras básicas de convivência comunitária. O judeu ganha a consciência de que tem um papel no mundo a desenvolver e melhorar, confiando na própria capacidade (e na do outro) para fazer as escolhas certas, sabendo distinguir e, com base nestas regras, entre o certo e o errado, livrando-se de suas próprias deficiências enquanto ser humano. Para isso não precisa da intervenção do Divino, porque o homem é dotado de capacidade de criação.

O judeu é capaz de saber que o *bem* representa os valores e princípios de solidariedade, interesse ao próximo, sinceridade e ajuda ao outro. O Judaísmo enquanto religião possui como alicerce da vida comunitária cotidiana os rituais e simbolismos de resgate contínuo e de preservação da *herança judaica e sua tradição*, entretanto, embora estes existam sempre, na história judaica eles existem em diferentes sistemas religiosos sob a forma de correntes místicas que ora enfatizam a Criação Divina, ora a Revelação de Deus ou às vezes, a Redenção dos Homens, a fim de alcançar o plano superior, numa tentativa de *"... interpretar os valores religiosos do Judaísmo em termos de valores ' místicos ' "*⁹⁸

Não nos ateremos ou aprofundaremos a questão do misticismo⁹⁹, por ser este um tema deveras complexo, controverso e não é objeto deste estudo.

O Judaísmo professa que é possível encontrar Deus dentro de si, diferenciando-se assim do Cristianismo, que professa a busca da identidade humana à imagem e semelhança de Deus. O Judaísmo não quer identidade, nem intermediários neste diálogo, quer um caminho que o leve

⁹⁷ O programa 'Escolinha do Professor Raimundo', veiculada diariamente na Rede Globo, difunde ainda hoje uma imagem deformada e discriminadora do judeu, salientando uma ligação desmesurada com o dinheiro, como se a vida do cidadão judeu girasse em torno do vil metal, o que é mentiroso. Hoje é conhecido o poderio econômico de Israel, entretanto esta foi uma das formas de se garantir a realização do objetivo de resgate da nação israelense e, acima de tudo, as possibilidades de defesa da nação. Também é conhecido e reconhecido a força bélica do estado de Israel.

⁹⁸ Proximamente a nós, temos a recente Guerra do Golfo, que demonstra a necessidade desta força.

⁹⁹ SCHOLEM, Guershom. *A mística judaica*, p. 12

⁹⁹ Remetemos, então, o leitor interessado em aprofundar-se no tema, aos títulos abaixo: SCHOLEM, G. *Mística judaica, Cabalismo e Simbologia*.

ao mundo superior para poder realizar este diálogo e a partir desta experiência divina dar novo sentido à própria vida.

O Judaísmo perpassa toda a história da religião e é tão importante que a experiência dialógica entre o crente eo Divino deveria constituir seu máximo objetivo de vida. Essa idéia do Deus vivo, que se manifesta em atos divinos , determinou ao longo da história do movimento judaico uma variedade de experiências , às quais subjaziam inúmeras correntes místicas. Assim, em períodos distintos, sistemas foram erigidos , tais como, o *Gnosticismo judaico; o Hassidismo na Alemanha Medieval; o Cabalismo; o Lurianismo; o Sabatianismo; o Hassidismo Polonês* (que aqui estudamos) e outros. Estas correntes emergiam em alguma comunidade judaica pois melhor representavam seus anseios existenciais. Gradativamente difundiam-se, ganhavam *status* de sistema, tinham seu apogeu e decadência, quando então eram substituído por outra concepção nascida da mesma forma.

Ao longo dos séculos, o Judaísmo manteve-se unido através destas manifestações, até chegar ao...

Hassidismo: última corrente da mística judaica

Um pouco da visão mística ...

Israel Ben Eliezer é o verdadeiro nome de *Baal Schem*, o **Bescht**. A estória de seu nascimento é peculiar, pois seu pai, o Grande Rabi Eliezer, quando moço foi aprisionado pelos tártaros, que invadiram a região de Volhi, sua terra. Foi levado para um outro país e vendido como escravo a um Ministro. Como era um bom escravo e iluminado, pouco a pouco ganhou a confiança de homens importantes com seus conselhos, chegando à posição de Conselheiro do Rei, que

reconhecendo ser ele um homem inspirado por Deus ¹⁰⁰ conservou-o em seu palácio e o elegeu Vice-Rei, concedendo-lhe a mão da filha de seu vice-rei anterior em casamento.

O Rei Eliezer, que não consumou o casamento, esclareceu à esposa seu motivo: o aprisionamento, a escravidão e o afastamento de sua terra natal, onde deixara esposa. A moça comovida com a história, o ajudou a fugir.

Retornou à sua primeira mulher. Em sonho ouviu do Profeta Elias, que como não tinha cedido à tentação, seria presenteado com a chegada de "*...um filho, que iluminaria o mundo com sua sabedoria*" ¹⁰¹.

Quando o Rabi Eliezer tinha quase cem anos, nasceu seu filho iluminado - Israel Ben Eliezer - a quem disse, antes de falecer: "*– Filho, como não tenho merecimento para continuar a criá-lo, certo estou de que D-us Todo Poderoso, estará sempre ao seu lado; portanto não tenha medo de nada.*" ¹⁰²

Logo após o passamento do pai de Israel, morreu sua mãe e o pequeno garoto foi cuidado pelos moradores da cidade que lhe colocaram aos cuidados de um *melamed* (professor e acompanhante individual), para instruí-lo. Ele gostava de estudar, mas com frequência fugia para os campos e florestas, onde se isolava. Por fim, deixaram de cuidar dele.

Rabi Adam, senhor pobre, bom e religioso possuía as folhas soltas de um livro sagrado, as quais lhes davam poderes para realizar seus desejos, mas preferiu continuar muito pobre e cultivar apenas as riquezas do espírito. Antes de seu passamento o Rabi Adam fez em sonho uma consulta, perguntando para quem entregar os Manuscritos Sagrados. Recebeu como resposta que os entregasse a Israel Ben Eliezer, morador na cidade de Okup. E assim aconteceu...

Israel, próximo dos catorze anos, quando era guarda do Templo, recebeu das mãos do filho do Rabi Adam.

Israel recebeu a ordem divina de que deveria permanecer até os 36 anos de idade no total desconhecimento e pobreza, melhorando apenas o espírito em prece e conhecimentos a fim de preparar-se para sua missão de auxiliar o próximo.

¹⁰⁰D-us é a grafia incompleta do nome de Deus, segundo a Tradição mística.

¹⁰¹ SCHREIER, Ary e Emilia. *O Mestre do Bom Nome*. p. 22.

¹⁰² *ibid.*

Após esta idade pode revelar a todos a sua luz, sabedoria e poder espiritual.

"Terminada a refeição, Israel voltou para seu retiro a fim de meditar e orar . Durante a Misná contou ao jovem inúmeros segredos contidos na Torá, dos quais nunca alguém tinha ouvido falar. Depois de Maariv, Israel fez a Havdala, dizendo ao hóspede : - Exijo que ao chegar a Brod fale, não com Rabi Guerschon, mas com o Rabino-Mor e os discípulos, que existe entre vocês um homem iluminado; é mais do que justo e lógico que convidem a morar na cidade. Emocionado, o rapaz partiu logo e transmitiu a todos a mensagem. O Rabino-Mor e os discípulos, ao ouvirem o relato, logo imaginaram que devia de ser Israel, pelos fatos extraordinários de que já deviam ter tido notícia. Porém, havia certa dúvida, pois ele não tinha aparência de homem culto. Imediatamente se reuniram e combinaram ir a estalagem fazer um convite especial para que Israel os honrasse vindo residir entre eles. Porém, Israel com elevado dom, previu a resolução dos dirigentes da comunidade e veio ao encontro deles na floresta; respeitosamente, todos desceram de suas carruagens, apanharam galhos e ramos, improvisaram uma hipa e sob ela o aclamaram Rabi. Com profunda emoção, Israel fez a prévia com orações extraídas das palavras sagradas da Tora e dessa hora em diante passou a ser chamado pelo nome de: RABI ISRAEL BEN-ELIEZER - O "BAAL SCHEM TOV" .¹⁰³

Revisão Histórica de Baal Schem

Baal Schem, era um homem comum, judeu do povo, que pelo modo particular de ser e de compreender o momento histórico, representou com seu pensamento transformador, uma luz para os anseios da época. Mito da cultura judaica, foi o líder fundador do hassidismo (ou Hassidismo Beschiano), hoje considerado uma das correntes mais importante da mística judaica.

"... havia numerosos curandeiros e exorcistas, que, por expulsarem os demônios do corpo dos doentes através do nome dos anjos, eram chamados Baalei Shem - senhores do nome.(...) Foi no sul da Polônia que apareceu o fundador do Hassidismo. Chamava-se Israel Ben Eliezer(...) Em 1736, tornou-se também um Baal Shem, isto é, um exorcista; vendia amuletos para espantar o mau olhado . Seu sucesso como curandeiro levou o povo do lugar a apelidá-lo de Baal Shem Tov - o senhor do bom nome. E, com o nome de Baal Shem Tov, ele entrou para a história judaica como um dos grandes líderes do judaísmo." ¹⁰⁴

¹⁰³ SCHREIER, Ary e Emilia. *O Mestre do Bom Nome*. p.37.

¹⁰⁴ MEZAN, Renato (org.). *Caminhos do povo judeu*, p. 326.

Israel Ben Eliezer nasceu por volta de 1700¹⁰⁵, na cidade de Okup, próximo à fronteira da Turquia (atualmente Polônia). De família humilde, perdeu pai e mãe cedo, ficando aos cuidados da comunidade. Matriculado na escola, não se adaptou à educação abandonando seus estudos regulares. Passou a trabalhar para o próprio sustento como bedel de professor primário, levando as crianças à escola ou à Sinagoga.

Durante o trajeto do trabalho canta ao caminhar entre as árvores da floresta, manifestando desde cedo seu amor pela música, traço que mais tarde veio a se transformar em importante característica do ritual hassídico. Mais tarde, como ajudante de Sinagoga pode entrar em contato com a *Torá e a Cabala*.

Adulto e distante de sua cidade de origem, o jovem mestre ganhou o respeito de todos na nova comunidade por seu senso de justiça, brilhantismo e integridade moral, chegando a ser chamado para opinar em questões conflituosas entre pessoas.

Após seu casamento, isola-se com a esposa em uma cabana na floresta dos Montes Cárpatos, a fim de estudar e meditar. Vivia como um cabalista. O contato com a natureza foi decisivo para a formação mística de Israel, pois a magnificência e o misticismo da natureza o levaram à revelação do Divino e a compreensão de que era possível encontrar Deus não somente através da *Torá* ou sacrifícios e arrependimentos, *mas dentro de cada ser humano, porque Deus está na vida de todos os homens*.

"Renunciou à reclusão e revestiu-se do manto de chefe no fim dos anos 1730, e na década de 1740 reuniu-se à sua volta um grupo de adeptos e admiradores que adotaram sua maneira de servir a Deus.

Sua personalidade se apresenta velada para nós por uma névoa de lendas; um dos poucos documentos subsistentes a respeito dele, é a carta que mandou ao cunhado que vivia em Israel em 1750, onde descreve sua experiência mística - como sua alma subiu ao Paraíso, e como aí encontrou o Messias. Nesta ocasião, o Bescht perguntou ao Messias quando viria e recebeu a famosa resposta: ' quando teus rios se espalharem ' , ou seja, quando os ensinamentos hassídicos do Bescht se difundissem entre o povo. Ao morrer em 1760, o Bescht deixou um movimento genuíno..." ¹⁰⁶

¹⁰⁵ Há dúvida quanto ao ano de nascimento de Baal Schem ser 1699 ou 1700.

¹⁰⁶ ETTINGER. *O movimento hassídico*. In: GUINSBURG, J. & FALBEL N. *Aspectos do hassidismo*, p.11.

O Hassidismo criou uma peculiar cultura assentada em fatos acerca do Bescht e cristalizadas em lendas, estórias e música.¹⁰⁷

Por muitos séculos, a religião judaica manteve a união de sua comunidade sob a forma de corporação social e religiosa de estrutura milenar e cuja cultura peculiar era distinta e distante daquela do país ou região dentro da qual a judiaria se inseria geograficamente. O desenvolvimento do mundo à sua volta e o apêlo advindo deste, acabou por gerar conflitos no âmago de grupos de judeus ortodoxos, abalando assim seu conservadorismo. Com o tempo, as comunidades judaicas passaram a interagir com o mundo social e cultural externo, sofrendo pressões internas e externas. Iniciou-se, a partir desse contato, um processo de desmoronamento da identidade cultural.

Foi neste momento que:

"O movimento hassídico apareceu entre o povo judeu na Europa no limiar de uma mudança decisiva na sua história, num momento quando os judeus começavam a tomar parte no mundo social e cultural que os rodeava" ¹⁰⁸

O judeu que manifestava interesse pela cultura exterior, era discriminado radicalmente pelos seus pares, porque acreditava-se estar sendo *assimilado*.

Em meados do século XVIII a sociedade polonesa, que antes apoiava a autonomia das instituições judaicas, passa para o controle de dirigentes que contrapõem-se a esta, imputando à judiaria a co-existência de um *"... Estado judaico dentro do Estado . "*

Os críticos responsabilizavam o governo pelo reconhecimento das instituições centrais da organização autônoma judaica, apontando-os como fracos. Deste movimento de oposição à linha governamental, resultou o cancelamento do reconhecimento às instituições judaicas que em 1764 foram dissolvidas.

¹⁰⁷ Os livros *Histórias do Rabi* de Martin BUBER e *O mestre do Bom Nome* de Ari e Emilia SCHREIER, resgatam parte destas lendas que são agradáveis e mágicas ao leitor e tem o objetivo de inspirar *"... mais fé e emoção na vida atual, e mais reverência ao nosso glorioso passado (...) e trazer uma parte das estórias do Sagrado Baal Schem Tov ao público brasileiro numa linguagem popular, dando assim a todos, e especialmente aos nossos jovens, uma idéia da grandeza desta figura que transforma gerações"* (Prefácio do Rabino Shabsi ALPERN)

¹⁰⁸ ETTINGER, S. O movimento hassídico - Realidade e Ideais. p. 09. In: *Aspectos do Hassidismo*, GUINSBURG, J, & FALBEL, N.

A Revolução Francesa (1789) e o pensamento racionalista do 'Século das Luzes', influenciaram o processo de emancipação judaica em curso e os judeus progressistas de tendência liberal, conhecedores do misticismo cabalístico, deram forma ao Iluminismo judaico, denominado *Hascalah*, situação que determinou significativa distância entre a classe dos judeus eruditos e o povo, que por sua vez sentiu-se abandonado por Deus.

A comunidade judaica internamente também estava em crise. Judeus ilustrados, adeptos dos Iluminismo e da ciência, acusavam o regime de corporação comunal, de privilegiar uma oligarquia que explorava a coletividade e de, deliberadamente, os impedir de estabelecer contato com a cultura exterior e o Cristianismo.

"... criou um tipo de crente para quem o sentimento era mais importante do que a observância externa (...) era a resposta à tensão e sofrimento da vida pública judaica, pois embora não pudesse mudar as condições objetivas de opressão na qual os judeus viviam, criou um mundo ideal para eles, um mundo no qual o desprezado judeu era senhor (...) e respondeu às necessidades espirituais do crente individual e às aspirações da geração, transferindo a solução de seus problemas para o mundo da imaginação." ¹⁰⁹

Tal afirmação revela outra causa para a emergência e difusão do movimento hassídico, oriunda do seio da própria religião, que é a luta entre os *ortodoxos* defensores da idéia de alguns poucos *escolhidos por Deus* para penetrarem no universo divino e os *democratas progressistas*.

O grupo ortodoxo utilizava-se de uma linguagem excessivamente simbólica e de rituais, que por não serem acessíveis à maioria dos judeus, os impedia de ascender ao mundo divino: aspiração de todos. O hassidismo chega para resgatar ao cidadão comum, o direito ao *acesso direto a Deus*, sem a necessidade de intermediação da casta conservadora.

Sofrendo sérias crises internas e inserida na sociedade polonesa, que a pressionava e estrangulava, a comunidade judaica, naquela região, vê emergir um *líder espiritual* que representou a possibilidade de soluções. Suas idéias renovadoras, ajudaram a reunificar, organizacional e

¹⁰⁹ ETTINGER, S. O movimento hassídico. *passim*, citando DUBNOV, Simon. História do Hassidismo (Hebraico) Telaviv. 1930. pp 35-36. In: GUINSBURG, J. & FALBEL *Aspectos do Hassidismo*. pp.12-13.

religiosamente, a dividida judiaria de Europa Oriental. A nova corrente, denominada hassidismo, trouxe nova interpretação às Escrituras Sagradas.

Baal Schem, como líder do movimento hassídico, promoveu a "**democratização da comunhão mística**"¹¹⁰, antes prerrogativa de poucos escolhidos e, portanto, a esperança para a salvação da alma, porque deslocou "**... a ênfase, até então posta na erudição, para a subjetividade do sentimento religioso**"¹¹¹ O líder espiritual pregava *um novo modo de relacionar-se e servir a Deus* e não o abandono das tradições do Judaísmo, sua essência.

Existem muitas polêmicas e conflitos de análises sobre o movimento hassídico e, as razões históricas ou místicas que o levou a caracterizar-se como a mais significativa corrente místico religiosa do Judaísmo. Contudo, embora estas avaliações históricas sejam indubitavelmente importantes, a elas não me aterei, pois aqui interessa apenas o hassidismo, *enquanto corrente judaica que estabelece valores e regras de conduta e convivência*. Assim, resgataremos a história da época, quando convier contextualizar a doutrina.

Foi neste contexto que o hassidismo veio responder às necessidades espirituais e existenciais do judeu comum, porque "**... sob as peculiaridades superficiais da vida hassídica, subsiste um estrato de valores positivos ...**"¹¹², que foram omitidos na luta entre o racionalismo e o misticismo.

O movimento hassídico possui internamente um esquema de hierarquia. Tinha no Bescht, o líder carismático, possuidor do abençoado dom do *despertar* e não a sabedoria originária dos livros sagrados. O *Baal Schem* era um "**... novo tipo de líder, o 'desperto', o iluminado, o homem cujo coração foi tocado e mudado por Deus, numa palavra, o profeta.**"¹¹³

Em torno do *Mestre Baal Schem Tov*, no sul da Polônia, reuniram-se alguns discípulos que, como *pregadores* do líder espiritual lutaram para colocar a fé acima do conhecimento religioso místico. O judeu comum não precisaria saber muito ou ter estudado o

¹¹⁰ ROSEMBERG, A. O mundo hassídico de 'O Dibuk'. In: IDEM, p.66

¹¹¹ IDEM.

¹¹² SCHOLEM, Gershom. *A mística judaica*, p. 328

¹¹³ IDEM, p. 335.

Talmud para receber a iluminação divina. Entretanto, nesta fase o movimento ainda não se expandira, ficando restrito àquela região.

Após a morte do líder *Baal Schem*, o movimento não assumiu a forma messiânica, isto é, não fez do Messias seu elemento central e nem a sua vinda a esperança do encontro com Deus.

A neutralização do elemento messiânico possibilitou a co-existência do Judaísmo tradicional ortodoxo e do hassidismo, este, com uma compreensão de Judaísmo mais revolucionária. Ambos acreditavam na vinda do Messias, mas no caso do hassidismo isto não alterava o comportamento do homem comum - *hassidim* - na sua vida diária, uma vez que ele não cultivava a obsessão da vinda do Messias.

Foi somente em meados do século seguinte, que o movimento tomou corpo difundindo-se amplamente através de seu discípulo *Dov Beer, o Maguid de Meseritch*, que transferiu o centro do hassidismo do sul da Polônia para o centro do país e cercou-se de inúmeros discípulos, denominados *tzadikim* (o justo), visando prepará-los para a divulgação da nova concepção.

O Hassidismo tornou a mística judaica um movimento de massa e, por isso, provocou uma onda místico religiosa sem igual na história do Judaísmo. Alguns elementos foram inovadores no hassidismo, como as lendas sobre o *Besht*, a figura do *Tzadik* em contraposição à autoridade do rabino, o entusiasmo e a alegria na realização das ações cotidianas que aproximariam cada vez mais o homem de Deus em substituição ao estudo da *Torá*, característica esta que, particularmente, se chocava aos rituais secretos e à severidade dos rabinos racionalistas.

Apesar desta diferenças, o hassidismo é considerado um movimento não racionalista, mas *tradicional e conservador*, pois não trouxe conceitos novos ao Judaísmo nem revolucionou suas principais idéias. Conservou as idéias e renovou a prática, tornando as primeiras acessíveis ao povo, através da simplicidade da oração realizada com fervor e devoção.

"Aquele que serve a Deus à grande maneira reúne todo seu poder interior e ascende em seus pensamentos e rompe através de todos os céus em um ato e sobe mais alto que os anjos, os serafins e os tronos, e isto é a perfeita adoração. E, na prece e no mandamento que uma pessoa guarda há uma grande e uma pequena maneira..."

mas a grande maneira é a da preparação e entusiasmo correto através do qual ela se une aos mundos superiores. ¹¹⁴

O movimento hassídico representa então, uma alternativa viável de ascender à Deus, não mais através da vinda do Messias, mas via a realização da *Redenção Individualista*, ou seja, qualquer judeu, independentemente de sua origem e conhecimento poderia *'libertar ou salvar sua alma'*. A verdadeira redenção messiânica, na nova concepção, seria concretizada não pela libertação da comunidade de Israel com a chegada do Messias, mas pela libertação da alma individual, quando então se daria pela *"elevação das centelhas divinas"*, que segundo o líder *Baal Schem* significava o *mais alto valor religioso no processo de despertar religioso*. A nova condição existencial determinou que a sabedoria rabínica deixasse de ser essencial para atingir o universo de Deus, o qual passou a ser alcançado por qualquer homem.

A transformação desta compreensão, inicialmente de um homem comum e depois de um pequeno grupo, para uma concepção que mobilizou a maior parte da comunidade judaica polonesa, foi possível por causa do importante papel desempenhado pelo *Tzadik*, cuja figura configurou-se como sendo a de um líder espiritual e santificado. Para os *hassidim*, o *tzadikim* era o portador da Verdade e tinham como missão, aproximar-se do povo, viver em meio à comunidade, ensiná-la a orar, confortá-la e consolá-la em suas vicissitudes. Assim, as pessoas humildes identificavam no seu *tzadikim* seu protetor, aquele que intercederia por eles junto a Deus e se sacrificaria também, se necessário.

O *tzadik* era um *guia espiritual* que difundia os princípios do hassidismo, mas sem conflitar-se com os princípios básicos do Judaísmo tradicional. Para este fim, realizava pregações nas ruas e praças, presentificando-se na vida do homem comum e novamente possibilitando a ele a realização da experiência mística.

O *"Hassidismo significa piedade devota, comunhão com Deus, devoção particular do homem a serviço de seu criador"*¹¹⁵ e para realizar este significado, criou o místico - *tzadik* - que vive no meio do povo e o conduz.

¹¹⁴ *Apud.* RIBASCH, Tzavat ha (1913) pp.27 e 30. In: SCHOLEM, Guershon. *A mística judaica*, p.337.

¹¹⁵ ETTINGER, S. O movimento hassídico. p. 11. In: GUINSBURG, J. & FALBEL, N. *Aspectos do Hassidismo*.

Ao *tzadik* cabia cumprir dois papéis:

- 1) o papel de *místico*, que o obrigava ao dever da submissão perpétua ao mundo superior e,
- 2) o papel de *guia* de sua comunidade e seu povo. Em função do 'dever de guia', o *tzadik* tinha como prioridade cuidar do corpo, da alma e da vida material de seus seguidores, sendo chamado inclusive a interceder junto a problemas materiais da comunidade. Sua capacidade de liderança dependia da capacidade de realização deste dever. Surge como consequência, o *Tzadikismo* prático, que privilegia o provimento das necessidades materiais do povo, em detrimento da contemplação mística.

"... é melhor ser um justo que interrompe a comunhão (com Deus) e cuida das necessidades do povo..." ¹¹⁶

O *tzadikismo* deu ao *hassidismo* o caráter de movimento público que realizou a tradição judaica, rejeitando extremismos religiosos e salientando "*... os ensinamentos básicos de unidade e responsabilidade mútua, entre as partes da nação, incluindo mesmo o mais perverso do perverso.*"¹¹⁷, o que evitou a desgregação entre os judeus.

"... Um dos aspectos mais vitais do movimento hassídico é que os hassidim contassem entre si histórias sobre os seus líderes, os tzadikim. (...) Segundo uma crença hassídica, a luz primeva de Deus emergira nos tzadikim, deles emergindo nas suas obras e, a partir dessas, nas palavras dos hassidim que as narravam. Atribui-se ao Baal Schem, fundador do hassidismo, uma máxima que diz: 'quando um hassidi fala em louvor de seu tzadik, isso equivale a apreender o mistério da Carruagem Divina que Ezequiel outrora contemplou.'" ¹¹⁸

A vida de *Baal Schem* e o *hassidismo* criado por ele estão unidas inextricavelmente, pois o *Bescht* a encarnou em vida. *Buber* diz que *Rabi Israel*, o *Mestre do Bom Nome* foi o

"Homem que realizou esta transmutação do cabalismo em ética..." ¹¹⁹

"Toda pessoa, assim rezava a doutrina, deve tentar tornar-se a corporificação de uma certa qualidade ética. Atributos como piedade, serviço, amor, devoção,

¹¹⁶ ETTINGER, S. O movimento hassídico, p. 23. In: GUINSBURG, J & FALBEL, N. *Aspectos do Hassidismo*.

¹¹⁷ IDEM, p. 25.

¹¹⁸ BUBER, Martin. *Histórias do Rabi*. Prefácio, p. 11.

¹¹⁹ SCHOLEM, Guersbom. *A mística judaica*, p. 344.

humildade, clemência, mesmo grandeza e domínio, fizeram-se deste modo extraordinariamente reais e socialmente eficazes."¹²⁰

Caracterização do movimento hassídico

O hassidismo promoveu:

- a) o revivescimento do entusiasmo religioso, cuja expressão maior se realizou no povo,
- b) o desenvolvimento do *tzadikismo*, que leva ao seio da comunidade o líder popular iluminado, cuja religiosidade faz a vida das pessoas girarem à sua volta,
- c) a transformação da herança cabalística em linguagem e ritual acessível à massa,
- d) a vinculação do conhecimento religioso - antes prerrogativa dos rabinos conservadores - à existência real do judeu do povo, cujos princípios gerais tornaram-se valores éticos individuais que norteiam suas vidas.

O conceito *povo* é definido como sendo "um conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradição comuns, bem como, sejam os habitantes de uma localidade ou região" ¹²¹. A história do Judaísmo revela uma peculiaridade com relação à definição de seu povo, pois o povo judeu, durante muitos séculos, possuía a mesma língua, tradição cultural, mas não possuía pátria. E, apesar de espalhado pelo mundo, ainda assim, manteve unidade e preservou sua identidade enquanto povo.

A história do povo judeu, como de qualquer povo, é uma história de luta, de vitórias e derrotas, mas *diferentemente* de outros povos, é a história de um povo sem pátria e exposto continuamente a outras culturas, que lutou para preservar sua vida, seu modo de viver, sua religião, sua tradição e a herança legada pelos antepassados. O Judaísmo poderia ser chamado como uma *concepção humanística de vida...*

O Hassidismo *Polonês*, enquanto uma fase do Judaísmo, emerge como expressão de um momento histórico de transformação das concepções de homem, de mundo e de relação com o

¹²⁰ GUINSBURG, J. O Baal Schem Tov, p. 35. In: GUINSBURG, J. & FALBEL, N. *Aspectos do Hassidismo*.

¹²¹ Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, p. 1124.

Divino, refletindo a transição do obscurantismo metafísico da Idade Média para o Iluminismo racionalista do século XIX.

Assim, o Hassidismo trouxe luz à massa judia explorada, perseguida e discriminada por vários sistemas de governo, dentro dos quais inseria-se as judiarias. Esse 'movimento' representou a incorporação do ideal de democracia - *liberdade, igualdade, fraternidade* - instituído pela Revolução Francesa: *liberdade* para servir e amar a Deus sem tutela dos rabinos ortodoxos, *igualdade* porque todos os homens passam a ser iguais perante Deus e, portanto, podem ascender ao mundo superior sem necessitar de intermediários ou de estudos profundos das Escrituras Sagradas e, finalmente, *fraternidade*, porque este é um dos preceitos judaicos mais importantes, o amor ao próximo.

Embora tenha respondido às massas, enquanto libertação do jugo dos rabinos cabalistas, ainda assim continuou sendo *um movimento ortodoxo que preservou as concepções místicas e rituais, exacerbando a emoção e o sentimentalismo na consagração de Deus e na elevação da alma ao plano superior.*

Tanto quanto outros grupos que surgiram durante a história do Judaísmo, o judeu hassídico de hoje preserva as mesmas características do *hassidim* de outrora, representando um grupo ortodoxo radicalmente fechado às mudanças da sociedade judaica contemporânea e que porisso mesmo apresenta dificuldade de adaptação a outras culturas.

A gênese místico religiosa do Psicodrama

O estudo sobre o Judaísmo e o Hassidismo polonês de *Baal Schem Tov* foi muito revelador. À medida em que conhecia a história do povo judeu e transformações pelas quais passou e a história da Europa, a partir do século XIX, com a ciência e a cultura rompendo os limites de Viena, porta de entrada e saída do conhecimento entre Oriente e Ocidente, desvelavam-se as suposições ou as informações acerca da possível '*origem hassidica de MORENO*', que alguns autores supõem tenham influenciado a construção da teoria moreniana.

O percurso percorrido, levou-me a constituir as hipóteses que passo a elencar e analisar.

HIPÓTESE I

MORENO foi influenciado pelos princípios básicos do Judaísmo (que são também o ponto de partida do Hassidismo polonês, bem como de todas as correntes da mística judaica), *que são ditados pela Torá e orientam a vida de qualquer judeu, caracterizando a Tradição e a herança judaica a serem preservadas.*

Como vimos, a *Torat Khayim* é o livro sagrado dos judeus e é considerado a "...*encarnação da sabedoria divina*"¹²², representando simbolicamente o *poder criativo* de Deus no Cosmo. A transmissão dos ensinamentos da Torá, ao longo dos séculos, constituiu importante tarefa dos profetas e rabinos.

Como base da '*orientação para a vida*', a *Torá* se realiza no cotidiano de todo judeu, através dos rituais religiosos e comemorações estabelecidas pela *Tradição*, que consagra o homem judeu e sua evolução como ser humano.

"Torna-se agora evidente que o instrumento pelo qual pode ser alcançado o uso subjetivo correto do fato objetivo do judaísmo pelo indivíduo, é constituído pela

¹²² SCHOLEM, Guershom. *A cabala e seu simbolismo*, p. 15

poderosa corrente da tradição judaica: essa Torah, contendo diretrizes e ensinamentos ao mesmo tempo e ao qual, segundo ditos famosos de nossos, cada judeu devoto e devotado poderá validamente acrescentar a interpretação de sua geração e da sua época " 123

A preservação e difusão da história de povo judeu - *herança judaica* - se concretizou através do *Luakh* (calendário comemorativo que santificou o tempo), ao qual se somam as *responsabilidades* do homem comum, que são ditadas pela *Tradição*. Este cronograma dá conta então, do resgate da história de sofrimento, martírio e vitória do povo judeu e de sua crença; da comemoração de suas datas mais significativas e ainda oferece um *código de condutas ético-existenciais* visando desta forma preservar a unidade e identidade sócio cultural, cujas bases são *humanísticas*.

O Judaísmo através de seus líderes, difunde e cultiva uma *concepção de homem*, na qual

"... ser judeu significava participar da mais nobre de todas as experiências humanas, encarnar tudo que expressa a palavra humanidade. " 124

A concepção humanística subjacente ao Judaísmo define *duas condutas básicas para o cidadão judeu*, as quais possibilitarão a realização da *plenitude* como ser humano:

1º) o *encontro consigo próprio*, visando avaliar atitudes, realizações e auto-cuidados, tais como, aquisição de conhecimento e cultura; produção através de trabalho honesto; cuidados para o desenvolvimento do caráter lutando contra a mentira, a desonestidade, a covardia e o cultivo da bondade, honestidade e sinceridade.

2º) o *encontro e reconhecimento do próximo*

Cada judeu deve levar em conta a *coletividade*; deve amar ao próximo indiscriminadamente demonstrando interesse, respeito e oferecer ajuda quando necessário; deve cultivar o bem estar, a

¹²³ LEWISHON, Ludwig. *O que é herança judaica*, p. 32.

¹²⁴ KNOPLICH, J. *Humanismo judaico*, p. 32.

amizade e a harmonia no seio da família porque todos são filhos de Deus e, portanto, irmãos; deve buscar a justiça, porque todos são iguais e possuem os mesmos direitos.

A humanização do homem judeu é possível porque o *homem é livre e capaz de criar soluções para os problemas existenciais individuais ou sociais que obstaculizem o auto desenvolvimento, o desempenho de seu papel na comunidade e a ajuda ao próximo.*

"O homem é um ser cósmico, é mais do que um ser psicológico, biológico e natural. Pela limitação da responsabilidade ¹²⁵ do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida, faz-se dele um banido. Ou ele é também responsável por todo universo, por todas as formas do ser e por todos os valores, ou sua responsabilidade não significa absolutamente nada. A existência do universo é importante, é realmente a única existência significativa, é mais importante que a vida e a morte do homem como indivíduo, como tipo de civilização, como espécie. "¹²⁶

Nesta citação de MORENO, é possível observar a direta influência da concepção de homem ditada pelo Judaísmo, a qual vemos manifestada na expressão de suas idéias acerca do homem, quanto às *responsabilidades do homem para com o universo e seu papel no mundo.*

"Eu comecei a encantar-me cada vez mais e a perguntar-me se além da responsabilidade por mim mesmo e os cuidados comigo próprio, a responsabilidade para com todas as pessoas mais próximas, meu pai e a minha mãe, minha irmã e o meu irmão, meus amigos, as pessoas da minha cidade e de outros lugares, as nações mais longínquas da terra, os povos com as suas guerras, revoluções e misérias não seriam também da minha responsabilidade?" ¹²⁷

O Psicodrama moreniano enquanto abordagem teórica e método está fundamentado nestes dois alicerces do Judaísmo...

a) o *encontro consigo próprio*, que na visão moreniana, é representado pelo binômio *self - espontaneidade*, e que possui uma relação indissolúvel. Para MORENO, o *self* é :

¹²⁵ (*) Grifo meu.

¹²⁶ MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*.p.21.

¹²⁷ IDEM, *As Palavras dos Paz*, pp.10-11.

"... o cadinho de experiências oriundas de muitas direções. Uma destas dimensões do self é a social; a outra, a sexual; outra, a biológica; outra, a cósmica; mas o self é mais do que qualquer uma destas dimensões(...) Minha tese é que o locus do self está na espontaneidade."¹²⁸

Esta concepção, estabelece a relação entre self - criação espontânea .

O self pode ser considerado o elemento aglutinador das múltiplas dimensões do homem, que ajustadas entre si resultariam em equilíbrio e harmonia internas. O equilíbrio sélfico é, também, pré-condição para a emergência da *espontaneidade criadora*, existindo entre eles uma relação de proporcionalidade direta: quanto maior o equilíbrio do *self*, maior liberação da espontaneidade, maior manifestação da capacidade de criação e vice-versa.

O Self	O Espontaneidade	O Criatividade
↑ Self	↑ Espontaneidade	↑ Criatividade
↓ Self	↓ Espontaneidade	↓ Criatividade

Esta relação, talvez, pudesse ser classificada como o *a priori* de MORENO, pois este é o seu ponto de partida, na medida em que *compreende o homem como um ser potencialmente espontâneo e criativo* e cuja humanização depende do equilíbrio do *self* e da liberação da *energia espontâneo criadora*: o Fator *e*.

Aqui se faz necessário uma 'parada' para realizar a compreensão do componente *religioso judaico* que fundamenta esta concepção.

MORENO, considera que o homem perdeu o *self* ao longo da história da humanidade e vincula esta dimensão e a sua perda à Deus.

" A questão é: até onde se estende ? onde acaba ? Se o self do homem pode expandir-se em poder e criatividade - e a história completa do Homem parece indicá-lo - então deve existir uma certa relação entre a idéia do self humano e a idéia do self universal, ou Deus. Os apóstolos modernos do agnosticismo, ao terem rompido os liames que uniam o Homem a um sistema divino, a um Deus supramundano, cortaram em sua entusiasmada pressa um pouco mais do que deviam e assim eliminaram o próprio self do Homem. No mesmo ato de

¹²⁸ IDEM. *Teatro para a Espontaneidade*, p. 20

emanciparem o Homem de Deus, emanciparam o Homem de si próprio. Disseram que Deus está morto, mas foi o Homem quem morreu. Portanto, minha tese é que o cerne do problema não é nem Deus nem a negação de sua existência mas, sim, a origem, a realidade e a expansão do self(...) ¹²⁹

Na citação acima, MORENO oferece uma interpretação religiosa para os problemas atuais enfrentados pelo homem na sua existência terrena. Além disso, podemos observar, pelo tom de sua fala, o sentimento de sofrimento e revolta por ter sido negligenciada a noção de divino no processo de evolução da civilização humana.

A visão que MORENO apresenta passa por uma crítica ao Humanismo racionalista inaugurado com o Iluminismo, quando o homem tem reconhecido seu valor natural e histórico e ganha o *status* de *principio ordenador do mundo*, perdendo Deus como mediador. Nesta nova condição existencial, ao homem coube a tarefa de dominar o mundo para adequá-lo às suas necessidades e interesses, transformando a realidade através da sua ação *criativa* e incorporando as *criações* ao legado herdado, tornando-as desta forma *conservas culturais*.

Segundo MORENO, as *conservas culturais* são *criações bem sucedidas cristalizadas na cultura*. A civilização humana evoluiu, porque houve *momentos de inspiração e criações* que responderam às necessidades emergentes do homem de forma adequada e eficaz. O sucesso da criação, por isso, foi incorporado à cultura e às criações já existentes, passando a se tornar uma *herança* de todos. À medida que as criações foram incorporadas às já existentes, cada vez menos exigiu-se do homem respostas novas ou renovadas. A tendência natural foi, o que denominariamos hoje de *acomodação*, ou seja, o indivíduo que nasce encontra as *conservas culturais* 'prontas' e as incorpora como sendo suas. Não questiona sua adequação para si e para o momento atual que vive, simplesmente as assume como sendo as *respostas adequadas* às suas necessidades vivenciais cotidianas.

O processo de adoção das *conservas culturais* como referências sociais, promoveu como que um imobilismo humano para criar. O homem passa, então, a exigir cada vez menos do seu *potencial criativo* e a esperar cada vez mais das *criações bem sucedidas* (dos outros).

¹²⁹ IDEM, p. 21

Esta situação, segundo MORENO, faz instalar-se *uma nova concepção de homem*, baseada na perda do sentido do *potencial espontâneo criativo* e das dimensões humanas não racionais, tais como a afetividade, o prazer, a globalidade corporal. As quais integradas e em equilíbrio realizam o homem criativo. Segundo a compreensão de MORENO, isto aconteceu porque o homem, ao longo da história da humanidade, perdeu a identidade com o *criador* e, conseqüentemente, *como criador*.

A caracterização deste processo de destruição do *ser humano* fez com que MORENO propusesse o abandono ao *racionalismo* e suas implicações e o *retorno ao plano espiritual*, para que novamente o *self integrado* pudesse reemergir, na medida em que o homem se reaproximasse do Sagrado para voltar a ser *criador*, como Deus. Assim, MORENO diz...

"Não há dúvidas de que o homem deva retroceder em seu caminho, partindo do plano existencial secular até reencontrar o plano sagrado, partindo do tecnológico e voltando até o plano espiritual, a fim de que a crescente expansão do self possa recuperar um equilíbrio interno.(...)"

Quando Deus criou o mundo em seis dias ele acabou se detendo um dia antes, com excessiva antecipação. Ele havia organizado para o Homem um lugar onde viver mas, para torná-lo seguro para aquele, acabou também por acorrentá-lo a tal lugar. No sétimo dia, Ele deveria ter criado para o Homem um segundo universo, um outro mundo, livre do primeiro e no qual o Homem pudesse se purificar deste, mas um mundo em que não houvesse pessoa alguma acorrentada, pois que não seria real. É neste ponto que o teatro da espontaneidade prossegue a obra de Deus de criar o Mundo, ao abrir para o Homem uma nova dimensão da existência." 130

Ser *criador*, significa reacender uma chama há muito apagada: a *espontaneidade*. Não significa ser Deus, mas resgatar de Deus a dimensão do criador. Talvez, para MORENO, um ponto de partida e de chegada, um jogo lúdico e estimulante para fazer transbordar criações, assim como foi para si.

b) *encontro com o outro*, que no Psicodrama têm sua base na concepção de *Tele*.

O *encontro* entre os seres humanos, que na vida cotidiana se dá na interação social, é o segundo alicerce do Judaísmo, que dá base à teoria psicodramática. Neste caso, MORENO localizou no termo *Tele*, cuja etimologia grega, significa *distante, influência a distância*, e é a ...

*"... mútua percepção íntima dos indivíduos, o cimento que mantém os grupos unidos (...) São as intuições do comportamento imediato de outro. Facilita a comunicação nos dois sentidos.(...) A Tele estimula as parcerias estáveis e as relações permanentes.."*¹³¹

Ou seja, é através da *Tele* que o homem comum percebe o mundo no qual vive, produz, transforma a realidade e se relaciona como o *outro*.

MORENO é considerado um autor cuja teoria insere-se no domínio da *Fenomenologia*¹³², segundo a qual *"...uma dimensão fundamental do ser-no-mundo é o ser-com-os outros, o que significa, portanto, que o homem é um ser de relações que, ao contatar, doa significado, atribui valor, realiza valorações."*¹³³ O homem, possuidor desta capacidade apresenta, por isso, condições de perceber, discriminar e analisar o que o cerca, identificando valores e significados, correlacionando-os à sua realidade existencial e, a partir daí, criando novos valores e significados, visando promover a reintegração sélfica e o retorno ao equilíbrio.

A profundidade do *encontro* com o outro será definida pela interação télica, a qual segundo MORENO, determina a liberação de '*centelhas divinas*' através da emergência da espontaneidade criadora: *é como se o encontro autêntico e verdadeiro entre os seres humanos possibilitasse o resgate da capacidade de criar espontaneamente, pois este "olho no olho, cara a cara", propiciaria a integração sélfica.*

Em outras palavras, o Psicodrama *"... propõe resgatar e recuperar o homem psicodramático que existe em cada um de nós, com sua sensibilidade, genialidade e disposição para continuar criando ..."*¹³⁴ de forma que ele possa perseguir durante a vida o *aprimoramento de sua humanidade*, realização que só é possível na convivência com o outro: o próximo.

¹³¹ IDEM. *Psicodrama*, p.36.

¹³² Wilson CASTELLO DE ALMEIDA E José de S. FONSECA Fº, em suas obras, abordam a relação entre Psicodrama e Fenomenologia.

¹³³ SILVA, Sônia A.L. *Valores em Educação. o problema da operacionalização dos valores na prática educativa*. pp. 15-16.

¹³⁴ ALMEIDA, W. Castello. *O que é Psicodrama ?*, p. 43.

*"O Psicodrama é um método de grupo, que sensibiliza o indivíduo às dificuldades e aos imponderáveis da dinâmica da interação e esclarece sobre a importância do subjacente, do implícito e dos sentimentos não expressados."*¹³⁵

Através do contato com o Judaísmo - *tradição e herança cultural* - MORENO intuiu que ali estaria um *modelo humanístico de vida para o homem moderno*, que daria conta das necessidades existenciais ditadas pela concepção iluminista, mas que não negligenciava radicalmente a importância do papel da religião e religiosidade na vida do homem comum.

*"Numa das horas de mais profunda escuridão da humanidade em que sua civilização religiosa sucumbiu aos pés dos exércitos em marcha, dos soldados e camaradas, meu primeiro impulso foi o de lhe proporcionar uma nova visão de Deus e fazê-la enxergar num instante a religião universal do futuro que eu tinha certeza que iria por fim unir permanentemente todas as pessoas em um único reino."*¹³⁶

Religião universal do futuro: fixou aí sua idéia e partiu em busca de uma possibilidade de viabilizá-la: através do Psicodrama e do método de ação psicodramático. MORENO descobriu que era possível atingir o homem e torná-lo *responsável*, isto é, *agente da própria existência e responsável pelas relações humanas e humanização da sociedade*, tanto quanto ele o fez.

*"... será que eu não sou nada, ou sou um Deus ?
O confronto dessas duas alternativas foi o dilema que eu levei na minha alma para o resto da vida. Mais tarde, percebi que todos os homens debatiam-se com esse mesmo dilema. Cada pessoa tem que descobrir por si mesma se essas perguntas têm algum sentido para elas.(...) Eu comecei a tentar encontrar um sentido para uma existência que parecia, em si mesma, vazia de significados."*¹³⁷

¹³⁵ SCHUTZENBERGER, A. *Ancelin. Introdução à Dramatização*, p. 32.

¹³⁶ MORENO J.L. *O Teatro para a Espontaneidade*. p. 25

¹³⁷ *Op. Cit.* IDEM. *As Palavras do Pai*. pp. 9 e 10.

HIPÓTESE 2

MORENO, não era um hassidim ou seguidor do Hassidismo, mas conheceu o Hassidismo pela proximidade histórica e significação deste no Judaísmo, pois este movimento mobilizou grande número de fiéis e reacendeu a fé.

A análise biográfica que realizei no Capítulo 1, apontou para a compreensão de MORENO não foi um *hassidico*, nem a *reencarnação do Baal Shem* ou um *neohassidico*, mas um *judeu*, influenciado pelo Judaísmo, pelo Catolicismo e por sua mãe dividida entre as duas religiões.

KNOPLICH, em entrevista, referenda esta compreensão, quando diz que "*... os hassídicos, ainda hoje, são ortodoxos e preservam os mesmos rituais e simbologia do passado... Constituem um grupo altamente fechados, que não aceita os judeus progressistas e as transformações sociais*". Quem conhece MORENO, o autor, sabe que talvez sua principal característica seja a de *ser eclético*, um homem aberto para todas as possibilidades e sempre em busca de novos caminhos. Então, *como poderia ele ser um hassidico*? Até mesmo o Psicodrama possui esta característica, pois sua metodologia é aberta e enseja a emergência da criatividade na condução da sessão psicodramática, por parte do Diretor. Há técnicas reconhecidas por todos, mas elas não limitam a criação de novos recursos no *aqui e agora da ação dramática*.

Tendo em vista os pontos de contato entre MORENO e o líder do Hassidismo, Baal Schem Tov, considero que o criador do Psicodrama teve oportunidade de ler sobre o Bescht, conhecer sua estória pessoal retratada pelas lendas, inspirando-se nele para construir sua própria estória, ou na linguagem psicodramática, assumir desempenhar o papel criado para seu personagem e protagonizar uma estória, cuja pré concepção pode ter sido gerada quando da definição de sua 'missão' e ter se delineado durante a adolescência, quando optou pelo Cosmos e pela humanidade...

"Tornar-me profeta não foi algo repentino. Foi um crescimento lento, gradual e cujos determinantes podiam ser rastreados até minha tenra infância. (...) Comecei a desempenhar o papel. Não queria apenas tornar-me profeta, mas também parecê-

lo.(...) Minha barba era ruiva e rala. No correr dos tempos, adquiriu um formato que alguns pintores medievais atribuíam a Cristo. Inconscientemente, devo ter estado à altura de sua aparência e do efeito que a barba tinha sobre pessoas que viviam numa cultura cristológica. Parecer paternal e sábio, antecipando a velhice, era isso exatamente o que um jovem Deus desejaria... (...)

Meus olhos são azuis. (...) Olhando para meus olhos, as pessoas sentiriam que eu poderia ler tudo o que estivesse em suas mentes. (...) Eu trajava um manto verde escuro que caía até quase meus tornozelos. Todos começaram a me identificar com ele, 'O Manto do Profeta' (...) Às vezes parecia que eu estava criando um tipo, um papel, que, uma vez encontrado, não poderia ser mais abandonado. "¹³⁸

A citação acima dá sustentação verossímil ao que denominei '*construção de um personagem*', pois está fundamentada em fatos históricos reais, que aparecem no depoimento autobiográfico do próprio MORENO. Desde este ponto de vista, um paralelo entre MORENO e *Baal Schem* delineou-se espontaneamente...

Muitos são os pontos de contato entre os dois 'líderes', embora tenham vivido em momentos históricos e lugares distintos. A correlação que apresento a seguir, tem como objetivo estimular reflexões sobre MORENO, sua vida, sentimentos e ações, os quais se me apresentam como sendo o aporte dos construtos teóricos deste autor: *o fundamento da teoria psicodramática*.

MORENO e Baal Schem: um paralelo significativo...

a) Nos dois homens é possível localizar claramente a idéia da fusão entre autor - obra, líder - movimento . Os dois são considerados como "*corporificação do que criaram*".

"... não é apenas um homem que formulou uma doutrina ou um sistema e sua existência inteira constitui a revelação do sistema, estando uma e outra coisa indiscernivelmente unidos na sua personalidade..."¹³⁹

Provavelmente para um estudioso do Psicodrama, a citação remeta à pessoa de MORENO e sua trajetória de vida, pontuando sua característica mais marcante: *viver o que criou !* Entretanto, esta citação fala de *Baal Schem Tov !*

¹³⁸ *Apud.* MORENO, J.L. *Autobiografia*, 1985, cap. 2: 13-17. In: MARINEAU, René F. *Jacob Levy Moreno - 1889-1974. Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo.*, pp. 46-47.

¹³⁹ GUINBURG, J. *Aspectos do Hassidismo*, p. 37.

b) Há dúvidas quanto ao *ano de nascimento de ambos*. No caso de MORENO, tudo leva a crer que esta dúvida foi por ele planejada e cultivada. Entretanto, facilmente solucionada por MARINEAU (1991), quando da pesquisa sobre vida e obra de MORENO, o que me leva a considerar que o *Pai do Psicodrama tinha conhecimento exato desta data, mas por que adotou o líder hassídico como modelo para a construção de seu papel de líder contemporâneo, decidiu conscientemente criar esta suspeita.*

Senão, qual a razão para, sabendo-se nascido em 1889 (ou um ano qualquer), afirmar a dúvida ou de que forma um simples ano de nascimento pode ter tanta importância para a definição de um homem e sua obra ?

c) A fase da *adolescência aparece obscura na vida dos dois homens*. A vida de *Baal Schem* é relatada através das lendas e pouco se sabe sobre sua juventude. A adolescência de MORENO, conforme analisa ROMANA está esquecida, havendo apenas sobre esta fase os dados fornecidos pelo próprio MORENO, que passa de 1894, quando tinha 5 anos e fazia a *Brincadeira de ser Deus*, para 1907 quando funda com colegas o *Seinismo*, aos 18 anos.

d) *Baal Schem* só podia revelar sua missão aos 36 anos, segundo a lenda. MORENO assume a autoria das publicações, feitas anonimamente, apenas aos 34 anos.

Aqui também cabe perguntar: O que pode determinar a opção por publicar alguma criação anonimamente? Ainda mais vindo de um homem que não parece ter entre suas virtudes a humildade... ou modéstia... Em *As Palavras do Pai*, MORENO diz que " ... *tinha que ser necessariamente anônimo, porquanto, na verdade eu teria que por em sua capa o nome de todas as pessoas do mundo (...) Foi apenas uma questão de princípio...* ", mas, não explica porque e como seus princípios mudaram, fazendo-o publicar este livro com autoria...

" *Das Stegreiftheater* foi publicado (...) em 1923 . Apareceu anonimamente, como aconteceu com todos os meus livros até 1925. "140

e) *Baal Schem* e MORENO realizaram dois casamentos, sendo a segunda esposa a companheira de toda a vida.

f) *Baal Schem* "... *passeava pelas ruas e mercados, detendo-se a conversar com simples aldeões, mulheres judias, a contar maravilhosas estórias e citar inúmeras palavras.* "141

MORENO, segundo as palavras de CASTELLO DE ALMEIDA ,

"... participou de um grupo de jovens andarilhos (*wandervogël*), fundando a chamada 'religião do encontro' (...) Esses jovens pretendiam se ajudar mutuamente e aos outros. Passeavam pelas ruas jardins e estradas e, quando encontravam pessoas que lhes parecessem tristes ou carentes de afeto, aproximavam-se para dar-lhes atenção, carinho e ajuda, depois iam às suas casas, procurando levar-lhes alegrias através de cantos e danças."142

MORENO imitava o *Baal Schem* ou seus *tzadiks*, ao caminhar entre as pessoas nas ruas procurando ajudar quem estivesse necessitando e, de certa forma, realizava quando *wandervogël*, o ritual do *Shabat*, o qual instituiu como atividade da *Casa do Encontro*.

g) *Baal Schem*, segundo as lendas e as estórias, era chamado a resolver conflitos entre parente e amigos.

MORENO narra o "*Caso Bárbara*" como sendo um marco decisivo na criação do Psicodrama, enquanto recurso terapêutico e de solução de conflitos. Por outro lado MARINEAU (1989) revela em seu estudo biográfico sobre MORENO, sua atuação junto à comunidade, assumindo papel de agente conciliador e consultor.

"... Depois da guerra MORENO estava livre para a prática médica (...)assumiu o posto na cidade de *Vöslau* a 17 de outubro de 1919. (...).*Bad Vöslau* se localiza a cerca de 40 quilômetros ao sul de Viena.(...) Em *Bad Vöslau*, MORENO voltou a desempenhar seu papel de homem extraordinário(...) resolveu não cobrar pelos

140 MORENO, J.L. *Teatro para a Espontaneidade*, p. 07. Prefácio.

141 SCHREIER, Ary & Emilia. *O Mestre do Bom Nome*, p. 14 Introdução: Dr. Isaac Zinberg.

142 CASTELLO DE ALMEIDA, W. *Moreno: encontro existencial com as Psicoterapias*, p. 22-23 .

serviços prestados às pessoas da cidade. Visitava-as em suas casas, pondo-se à sua disposição, principalmente dos pobres.(...) Em breve, criou a fama de fazer milagres (...) começou a chegar gente a Bad Vöslau vinda de muito longe, para ver o 'Wunderdoctor' (o médico maravilhoso).(...) nesta época. MORENO frequentemente ajudava famílias em dificuldades, discutindo com elas abertamente seus problemas e possíveis soluções..."¹⁴³

MARINEAU relata que MORENO teve problemas com seus colegas de profissão, os quais inclusive questionaram sobre sua real formação médica. Considero que a adoção desta conduta 'humanística' demais, diria até filantrópica, possuía uma razão oculta: *criar uma aura e a marca da bondade naquele 'médico' que nada pede em troca e assim iniciar um 'movimento'...* MORENO investia, provavelmente, na construção de sua liderança.

h) *Israel Ben Eliezer*, como bedel, levava as crianças à escola ou Sinagoga, através das florestas, canta e conta estórias. MORENO, reunia as crianças à sua volta, nos Jardins de Viena para contar-lhes estórias.

Mais uma vez, a atitude de MORENO me leva a considerar que ele pudesse estar investindo na criação de um clima misterioso em torno de si: - Quem é aquele rapaz que nada pedia e se dispunha a brincar com as crianças? ou estaria MORENO testando suas reais possibilidades de se transformar em líder ?.

i) O Hassidismo polonês ou beschitano cria uma importante cultura, "*... uma música especial, incontáveis histórias e lendas.*"¹⁴⁴ MORENO enfatiza a importância do teatro, da cena e do drama. Os dois pretendiam através das artes resgatar a vida do homem e cultivar o encontro entre os seres humanos. Além disso, MORENO tem consciência de que o momento hist'rico atual pede um novo tipo de líder...

"... Novamente, dois mil anos passaram-se e descobrimos que, se a grande idéia de Cristo não falhou completamente, as pessoas já não são mais, tão facilmente, sensibilizadas com seus conceitos. Na verdade deus jamais se transforma, mas a concepção de Deus criada pelo homem está sempre mudando. Chegou novamente

¹⁴³ *Op. cit. MARINEAU, René F. Jacob Levy Moreno - 1989-1974, pp.68,69,78.*

¹⁴⁴ REHFELD, W. *Introdução à mística judaica*, p.93.

o momento de uma reavaliação e de uma readequação do conceito de Deus aos dias atuais e ao mundo em que vivemos hoje."¹⁴⁵

SARRÓ levanta a possibilidade de MORENO ter sido "... *em sua juventude uma reencarnação de Baal Schem, e que a força que o animava era do hassidismo.*"¹⁴⁶

Esta afirmação é ingênua e, como já vimos, improcedente, Ingênua porque revela claramente falta de fundamentação e improcedente porque não se apóia em estudo do Judaísmo e porque a questão da autoridade para a assunção da liderança espiritual se constitui um sério e antigo problema no Judaísmo. Somente alguém com autoridade suficiente dentro da judiaria, da qual MORENO devia fazer parte, poderia reconhecê-lo como um líder. Além disso, MORENO não assumiu sequer ser judeu e o Judaísmo não há a crença na reencarnação, sendo esta uma concepção da religião católica.

*"Como transferir a autoridade ? deveria ser ela confiada de pai para filho, ou de mestre para discípulo ?"*¹⁴⁷

j) Os textos sobre *Baal Shem* revelam que o líder hassídico não escrevia seus ensinamentos, o que só foi feito "... *vinte anos após a encarnação do mestre, um dos seus mais destacados alunos, o rabino Polnói, Rabi Yaakov Yossef, editou três livros.*"¹⁴⁸

MORENO critica em seus escritos o significativo prejuízo causado pelos livros, enquanto *conservas culturais*, que representam a cristalização do conhecimento. Além disso, considero que o *anonimato* assumido para suas obras, até 1925, pode ter se constituído uma tentativa de reproduzir a história de *Baal Shem*...

*"O livro é o arquetipo de todas as conservas culturais - a conserva cultural por excelência..."*¹⁴⁹

HIPÓTESE 3

¹⁴⁵ MORENO, J. L. *As Palavras do Pai*, p.12.

¹⁴⁶ GARRIDO MARTINS, E. *Psicologia do Encontro*, p. 27

¹⁴⁷ GUINSBURG, J & FALBEL, N. *Aspectos do hassidismo*, p. 32.

¹⁴⁸ SCHREIER, Ary e Emilia. *O mestre do Bom Nome*, p.14.

¹⁴⁹ MORENO, J. L. *Psicodrama*, p. 158.

MORENO descobriu o espaço teatral como sendo o "lugar seguro", onde poderia buscar a realização de sua idéia fixa: a criação de um movimento de liberação da energia espontâneo criadora que contaminasse as pessoas e transformasse o mundo.

MORENO pensava 'grande'... Considero que esta constatação seja consensual entre os psicodramatistas... Em seu projeto de vida, não preconizava apenas desenvolver um método para a liberação da *capacidade criativa* que descobriu 'reduzida a cinzas'. Não ! Ele queria "...*oferecer à humanidade uma espécie de religião dramática* ", que libertasse o homem do enquadramento estabelecido pelo mundo à sua volta, repleto de *conservas culturais* limitantes e mutilantes. Mas, como operar esta revolução ? Como ser '*profeta*' em sua própria terra ? Como promover uma transformação na '*surdina*' ?

MORENO diz ter analisado :

*"...os atores terapêuticos ao longo de toda a história do homem, voltando até seu período mais infantil (...) e durante o qual montavam o palco de seu teatro em mercados públicos e no seio da comunidade "*¹⁵⁰

Considero que somando-se esse estudo de MORENO acerca dos grandes líderes da humanidade e sua *idéia fixa* de organizar um movimento dramático, ao momento cultural de Viena, no qual o teatro representava significativa força de produção cultural e intelectual, ele certamente localizou nesta realização, a possibilidade de concretizar sua meta, pois tinha ali o *palco*, o *expectador*, o *tema* a ser desenrolado e o *líder*: ele próprio...

Enfim, o teatro como uma forma de expressão artística e, porisso mesmo, livre dos convencionalismos, se configurou como o espaço ideal para a realização de seu sonho.

"Minha visão de teatro foi moldada segundo a idéia de self espontaneamente criativo (...) inclinei-me a tratar este assunto com o mesmo desprendimento que tem um cientista quando examina um novo elemento (...) Neste caso, eu presenciava a dupla tarefa de criar, de primeiramente produzir o elemento dentro de mim, de trazer ao plano concreto (...) o tema subjetivo - criativo e, depois, isolá-lo e investigá-lo. Pensei nos profetas e santos do passado que evidenciavam a qualidade

¹⁵⁰ MORENO, J.L. *Teatro para a Espontaneidade*, p. 16.

*de exemplo dos mais iluminados da criatividade espontânea e disse a mim mesmo:
Eis o que você deve produzir em primeiro lugar e a você mesmo cabe corporificá-lo.*
"151

MARINEAU reforça esta idéia quando revela que MORENO circulava pelos meios intelectuais e artísticos, sem se vincular a nenhum especificamente: devia estar procurando o caminho mais adequado ao desenvolvimento de seu projeto...

HIPÓTESE 4

MORENO pretendeu reintroduzir a religiosidade na vida do homem comum, numa época em que a razão era a categoria eleita. Talvez acreditasse que todos seriam mais felizes se se considerassem irmãos, filhos de um só Deus, como ensinava a Torá.

É interessante observar que nem mesmo quando refere-se à questão da religião, MORENO assume, no mínimo, sua ascendência judaica. Na verdade, o único texto que localizei que refere clara e objetivamente a origem judaica de MORENO (sem ser os estudos de psicodramatistas) foi o de Zerka T. MORENO, sua 2ª esposa, na apresentação à edição brasileira do livro *'Palavras do Pai'* do autor.

Na abordagem sociométrica, MORENO propõe a constituição de *famílias sociométricas*, quem sabe numa provável tentativa de *'curar'* seu sentimento de solidão e perdas: perda do pai, perda da mãe, dos irmãos, de Chaim Kellmer, da comunidade e valores judaicos... Desta forma, *todos os homens teriam os mesmos direitos e responsabilidades*, porisso, não deveriam existir discriminações ou perseguições injustas, como as que viveu ele próprio e seu povo.

Os princípios judaicos resgatam os sentimentos humanos e os cultiva, valorizando a ética na existência e cotidiano do homem comum.

¹⁵¹ MORENO, J.L. *Teatro para a Espontaneidade*, p. 18.

*"A terceira raiz da psicoterapia de grupo é a religião.(...) Numa ordem universal severamente delimitada, como a cristã católica ou a budista-hindu, seria uma psicoterapia de grupo religiosa, isto é, os valores básicos e as metas seriam originalmente definidas através do sistema religioso em questão, na falta de tais sistemas, o psicoterapeuta de grupo precisa discutir os valores que satisfazem o espírito da época e se ocupar de sistemas de valores que se apoiam em bases científicas."*¹⁵²

*"Que o homem saiba da seguinte regra - ensina Baal Schem Tov - durante os estudos da Torá e na oração não existe entre o homem e D'us nenhuma separação..."*¹⁵³

O Judaísmo professa, através da *Torá* e do *Luak*, princípios que norteiam as condutas cotidianas do homem comum, os quais valorizam os auto-cuidados e a ética na relação entre os seres humanos. MORENO, incorporou estes princípios à *teoria da espontaneidade criativida*, tornando possível o resgate do sentido ético das relações humanas através da criação.

*"A coragem é necessária para que o homem possa ser e vir a ser (...) mas um homem e uma mulher tornam-se humanos por vontade própria e por seu compromisso com essa escolha. Os seres humanos conseguem valor e dignidade pelas múltiplas decisões que tomam diariamente. Essas decisões exigem coragem (...) se a coragem moral é a correção do que está errado, a coragem criativa é a descoberta de novas formas, novos símbolos, novos padrões segundo os quais uma nova sociedade pode ser construída."*¹⁵⁴

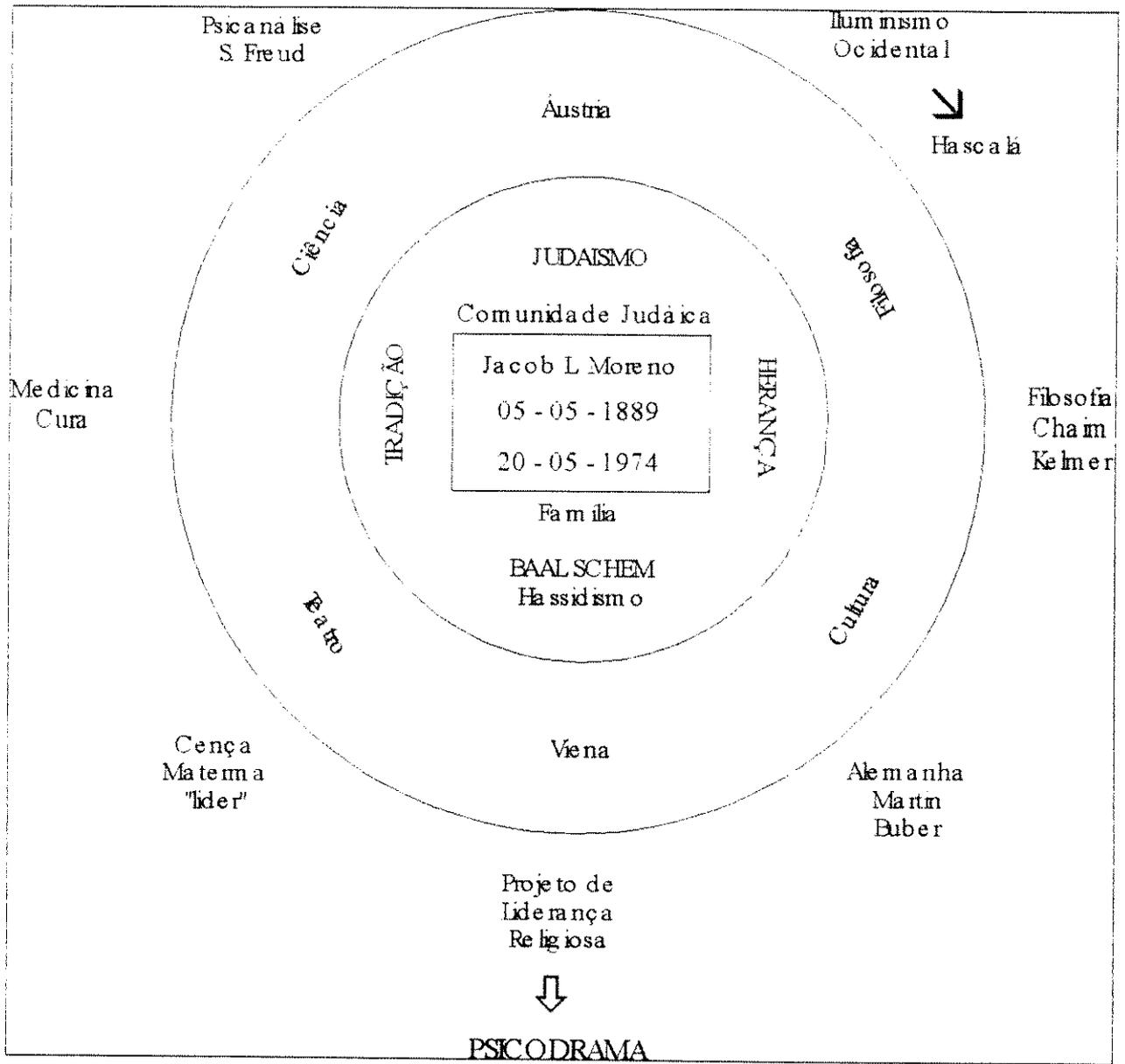
O compromisso consigo próprio implica necessariamente em assumir responsabilidades com o outro, pois é na vida de relação (interação social) que o homem vivencia a realidade e a re-constrói no cotidiano com sua criações.

Iniciei este capítulo apresentando um quadro de contextualização histórica científica-cultural de Jacob Levy MORENO. Finalizarei com outro quadro, também de contextualização, que possuí entretanto outras referências, as quais acredito terem sido realmente *as raízes do homem MORENO, de seu pensamento e criação teórica.*

¹⁵² IDEM. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*, p.21

¹⁵³ SCHREIER, Ary e Emilia. *O Mestre do Bom Nome*, p.17.

¹⁵⁴ *Op.cit.* MAY, Roio. *A coragem de criar*.pp.11 e 19.



Jacob Levy MORENO frequentemente nos remete à sua megalomania. Pode parecer imprópria esta classificação ou ainda leviandade de quem a adota, contudo é uma impressão real que o autor suscita em quem o lê. Inclusive, o seu jeito muitas vezes arrogante, provocou reações e críticas até de seus maiores admiradores e seguidores, como é o caso de J.R. BERMUDES.

Sem dúvida, MORENO assumiu um grande - talvez utópico - projeto. Sua idéia fixa de '*curar a humanidade*', que segundo ele, padece da perda da própria identidade com o *humano*, porque perdeu a dimensão maior de Deus e a capacidade de *ser criador*, foi perseguida obstinadamente desde sua juventude. E ele conseguiu, senão curar a humanidade, legar um instrumento de *revalorização e redescoberta do humano* que há em cada um de nós. Deu-nos a possibilidade de devolver sentido à nossa existência e, de certa forma, ensinou-nos como ser livre.

O estudo do Judaísmo e do Hassidismo, o conhecimento do líder *Baal Schem*, faz pensar neste grandioso projeto de MORENO...

Fica forte a impressão de que sem revelar seu objetivo '*doutrinário*' (talvez de conversão) e a gênese deste, MORENO pretendeu *difundir os princípios judaicos preservados pela Torá, que aprendeu e apreendeu no seio de sua família e comunidade dentro da qual viveu a infância e juventude: tradição, herança judaica, responsabilidade, amor ao próximo, liberdade, igualdade, etc.*

Martin Buber certamente tem um importante papel neste processo, pois foi ele que tornou acessível ao mundo o Hassidismo e, também foi ele, o primeiro filósofo, que vislumbrou neste movimento judaico um caminho para a solução da crise do homem contemporâneo. Como amigo e admirador de *Chaim Kellmer*, judeu e seguidor da tradição hassídica, MORENO deve ter entrado em contato com a obra de *Buber* neste período.

O caminho apontado pelo filósofo alemão quanto ao fato do *Baal Schem* ter transformado *cabalismo em ética*, provavelmente caracterizou-se como uma luz para MORENO ter decidido tornar esta ética, viável na existência humana, efetivando-a no cotidiano do homem, através de sua *teoria da ação*. Como o momento histórico de MORENO era outro e as regras de convivência diferentes das do século XVIII, o criador do Psicodrama optou por omitir esta origem, mas

empenhou-se em criar um método que realizasse a incorporação da ética às ações humanas - tal como o Luak -, que mais tarde se consagrou como *método psicodramático*.

Localizou no *teatro* o espaço adequado para desenvolver seu projeto: *desempenhar o papel de líder que transformaria as pessoas... o papel de Baal Schem, que aglutinaria em torno de si tzadikim e hassidim*. Entretanto, MORENO vivia no século XX e no centro científico-cultural mais importante da Europa: *Viena*. Estudava Medicina e, por isso supõem-se que deveria ter consciência do significado da ciência nos meios acadêmicos, científicos e intelectuais. Assim, identificou em *Sigmund Freud* um contraponto estimulante: (também) médico, judeu e reconhecido por sua obra.

Compreendendo, neste contexto, que um *método não fundamentado teoricamente não teria valor por não obter reconhecimento científico* e, menos ainda, se apresentasse como fundamento uma concepção metafísica e absolutamente rejeitada nesta época, MORENO decidiu agir cuidadosamente. Primeiro fez sua tentativa no *Teatro para a Espontaneidade*, como ele próprio diz, *'na surdina'*, onde pode checar a reação das pessoas quanto a seu método (mudanças íntimas e existenciais) e a sua própria como *líder*. Com base na formação místico religiosa e médica e, na experiência adquirida no *Das Stegreiftheater*, acumulou conhecimentos acerca do comportamento humano e suas reações, o que lhe permitiu, pouco a pouco, organizar - ainda que incipientemente - um corpo teórico, cujos pontos de partida podem ter sido:

1. *a crença desenvolvida pela mãe de que ele era um líder espiritual, um Messias;*
2. *a discriminação aos judeus e o sofrimento acarretado em MORENO por viver tal situação e ver seus pares sofrendo injustiças e perseguição;*
3. *a valorização da razão em detrimento do Sagrado, o que provavelmente lhe tirou o 'chão';*
4. *a concepção de homem neurótico e infeliz, trazida pela Psicanálise (que contrapunha-se à visão otimista difundida pelo Hassidismo), por isso sua revolta contra esta corrente teórica e*
5. *a evolução tecnológica que cristaliza cada vez mais as criações humanas e desumaniza o homem, enquadrando-o e limitando-o enquanto ser criativo.*

Motivado pela sua própria história e pelo período histórico que viveu, MORENO contruiu um corpo teórico e um instrumento metodológico - o *Psicodrama e a metodologia psicodramática* - que tinha como objetivo primeiro, libertá-lo de suas próprias angústias. Acabou por desenvolver, como consequência, uma *teoria humanística*, que oferece subsídios para a compreensão do homem contemporâneo e de sua realidade existencial, porque embora não se proponha, em primeira instância, a realizar um estudo da evolução da humanidade frente às transformações histórico-sociais, enfoca a chamada *crise do século XX*, sobre a qual hoje vários autores se debruçam.

MORENO pode ser considerado um homem à frente de seu tempo, porque previu a realidade atual, que afeta a todos nós. Sua proposição pode ser considerada preventiva e, até mesmo ecológica, pois preocupa-se com interromper a continuidade de um processo - em curso - de isolamento humano, que significa a morte da capacidade de criar e nega o *vir a ser*.

Educação e Psicodrama: um encontro feliz

Realizarei agora uma síntese da história de MORENO com base no que foi desenvolvido nos capítulos 1 e 2, a fim de apontar de que forma a *influência judaico - baalshemniana* agiu sobre a gênese do pensamento moreniano e da construção do Psicodrama resultando em uma possibilidade concreta de *redimensionamento das relações humanas*. Adoto, para tanto, como pano de fundo a crise contemporânea das relações sociais tão carente de referências coletivas orientadoras e a escola como o *locus* desta transformação.

Regularmente tem sido atribuído a MORENO o papel de pensador humanista. Alguns autores mais apaixonados, por vezes, o consideram um filósofo. Reconhecido é seu veio filosófico, mas não podemos caracterizá-lo como tal. Apesar disso, MORENO filosofava no sentido de refletir sobre a realidade de seu tempo e, acima de tudo, como um pesquisador incansável, buscava soluções para os problemas existenciais do homem contemporâneo, que eram também seus próprios problemas...

Seja no papel de jovem líder 'seinista', líder revolucionário ou estudante pesquisador, seja como médico de famílias ou terapeuta familiar, seja como criador do 'teatro espontâneo' ou como Pai dos Psicodrama, da Sociometria ou da Psicoterapia de Grupo, MORENO investigou o *cotidiano humano*, levantando hipóteses, buscando comprová-las e solucioná-las. Realmente, foi um homem de ação, como dizem renomados psicodramatistas.

Sua história pessoal, como judeu, sensibilizou-o, de fato. Sensibilidade esta que o fez desenvolver uma percepção aguçada, porque não admitir, realista e premonitória do caminho que seria percorrido pelo homem, se ele não parasse (ou pare) para reavaliar posições - concepções, ideais, produções - e redefinir ações. Também em função de sua história como judeu, MORENO

aprendeu a percorrer sozinho os caminhos traçados para si, não submetendo-se ao sistema ou às instituições. Mesmo quando abraçou a ciência, já adulto e médico e se deu conta de que não conseguiria realizar sua 'idéia fixa', caso não incorporasse padrões científicos à sua atividade como investigador e terapeuta social, ainda assim, MORENO desenvolveu seu trabalho *da sua maneira*, negando subjugar-se, por exemplo, ao rigor da linguagem científica, fria e impessoal ou às metodologias enquadrantes que delimitam objetos de estudos e reduzem muitas vezes a realidade.

A obra moreniana, porisso, tem suas peculiaridades, as quais podem ser criticadas ou apreciadas, dependendo da perspectiva que a ilumine.

No percurso de vida, este homem singular, centrou suas atenções no *existir humano* contextualizado nos grupos sociais, dentro dos quais relaciona-se com o outro; preocupou-se com o que percebia como sendo um *processo de cristalização da concepção de primazia da razão humana* em detrimento de outras dimensões, denunciando-a; criticou ferozmente o *cientificismo e o desenvolvimento tecnológico*, estandartes da ciência positiva, como sendo fenômenos da sociedade moderna abusivos contra a humanidade.

Enfim, MORENO lutou por reaver o sentido da grandeza da humanidade para o homem contemporâneo, buscando sensibilizar o homem comum em seu próprio *locus* para que este pudesse se defender da hegemonia do desenvolvimento e das patologias e seqüelas carreadas por ele.

O Psicodrama foi resultado do processo contínuo de tentativa de compreensão da vida humana pessoal (eu), social (eu-outro-grupo) e do existir consciente no mundo, objetivando com isto reconduzir o homem à sua verdadeira condição de ser humano. Porisso, o relacionamento entre o indivíduo, o grupo e a sociedade, constitui-se no tema do Psicodrama.

Meu encontro com o Psicodrama e com Alícia

Em 1980, o último semestre do curso de graduação em Fonoaudiologia, tinha como obrigatório a disciplina *Role Playing: formação do papel do fonoaudiólogo*. Em torno desta matéria

havia certa polêmica e muitas dúvidas. Alguns alunos a achavam sem finalidade, considerando-a dispensável no currículo e poucos a julgavam como sendo importante para o futuro e próximo desenvolvimento da atividade profissional. Foi ouvindo estas opiniões que cheguei à sala de aula para finalmente conhecer a tão "discutida" disciplina.

Realmente, os procedimentos eram pouco ortodoxos... em vez de um professor responsável pela disciplina, como de costume, eram duas as professoras¹⁵⁵. A turma, por sua vez, foi dividida em quatro grupos de 13 ou 14 alunas, que tinham 'aula' separadamente. E, finalmente, as 'aulas' não eram propriamente aulas, mas encontros em que as pessoas falavam, (pasmem) brincavam e (não entendia por quê ...) dramatizavam !

O primeiro mês se passou e eu comecei a perceber que tinha convivido com todas aquelas pessoas - minhas colegas de curso¹⁵⁶ - e sequer sabia o nome de algumas. Mais surpresa ainda fiquei, quando pouco a pouco descobria a imagem que eu passava para os outros e como a imagem dos outros também não revelava para mim , verdadeiramente, o outro.

Perplexa e impactada com tudo aquilo, descobria que havia outras formas diferentes de relacionamento humano que eu desconhecia e para os quais não estava pronta. Descobri também como eu estava fechada para conhecer pessoas, pois imaturamente decidia ' o que eram ', rotulando-as: - *Essa eu quero conhecer, essa não...*

Eu poderia ser chamada daquela pessoa que 'está na sua' . Só que eu não sabia que estar na minha implicava em deixar de viver coisas boas e conhecer pessoas incríveis. É, eu era alheia à turma...

Por outro lado, minhas antigas e recém colegas também descobriam os mesmos sentimentos. Isso nos deixou confusas. Algumas que pareciam meio 'bobocas' saíam dizendo coisas fantásticas que demonstravam uma percepção muito aguçada das pessoas. Outras, que falavam muito, paulatinamente aprendiam a ouvir. Aquelas que quase não se manifestavam eram acolhidas carinhosamente pelas colegas e solicitadas a dar sua contribuição. Assim, o semestre passava

¹⁵⁵ ALVAIR CERVELLINI (pedagoga) e NADIR HAGULARA CERVELLINI (fonoaudióloga) ambas professoras da disciplina na PUC SP e PUCCAMP.
¹⁵⁶ Na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o Curso de graduação em Fonoaudiologia seguia o esquema de séries com matérias pré-determinadas para cada uma delas e não sistema de créditos. Porisso, convivemos durante os anos do curso com as mesmas colegas. Neste caso éramos aproximadamente 55 alunas.

e a gente, sem se dar conta, ia se transformando... e mudando nossa relação: *vínculos afetivos estabeleciam-se, respeito e amizade emergiam espontaneamente.*

No meio do curso, eu já estava apaixonada por aquele trabalho ! *Era incrível sentir, ver e viver aquela transformação tão rápida e tão importante para nossa humanização. Decidi ! Vou trabalhar com isso ! Perguntei às minhas professoras como poderia aprender a fazer aquilo . Elas disseram: - Procure pela Professora Maria Alicia Romaña, em SP. É ela que ensina...*

Agosto de 81. Estava eu reunida com um grupo de pessoas, das quais não conhecia ninguém e tendo à minha frente *Alicia*, como gosta de ser chamada. Dois anos de curso de formação e eu *sabia fazer aquilo !* Aquilo cresceu tanto em minha vida e fez-me crescer tanto que hoje sou o que sou por causa do Psicodrama, do MORENO e da Alicia...

Um pouco da história de Maria Alicia Romaña: uma pedagoga humanista...

ROMAÑA é argentina, nascida em Resistência no dia 13 de maio de 1927, Província Del Chaco. Formou-se em Pedagogia na *Universidad Nacional de Buenos Aires*, em 1951.

Em 1962 teve seu primeiro contato com o Psicodrama, através de uma sessão psicoterápica dirigida por ROJAS BERMUDEZ e PAVLOWSKY e FIASQUÉ, em Buenos Aires, quando localizou no Psicodrama e nas técnicas psicodramáticas, uma possibilidade de constituição de um método que respondesse às suas necessidades didáticas.

Adepta da corrente fenomenológica, buscava uma *metodologia que desse conta das necessidades particulares de cada estudante e satisfizesse amplamente os objetivos educacionais, seja no âmbito do processo ensino-aprendizagem ou de formação do indivíduo - aluno.*

Envolvida com esta perspectiva, iniciou um curso de formação em Psicodrama (1º Seminário de Formação de Psicodramatista), promovido pela *Asociación Argentina de Psicodrama y Psicoterapia de Grupo* . Tendo em vista a especificidade do curso, ROMAÑA constatou a necessidade

de "... *um marco teórico adequado para a aplicação em educação* "157, constatando também que "... *a linha metodológica psicodramática é fundamentalmente indutiva.* "158

A partir daí, questões relativas a aplicabilidade da teoria e técnica psicodramática à situação educacional emergiram e ROMANA passou, então, a testar suas intuições em múltiplas situações escolares.

Primeiro chegou à comprovação da "... *possibilidade mais ou menos universal, de simbolizar um conceito a partir da associação de imagens significativas para a própria pessoa.* "159 Com o tempo usou o Psicodrama na organização de equipe de trabalho escolar, na pré-escola, em aulas de disciplina pedagógica a nível de ensino de 3º grau e, até mesmo, em crianças portadoras de distúrbio de aprendizagem.

Entre 1966 e 1968, ROMANA apresentou seu trabalho a colegas educadores, que manifestavam certa estranheza quanto ao método, pois o mesmo ainda não apresentava clareza teórica e técnica, apesar dos resultados obtidos. De qualquer forma, em 1969, assumiu o desafio de apresentar seu trabalho e resultados a um público maior. Assim, realizou demonstrações deste no IV Congresso Internacional de Psicodrama (Buenos Aires), momento este que se caracterizou como *a data oficial de apresentação do Psicodrama Pedagógico.*

Após a oficialização da nova metodologia fundamentada no Psicodrama de J. L. MORENO, ROMANA passou a divulgar seu trabalho no Brasil e Argentina, formando educadores para a aplicação do método que neste instante ganha forma e passa a ser denominado de " *Metodologia Psicodramática* "160 A estruturação da teoria que dá suporte ao Psicodrama Pedagógico se organizou, entre 1970 e 1973, quando a diversidade de situações educacionais a serem trabalhadas acarretou um processo de '*...interação em larga escala...* " 161

ROMANA iniciou uma *nova escola metodológica*, que tem sido difundida por ela e seus 'discípulos'. Desde 76 radicada em São Paulo, preocupa-se com a correta e

157 ROMANA, M. Alicia. *Psicodrama Pedagógico*. p.17.

158 *Ibid.*

159 IDEM. p. 18.

160 IDEM. p.19.

161 IDEM. P. 20.

*"...adequada difusão do Psicodrama Pedagógico, através de qualquer uma de suas expressões - educação da espontaneidade, técnica de desenvolvimento de papéis ou metodologia psicodramática."*¹⁶²

Psicodrama Pedagógico: algumas considerações...

Normalmente quando falamos em Psicodrama, talvez pela proximidade etimológica da palavra '*psico - drama*' com a Psicologia, imediatamente as pessoas - principalmente leigos - acenam com uma compreensão de base psicoterapêutica. Além disso, em geral, as publicações existentes sobre Psicodrama, são em sua grande maioria, produto de estudos desenvolvidos por médicos, de formação psiquiátrica ou psicólogos, que encontraram no Psicodrama uma boa alternativa de abordagem terapêutica. Temos em D.BUSTOS, FONSECA F^o, CASTELLO DE ALMEIDA, M. AGUIAR, NAFFAH NETO, alguns destes expoentes.

Reduzidíssimas são as publicações acerca da aplicação do Psicodrama na área educacional, sendo o primeiro no gênero, o livro *Psicodrama Pedagógico de 1987* e, mais recentemente, *Construção Coletiva do Conhecimento através do Psicodrama, de 1992*, os dois de autoria de ROMANA. Apesar disso, é significativo o número de educadores que fazem uso da metodologia psicodramática nas escolas. De certa forma a difusão do método tem seu núcleo principal na cidade de São Paulo, onde residem ROMANA, *Marisa Greeb* e outros da área pedagógica e, existem hoje, cursos de formação na metodologia psicodramática aplicada à educação oferecidos por entidades independentes ou filiadas à Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP).

Apesar da limitada situação, a *técnica* criada por MORENO tem sido difundida e aplicada no Brasil - mesmo sem a teoria psicodramática como fundamento - contaminando trabalhos desenvolvidos nas escolas, empresas, grupos variados e etc, sob o nome genérico de "*dinâmica de grupo*." Considero que porisso, ROMANA - assim como eu - preocupa-se com a adequada difusão do **Psicodrama Pedagógico**, a qual deve necessariamente estar *fundamentada na teoria psicodramática de Jacob Levy MORENO, cujo pressuposto é a emergência da espontaneidade*

¹⁶² *Ibid.*

criadora e a libertação do homem, através do rompimento das conservas culturais, do encontro consigo próprio e com o outro.

Como metodologia educacional, o Psicodrama Pedagógico favorece a assimilação do conhecimento e facilita à pessoa "... a **integração de aspectos socializantes e de estilos de conduta, que abrem novas perspectivas para a sua maneira de agir e de relacionar-se com seu ambiente.**" ¹⁶³ Nesta citação, ROMANA reforça a idéia de que é possível através da utilização das técnicas psicodramáticas, à luz da teoria moreniana, *promover no aluno o desenvolvimento de significativos aspectos de sua vida, porque estes são condição para o processo de humanização e socialização do educando enquanto pessoa social em formação.*

ROMANA, pertinentemente, preocupa-se quanto à adequada divulgação e aplicação do Psicodrama à Educação, sentimento que também é expressado pelos profissionais psicodramatistas das áreas médica e psicológica, sob outra vestimenta:

- Estará o pedagogo psicodramatista habilitado a trabalhar com pessoas que constituem grupos, por um período determinado, usando a metodologia do Psicodrama, sem provocar problemas no 'aqui e agora' da ação dramática que não possam ser resolvidos por ele - pedagogo? - Não estará o pedagogo inveredando por uma área que não é de seu domínio ?

Estas indagações, sem dúvida procedentes, exigem uma reflexão acerca da utilização da metodologia psicodramática no âmbito da Educação e colocam duas sérias e consistentes questões quanto a:

1º) delimitação dos objetivos do Psicodrama aplicado à Educação.

2º) habilitação do profissional, enquanto competência técnica e compromisso político perante os sujeitos de sua ação.

Vejamos como estas questões são tratadas por MORENO.

1ª) Segundo MORENO, "**...o Psicodrama (...) é um sistema que habilita as pessoas a agir e a sentir, a descobrir coisas e a vê-las por si mesmas.**"¹⁶⁴. Em outras palavras, através de sua

¹⁶³ IDEM, p. 26.

¹⁶⁴ MORENO, J. L. *Psicodrama*, p. 61.

metodologia, o Psicodrama propicia um processo de desvelamento da realidade, de auto descoberta e de transformação íntima do indivíduo, porque não dizer, de sua condição psicológica.

MORENO fala sobre a ação terapêutica de maneira clara...

"... O psicodrama coloca o paciente num palco onde ele pode exteriorizar os seus problemas com a ajuda de alguns autores terapêuticos.(...) Pode ser adaptado a todo e qualquer tipo de problema, pessoal ou de grupo, de crianças ou adultos. É aplicável a todos os níveis de idade.(...) O psicodrama é a sociedade humana em miniatura. (...) A abordagem terapêutica difere, pois, da abordagem artística num fator essencial. Interessa-se pela personalidade privada do paciente e sua catarse e não pelo papel representado e seu valor estético. Contudo veremos(...). que os domínios terapêuticos e estéticos não podem estar separados para sempre, que têm uma inter-relação definida."165

Parafraçando MORENO, diria que o *Psicodrama Pedagógico* coloca o aluno inteiro, incluindo (e principalmente) sua história pessoal - experiências e características pessoais - como ponto de partida do processo educacional. Na escola, o *Psicodrama* traz a realidade existencial do aluno para dentro da sala de aula e estabelece que todo e qualquer processo de aprendizagem deve ter como princípio orientador o ser humano representado pelo aluno. Assim, a prioridade não se revela só na capacidade de aprender conteúdos (conhecimentos), mas centra-se na possibilidade de desenvolvimento do aluno, de forma que este desenvolvimento pessoal dê base ao processo ensino-aprendizagem, desperte interesse, curiosidade e criatividade, que aqui poderia ser entendida como confiança na sua própria capacidade de decisão, escolha e criação.

Novamente tomando como parâmetro a fala de MORENO, poderia dizer que, a abordagem pedagógica difere, pois, da abordagem terapêutica num fator essencial: interessa-se pelo aluno como um ser humano (normal e em pleno comando de suas ações) em evolução, também intelectual, e não pelos problemas íntimos que ele possui ('personalidade privada do paciente').

ROMANA, exatamente porque se preocupa com esta questão teve o cuidado de delimitar claramente os objetivos do *Psicodrama Pedagógico* e é acima destes objetivos que nós, pedagogos psicodramatistas, realizamos nosso trabalho. São eles:

165 IDEM, p. 238.

I. Desenvolvimento da expressividade e criatividade

É um objetivo fundamental ao aquecimento de grupo, a fim de que o *encontro* se inicie e as pessoas comecem a canalizar suas energias espontâneas para o contexto psicodramático, o emergente grupal e a ação que se desenrolará. Além disso, este objetivo é importante porque possibilita um campo relaxado de trabalho, no qual a comunicação e o expor-se ao outro flui com maior facilidade. São utilizadas para tal fim atividades diversas, tais como, expressar-se através de criações com sucata, desenhos ou movimentos corporais, jogos dramáticos, etc.

Jogos dramáticos¹⁶⁶ são atividades lúdicas que possibilitam a sintonia entre as dimensões corpórea (sensibilização de nossos sentidos) e intelectual, objetivando a partir desta integração aguçar a percepção, sensibilizar para si e para o outro o universo pessoal de cada um e, desta forma, tornar o indivíduo, no grupo, mais seguro para se expor através de sua expressão e criatividade, manifestações humanas que dão base a uma comunicação interpessoal mais eficiente e satisfatória, as quais desenvolvidas contaminarão a vida real cotidiana do indivíduo.

*"O jogo se insere no psicodrama como uma técnica que propicia ao indivíduo expressar livremente as criações de seu mundo interno, realizando-as na forma de representação de um papel, ou por determinada atividade corporal. Assim, a produção mental de uma fantasia é objetivada."*¹⁶⁷

No âmbito da educação, o *jogo* por seu caráter lúdico possibilita a constituição de campo relaxado, no qual o aluno sente-se à vontade para manifestar-se livremente e é respeitado em seus limites.

II. Aquisição e compreensão de assuntos, conteúdos e temas.

¹⁶⁶ O livro *Jogos Dramáticos* de Regina Fournaut MONTEIRO, é um dos únicos no gênero e explicita a importância da realização dos jogos dramáticos, bem como fornece uma série deles.

¹⁶⁷ MONTEIRO, R.F. O jogo no psicodrama. In: IDEM. *Técnicas fundamentais do Psicodrama*, p. 210.

Este objetivo está diretamente vinculado ao processo ensino - aprendizagem e direciona-se especificamente para a *aquisição de conhecimentos*, ou seja, neste momento, *privilegia-se o nível intelectual do educando*, contudo apoia-se na vida do aluno (nível concreto) e suas experiências, partindo-se destas para a compreensão do conteúdo e a transferência do conhecimento adquirido à novas situações (generalização: abstração e simbolização).

III. *Treinamento ou*

Desenvolvimento de papéis sócio - profissionais (Role-playing)

Este objetivo visa trabalhar papéis que assumimos em nossas atividade cotidianas colocando-os em oposição aos nossos papéis complementares. Por exemplo: professor - aluno, médico-paciente , mãe - filho, etc.

*" O role playing preocupa-se com o desempenho do papel, e aqui a finalidade é a percepção objetiva dos sentimentos e das atitudes dos outros, que desempenham o 'contrapapel' e a resposta mais apropriada à situação. "*¹⁶⁸

Com relação ao contexto escolar e à interação professor-aluno, ROMANA diz: *"... o treinamento de papéis permite adquirir maior habilidade no manejo de situações concretas, com relação ao princípio de autoridade e de problemas de disciplina, além de uma maior objetividade quanto a como é sentido ou valorizado o conhecimento, a avaliação dos alunos, provas, exames etc. "*¹⁶⁹

2º) Quanto à *qualificação para o desempenho do papel de educador psicodramatista*, resgatarei uma breve colocação de MORENO sobre a função de diretor (que na terminologia psicodramática é quem dirige a cena e escolhe as técnicas) e que nos permite avaliar a referida questão.

¹⁶⁸ KAUFMAN, Artur. *Role Playing*. In: IDEM. *Técnicas fundamentais do Psicodrama*. p.193

¹⁶⁹ ROMANA, M. A. *Psicodrama pedagógico*, p. 49.

*"... Uma revisão geral de milhares de diretores psicodramáticos apresenta o seguinte resultado: dentre os muitos diretores em atividade, na melhor das hipóteses, um por cento deles tem a qualidade, a espontaneidade, o carisma, a energia persistente, capazes de inspirar uma produção (...) a incumbência da academia psicodramática é descobrir diretores do mais alto nível de cultura e treiná-los. Nem todos os diretores aos quais oferecemos treinamento são da mesma qualidade."*¹⁷⁰

Nesta citação de MORENO, pode ser constatado que a questão da *qualificação* já era uma preocupação do criador do Psicodrama desde o Teatro Espontâneo e, como ele próprio pode checar, caracterizava-se desde então como um sério problema, pois embora houvesse um processo de formação do papel de diretor (treinamento), ainda assim, poucos eram os que realmente possuíam condições ótimas para desempenhá-lo.

Com isso devemos entender que estes profissionais devem ser testados e descartados, por serem considerados inaptos ? Não. Acredito que não e defendo que não, pois isto não solucionaria o problema e se confrontaria com a idéia psicodramática de que *é necessário romper as conservas culturais para liberar a espontaneidade criadora.*

Parece-me que a idéia de MORENO era exatamente descobrir estas pessoas. Como descobri-las, então, senão através do próprio Psicodrama, dando a elas também a oportunidade de também 'brincarem de Deus' e descobrirem - se a si mesmas? Assumido as diferenças pessoais como um relevante fator na determinação das *habilidades* para o desempenho do papel de diretor psicodramatista, fica ainda pendente a questão acerca da *qualificação*, entendida aqui como formação e competência.

RODRIGUES (1991) educador e pensador da educação brasileira analisa o *educador* e define algumas características fundamentais para o desempenho de seu papel na instituição educacional, a que ele denomina 'escola necessária' :

"Em primeiro lugar, ele deve estar comprometido politicamente com sua tarefa de educador. Esse comprometimento exige que as pessoas tenham consciência da responsabilidade que lhes foi confiada.(...) Do educador se exige uma constante ocupação com o ato educativo. Ele tem de ser. (...) À medida que o educador, enquanto educador, compreende a importância social do seu trabalho, a dimensão transformadora da sua ação, a importância social, cultural, coletiva e política da sua tarefa, o seu compromisso cresce.(...)"

¹⁷⁰ MORENO, J. L. *Teatro para a Espontaneidade*. pp. 13-14.

*Em segundo lugar, o professor comprometido politicamente tem de ser tecnicamente competente(...) Há de se lembrar que a competência técnica, a ampliação do conhecimento e a atualização exigem um exercício freqüente e diário por parte do educador e do sistema dentro do qual ele está inserido. Mas, necessariamente, exigem vontade, desejo...*¹⁷¹

Esta análise crítica do *papel do educador* é significativa, pois além de revelar o sentido do *educar comprometido*, reforça a idéia de que não há educação efetiva se não houver compromisso pessoal com a própria formação técnico científica e 'paixão' pelo sentido humanístico do ato de ensinar.

Assim é que, tanto para o '*educador comum*', quanto para o *educador psicodramatista*, o comprometimento com o objetivo primeiro da educação - a formação do homem pleno - e com o ato educativo, deve ser sustentado através de uma ação pessoal que assegure a seriedade e competência no desenvolvimento de seu trabalho, bem como ética profissional, segurança no manejo das técnicas e clareza quanto aos reais limites de sua ação, a qual deve restringir-se ao âmbito da aprendizagem, seja no nível do conhecimento intelectual, no desenvolvimento de um papel ou na estimulação e treinamento da expressividade do educando.

O Psicodrama continua sendo Psicodrama, mesmo quando aplicado à educação ou qualquer outra área do conhecimento humano, desde que em qualquer contexto, possua as mesmas bases teórico metodológicas e sejam respeitados os limites da área a que se aplica.

Um elemento chave do Psicodrama, enquanto instrumento metodológico, é a organização do *encontro entre as pessoas* que compõem o grupo em três fases distintas, que privilegiam

1º) um *momento de relaxamento*, de encontro ou reencontro com os companheiros, quando as atividades propostas dão espaço ao surgimento de vários temas, entre os quais um será o escolhido pelo grupo: *Fase do Aquecimento*¹⁷²

¹⁷¹ RODRIGUES, Neidson. *Da justificação da escola à escola necessária*. pp.65-66.

¹⁷² Segundo MORENO, o aquecimento, ou primeira fase da atividade psicodramática, pode ser inespecífico, quando se referir a realização de jogos dramáticos para fazer emergir no grupo o tema a ser trabalhado e, específico quando este tema já estiver definido e o aquecimento tiver como objetivo preparar os protagonistas para o desempenho de seus papéis com base neste tema.

2º) um *momento de reflexão*, onde o tema eliciado pelo grupo como sendo o emergente grupal será tratado segundo a abordagem psicodramática: Fase da Dramatização e, finalmente,

3º) um *momento do compartilhamento*, que é o momento do ouvir o outro, predispondo-se para conhecer as próprias emoções e sentimentos (positivos ou negativos) e os sentimentos do outro: **Fase do Compartilhar**

Considero as *fases do Psicodrama*, o elemento que garante na metodologia psicodramática o resgate contínuo dos fatores humanos subjacentes à rede sócio relacional, pois é a partir da realização destes três momentos que os indivíduos se encontram, interagem trazendo as vivências do cotidiano individual, tornando-as tema de aprendizagem comum e compartilham as dúvidas e certezas inerentes ao ser humano e à condução de suas escolhas e ações na vida real.

E, não há, no processo psicodramático educacional, riscos do trabalho ser mal conduzido, desde que o *professor - diretor*¹⁷³ tenha formação reconhecida na área, bem como restrinja-se a abordar as questões passíveis de serem tratadas como '*temas de aprendizagem comum*' para o grupo, respeitando sempre o referencial educacional da proposta psicodramática aplicada à situação pedagógica.

Assim, a fala do Dr. Moysés AGUIAR, reflete o processo de transformação porque passa a aceitação da aplicação do Psicodrama Pedagógico em outras áreas.

*"... a dicotomia entre psicodrama "terapêutico" e "aplicado", cisão sacramentada na esmagadora maioria das estruturas institucionais, não favorece nem um pouco essa expansão. Principalmente porque a tendência é enobrecer o primeiro e avassalar o segundo. Como se este último se caracterizasse - como o próprio nome o indica - por ser um psicodrama de segunda categoria, o que possibilita a seus utilizadores terem um preparo mais limitados do que seus colegas (?) da corte. (...) Maria Alicia Romana dá a volta por cima e não se deixa cair na armadilha desse debate estéril. Mostra o psicodrama na sua mais plena fecundidade, ambientando e dizendo a que veio, justamente numa área em que pontificam inexpugnáveis notoriedades: a educação."*¹⁷⁴

¹⁷³ Diretor é o termo psicodramático definido por MORENO, para designar o responsável pelo desenvolvimento do Psicodrama. Vide p. ____.

¹⁷⁴ AGUIAR, Moysés. Prólogo. In: ROMANA, M. A. *Construção Coletiva do Conhecimento através do Psicodrama*, pp. 14-15.

Maria Alicia ROMANA, como cientista da educação, comprometida técnica e politicamente com a relevância da aplicação do Psicodrama à situação educacional, reconheceu a importância do estabelecimento de *limites claros entre o Psicodrama Pedagógico e o Terapêutico*, o que a fez perseguir durante anos uma metodologia que, implicitamente, demarcasse a área de atuação do educador. Tendo em vista tal preocupação, no processo de organização da nova metodologia, ROMANA preservando os *instrumentos, contextos e fases do Psicodrama*, privilegiou apenas *duas das técnicas psicodramáticas para serem aplicadas à Educação*, as quais apresento a seguir.

1º) *Inversão de papéis.*

Esta técnica tem como base o '*colocar-se no lugar do outro*'. Trocar o papel que o protagonista está desempenhando com o seu interlocutor. É uma das técnicas mais utilizadas, já que representam a própria essência do Psicodrama, o qual MORENO poetiza...

" Um encontro entre dois: Olho a olho, cara a cara.
E, quando estiveres perto, eu arrancarei teus olhos
e os colocarei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos e
os colocarei no lugar dos teus;
Então, eu te olharei com meus olhos e
tu me olhará com os meus. " 175

Este poema é significativo na teoria psicodramática, porque propõe a promoção do *encontro entre as pessoas*, através do despojamento dos determinismos e preconceitos, de forma que o indivíduo se abra para aceitar o outro exatamente como ele é, ou seja, *se predisponha para a relação humana*, independentemente desta lhe parecer boa ou ruim. Esta abertura se dá e se realiza com a *Tele*.

Na troca de papéis se efetiva o '*pôr-se no lugar do outro*', o que permite investigar e compreender atitudes muitas vezes imperceptíveis para si próprio e para o outro. *É uma técnica de*

175 MORENO, J.L. Traduzido de *Einführung an einer Begegnung*, p. 03 publicado em Viena, 1914. In: *Psicodrama*, p. 10.

reconhecimento que pode revelar fatos aparentemente desconhecidos ou, de fato, desconhecidos para o protagonista e seus colegas.

A *inversão de papéis*, enquanto técnica psicodramática educacional, foi escolhida pela sua grande aplicabilidade, por seus resultados positivos e por sua simplicidade.

Algumas situações em que esta técnica pode ser utilizada...

. quando se inicia a dramatização, com o fim de realizar uma troca informativa da composição dos papéis a serem dramatizados na cena;

. quando um protagonista faz uma pergunta a seu interlocutor, a fim de solucionar uma situação-problema, por não conseguir pensar isentamente. Neste caso, a inversão do papel possibilita ao protagonista distanciar-se do problema, projetar suas expectativas sobre a forma de solucioná-lo e, responder às suas próprias perguntas, desde outra referência;

. quando se objetiva dar referências, não percebidas pelo protagonista, sobre suas condutas, contribuindo desta maneira para o *insight* sobre o efeito sócio interacional de seu comportamento.

2ª) *Solilóquio*

É uma técnica que visa "... *dar expressão aos níveis mais profundos do nosso mundo interpessoal*"¹⁷⁶, pois a relação humana se dá em dois níveis: o *concreto-aparente* ou a relação em si e, o *subjetivo* ou o pensamento e sentimentos subjacentes à relação, no momento em que ela se dá no '*aqui e agora*'.

O *solilóquio* tem o sentido de propiciar ao protagonista da ação dramática a expressão de sentimentos ocultos, subjacentes à relação interpessoal, que podem se caracterizar como necessários à efetivação da interação.

No *solilóquio* se fala em voz alta o que se pensa e como se está pensando.

ROMAÑA adverte para a necessidade de cautela quanto à frequência na aplicação do Psicodrama Pedagógico, por ser um instrumento que provoca transformações ao nível do

¹⁷⁶ IDEM, p.245.

comportamento e, conseqüentemente, das relações sociais, as quais dependem de ajustes regulares em função das mudanças ocorridas. Porisso, "...*sua utilização* (das dramatizações)¹⁷⁷ *deve ser periódica, mas não constante.*"¹⁷⁸

A simplicidade da técnica pode aparentar facilidade de aplicação, contudo o uso da abordagem psicodramática, tanto quanto em qualquer área, é contra-indicado, caso não haja um domínio teórico e prático vivencial do método.

*" Não há dúvida de que é necessário uma formação especial, para que seja possível uma utilização responsável e feliz das técnicas dramáticas..."*¹⁷⁹

ROMAÑA refere as situações da *praxis educativa* em que é possível a aplicação das dramatizações.

"...1) Fixar e exemplificar o conhecimento.

2) Encontrar as soluções alternativas aos problemas disciplinares.

3) Desenvolver papéis novos (Estágios no Magistério)

4) Como prevenção de situações ansiógenas (provas).

5) Sensibilizar grupos.

6) Elaborar mudanças (de professores, de classes, de turma, de escola).

*7) Avaliar o trabalho em equipe "*¹⁸⁰

O Psicodrama aplicado à situação educacional se concretiza através de seus *cinco instrumentos*, os quais em relação possibilitam a estruturação das *fases psicodramáticas e a aplicação das técnicas*. São eles:

1. Diretor (a)

É o responsável pela realização do Psicodrama. Tem como função discriminar ou auxiliar na discriminação do material trazido pelo grupo ou emergente grupal; encaminhar e auxiliar na organização da cena a ser dramatizada; sugerir novas cenas para favorecer *insights*; iniciar a

¹⁷⁷ Nota da autora.

¹⁷⁸ ROMAÑA, M. Alicia. *Psicodrama Pedagógico*, p.27.

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ Ibid.

sessão; manter o foco na situação problema (no caso do Psicodrama Pedagógico, os temas de aprendizagem); realizar aquecimento inespecífico e específico; intervir nas cenas através de cortes para introdução das técnicas necessárias ao momento; encerrar dramatizações; estimular os comentários na fase do *compartilhar*, buscando favorecer a participação de todos; realizar o fechamento da sessão, analisando e articulando percepções e comentários, à luz da teoria psicodramática.

2. *Ego-auxiliar*

É também um profissional com formação em Psicodrama.

É um '*agente intermediário*' entre o diretor e o protagonista que dramatiza. Pode ser considerado um '*prolongamento*' do diretor dentro do *palco dramático*, com o objetivo de introduzir as modificações na cena, de acordo com as observações e orientações da direção. Funciona também como co-direção, observador e registrador das relações interpessoais em jogo, por isso este papel não deve ser entendido como um simples executor de "ordens" do Diretor .

3. *Protagonista*

É o indivíduo escolhido como o que trouxe ao grupo o conteúdo a ser trabalhado, que é também seu emergente. Isto é, é o sujeito que assume o desempenho da ação, o que dramatiza. Pode ser um só, algumas pessoas do grupo ou o grupo todo.

4. *Cenário*

É o local onde a dramatização se concretiza. É o '*locus*' do *hic et nunc* e do '*faz de conta*' ou '*como se*'. É o lugar onde a fantasia é possível, condição que amplia as possibilidades de expressão e compreensão das situações problema.

Este instrumento é fundamental, porque como diz MORENO, é "... *um espaço vivencial que é flexível e multi dimensional ao máximo*. "¹⁸¹ E é neste espaço que o sujeito da ação dramática poderá reencontrar o equilíbrio perdido no espaço vivencial da realidade de sua vida.

¹⁸¹ MORENO, J.L. *Psicodrama*. p.17.

5. *Audiência*

É o conjunto de pessoas que se encontram no contexto grupal, porém fora do cenário dramático e, portanto, da cena. A audiência tem como função aumentar o compromisso da dramatização, observar, avaliar e dar seu ponto de vista na fase do compartilhar, não antes.

A audiência deve manter-se atenta à cena, na qual não deve intervir durante a dramatização, pois esta é uma função do Diretor, em comum acordo com o Ego-auxiliar.

MORENO delimitou os espaços dentro dos quais o Psicodrama - técnicas e instrumentos - se desenrolaria, a fim de estabelecer os elos entre a vida real, a vida no grupo específico do Psicodrama e a vida no universo psicodramático, onde tudo é possível e passível de mudanças no *aqui e agora*. Estes espaços, chamados contextos psicodramáticos, são três:

1) *Contexto social*

No Psicodrama, o contexto social representa o âmbito da história pessoal - experiência, sentimentos, memórias - de cada participante do grupo que se forma com o objetivo de trabalhar psicodramaticamente.

É no contexto social que cada ser humano se constrói enquanto indivíduo, constituindo um universo de vivências (boas e ruins) pessoais, as quais vão sendo, pouco a pouco, desveladas e reveladas na forma de auto conhecimento e de cimento das relações sociais que se estabelecem ao nível grupal.

Embora a história pessoal - a própria biografia - não esteja o tempo todo aparente, é pano de fundo para o desempenho de nossos papéis sócio profissionais. Por isso o *contexto social* é tão importante na metodologia psicodramática, pois é a partir dele que os temas a serem trabalhados emergem dos conteúdos individuais.

No contexto social temos as leis, condutas, compromissos, regras do jogo da existência e as regras sociais que envolvem a ética, a moral a religião que regem nossas vidas, no dia a dia. Essas regras são conhecidas por todos de uma mesma cultura.

Quando chegamos a um grupo e quando nossos universos sociais se encontram, nossa identidade pessoal aparece mais especificamente no...

2) *Contexto Grupal*

É o contexto ou lugar onde ocorrem as interações entre as pessoas de cada grupo em formação. A troca relacional, que se estabelece no encontro entre as pessoas, cresce em complexidade, em intensidade e em empatia. Na medida em que o agrupamento de pessoas vai se transformando em *grupo*, vão surgindo espaços para que se conheça o universo pessoal de quem quiser apresentá-lo ao outro. Pouco a pouco, a intimidade de cada um é aberta ao outro, ou seja, cada pessoa permite ao outro compartilhar seu universo. É esse movimento de trocas existenciais que faz com que as pessoas se aproximem.

No contexto grupal, onde ocorrem as relações interpessoais permeadas pelo instrumento psicodramático, *as regras sociais triadas dão base à formação de novas regras que servem para este grupo e não para fora daqui ou para outro grupo*. Cada grupo tem suas próprias características, em função, principalmente, das vivências psicodramáticas e dos emergentes que foram surgindo no decorrer dos trabalhos. Daí, as normas, as leis, os costumes particulares para cada grupo especificamente.

A conformação do grupo, envolve sempre a definição de um *compromisso total*, que é a principal característica do Psicodrama, porque significa que ocorreu o estabelecimento de regras permeadas pela tolerância, liberdade e compreensão.

Tolerância porque é necessário aprender a *compartilhar com o outro*, respeitando os seus limites. Liberdade porque todos devem se sentir bem para poderem expressar-se, livremente não sendo julgado. E, compreensão, porque é a base das relações interpessoais e sem a qual não se consegue caminhar juntos. No caminhar sozinho, o homem, isolado, torna-se rígido para as relações sociais, ou seja, inflexível às mudanças e avesso às interações.

É, portanto, no contexto grupal que o contexto social é filtrado, bem como o são os papéis profissionais, sociais, etc, a partir dos quais estas informações da vida real ou da mente (fantasias, sentimentos, etc.) são abordadas no último contexto, que é o...

3) *Contexto Dramático,*

É o contexto no qual realizam-se os emergentes do contexto grupal, filtrados do contexto social. Neste contexto ocorre a *cena*, no cenário, com o protagonista e os outros personagens necessários à cena. É o 'faz de conta', o "como se". Aqui, desempenham-se papéis, interpretam-se papéis, pessoas interagem, ocorrem acontecimentos imprevistos, novos, insólitos, papéis são assumidos durante a dramatização e personagens são criados.

O contexto dramático pode ser modificado a cada cena, por isso sua riqueza de possibilidades e descobertas. A cada cena dramatizada novos matizes surgem e, portanto novas informações e compreensões. O contexto dramático é, neste sentido, polissêmico e é nele que se dá o *encontro*.

ROMAÑA (1992) em *Construção coletiva do conhecimento através do Psicodrama*, revela sua preocupação em estruturar uma metodologia que dê conta do processo de aprendizagem de forma eficaz e na qual a *pessoa do aluno esteja presente*, participante: um emissor-receptor de informações...

A autora defende a *fundamentabilidade do reconhecimento da presença do componente afetivo no processo de construção da cognição*. Considero que além de mostrar como é possível realizar este percurso (filosófico) metodológico, ROMAÑA desmascara simultaneamente - e com simplicidade - a farsa do que é 'executado' em Educação quanto às metodologias ou didáticas de ensino. Situação, que como sabemos, configura o que poderíamos denominar de "*o pacto do empobrecimento humano*" pela via intelectual. Enfim, são tantos, reais e graves problemas decorrentes da ineficácia que congela o ensino no Brasil, que parece que o foco de luz *não* deva ser lançado somente sobre a questão *apriorística da aprendizagem ou capacidade para adquirir conhecimentos*.

Indubitavelmente, esta é uma séria questão a ser pensada e solucionada. Por isso, considero que *é chegada a hora de lembrar que a Educação não se reduz somente às questões político-sociais* (in)

formativas, mas se reveste de um caráter mais global, mais abrangente, justamente porque tem no homem seu agente e seu sujeito. Assim, cabe pensar este ser humano paralelamente aos problemas que este homem sofre por causa de política educacional incompetente e descomprometida com a sociedade.

Não pretendo tratar aqui da aprendizagem, das metodologias de ensino ou dos problemas enfrentados na escola decorrentes da ausência de uma política (e políticos) humanística, voltada para o homem e sociedade, mas trazer à baila os temas aprendidos nas experiências da vida, tão fundamentais à nossa formação.

Uma nova leitura da Educação, através da teoria moreniana e da aplicação do Psicodrama, enquanto instrumento pedagógico, identifica na metodologia educacional psicodramática a possibilidade de resgate de elementos humanizadores - negligenciados pela legislação, pela práxis educacional, pelos professores (educadores?) - de que carece a Educação.

A sala de aula como espaço para o resgate de valores humanos e o redimensionamento das relações humanas

A Constituição Brasileira promulgada em 05/10/88, diz em seu CAPÍTULO III, seção 1, Art. 205:

*"A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."*¹⁸²

Com base no texto da *Carta Magna* da nação, tem-se que o objetivo primeiro da educação deve centrar-se em propiciar o desenvolvimento pleno do ser humano, a fim de que ele possa realizar sua cidadania e transformar a realidade através de sua ação e capacidade produtiva. Mas, o que significa desenvolver a plenitude? Como será possível concretizar esta lei? Quais instrumentos podem e/ou devem ser adotados para que se viabilize este *projeto de homem*? Como avaliá-la em termos de resultados?

Na sociedade contemporânea, à instituição escolar coube a tarefa de promover a Educação definida pela Constituição, entretanto, como diz BRANDÃO (1985)

*"... a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante."*¹⁸³

O homem passa grande parte de sua vida sentado nos bancos escolares e convivendo, anos a fio, com pessoas diversas. Na sala de aula, passa a maior parte do tempo, ouvindo, 'aprendendo', lendo, escrevendo... Pouco pergunta, pois 'pouco sabe'... Ali, seu papel está definido: *recipiente de informações*, depósito de conhecimentos que 'alguém' julgou fundamental para sua formação. Mas, *qual formação?*

¹⁸² Constituição Brasileira, p. 137.

¹⁸³ BRANDÃO, Carlos R. *O que é educação*, p. 09

A legislação prevê um ensino regular e sistemático e prioriza, enquanto conteúdo a ser apreendido, o *conhecimento* produzido pelo homem ao longo da história da humanidade, privilegiando nesta perspectiva, o desenvolvimento e formação intelectual do educando. Não estou aqui negando o valor da aquisição de conhecimentos, mas considero que este *conhecimento contemplado pela lei, para ser incorporado, enquanto instrumento de transformação da realidade, não pode prescindir do conhecimento de si próprio e do cultivo das qualidades humanas. Assim, a busca de fundamentos humanísticos sólidos nas proposições teóricas, com vistas à prática educacional, torna-se uma exigência indiscutível e preemente, porque a priorização da aquisição dos conteúdos programáticos disciplinares não dá conta da formação plena do educando que virá a ser homem e cidadão, porque privilegia tão somente a formação intelectual, que representa apenas uma das dimensões humanas.*

" Podemos dizer que o "século das luzes" (o XVIII), acumulando heranças de séculos anteriores, celebrou a divinização da razão.(...) a super valorização da razão instituiu um clima intelectualista que, após haver de certa forma esgotado sua pujança, conduziu ao cansaço (...) passando à moda o ataque ao chamado "discurso competente", nem sempre fazendo-se a necessária distinção entre dois discursos competentes: o que, por autoritário, estanca o diálogo e esmaga o interlocutor, e aquele que só se pronuncia em situação de diálogo, enriquecendo a convivência humana. " 184

A citação acima oferece um quadro da situação a que chegamos: a concepção na qual se apoia a educação e o educador ainda se preserva - *valorização da razão e intelecto*, mas agora está mutilada, pois nem a *competência* que imputava consistência à sua existência recebe o devido valor no processo educativo. Assim, o processo ensino-aprendizagem fica à mercê de ações individuais, sem fundamento, por parte dos docentes, cuja *autoridade* se legitima no autoritarismo, que camufla a incompetência e o descompromisso (no mínimo) com a transmissão de conteúdos e com a adoção de práticas pedagógicas desvinculadas da ética e do objetivo da educação.

A investigação em curso, consequência de minha experiência como aluna e professora, pretende colocar em relêvo este tema, qual seja, *a ação docente fundamentada e dirigida para o desenvolvimento da plenitude do homem e para o exercício de sua humanidade, enquanto pessoa, e*

realizar uma reflexão acerca das possibilidades de aplicação do instrumento metodológico psicodramático através do trabalho do professor, como alternativa pedagógica para a promoção do encontro do homem consigo próprio e, conseqüentemente, para a compreensão amadurecimento das relações sociais, necessárias à formação do homem, a partir da convivência relacional cotidiana permeada pelas atividades em sala de aula.

Para proceder a esta reflexão, inevitável foi penetrar no universo do *locus* onde se realiza o processo ensino-aprendizagem: a escola e focalizar os agentes e sujeitos deste processo: o professor e alunos, respectivamente, de forma a 'olhar' esta realidade desde a ótica psicodramática, na tentativa de desvendar alguns dos entraves pedagógicos, que obstaculizam o crescimento da vida de relação do aluno, ponto de partida de seu '*vir a ser pleno*'.

A escola, na sociedade contemporânea, por excelência, é o lugar do Conhecimento e da Educação, no entanto não é o único lugar onde a educação se realiza ou o conhecimento é adquirido e, talvez, nem seja a aprendizagem mais significativa para a existência humana.

A história revela que a educação, tal qual a conhecemos contemporaneamente, foi produto do surgimento das sociedades de classe e das transformações nas relações de trabalho, as quais determinaram a reorganização da instituição familiar e refletiram-se sobre as concepções de infância e educação, demonstrando assim que o *privilegiamento do intelecto* foi consequência de transformações históricas pautadas nas mudanças de base econômica.

Resgatarei sucintamente as transformações histórico sociais, a fim de caracterizar o processo de surgimento da escola vigente na realidade atual.

A *educação na Idade Média* confundia-se com o processo de aprendizagem, pois a principal atividade humana do regime feudal era a *aprendizagem de um 'ofício'*¹⁸⁵, durante o qual a criança aprendia o adequado desempenho das atividades domésticas e os rituais de convivência na sociedade, realizando desta forma a concepção de homem que se queria formar naquela época. A

¹⁸⁵ Na *Idade Média*, a criança entre sete e nove anos era enviada para viver com outra família, com a qual possuía ou não parentesco. a fim de aprender o 'ofício' que seria desenvolvido no futuro. A educação se realizava através da transmissão direta, de uma geração a outra, dos conhecimentos acumulados e reconhecidos como fundamentais à formação da época. Não havia neste tipo de *preparação*, espaço para a escola regular, que existia apenas a serviço do clero.

coletividade destacava-se como forma de organização social e, portanto, a educação tinha como pressuposto a aquisição das regras de convivência da vida de relação.

Somente a partir do século XV, quando profundas transformações, decorrentes da emergência da moral burguesa¹⁸⁶, afetaram a instituição familiar é que se delineou a necessidade de promover a ampliação da frequência escolar às crianças que não teriam formação religiosa, até então as privilegiadas pelo ensino sistemático. Este século pode por isto ser considerado o *marco inicial da educação regular*, pois foi aí que a educação passou a ser cada vez mais oferecida pela escola, em detrimento da aprendizagem no âmbito da família.

*"A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social da passagem do estado da infância ao do adulto."*¹⁸⁷

O novo modelo educacional reflete uma nova ordem moral por parte dos educadores, que defendem a retirada da criança do mundo 'sujo dos adultos para não serem tentados'. Para a família, por sua vez, representou uma forma de manter os filhos mais próximos e controlar melhor seu desenvolvimento e conduta. Paulatinamente, os sentimentos de laços afetivos intrafamiliar fortaleciam-se, transformando as relações entre pais, filhos e irmãos para próximo da instituição familiar que hoje conhecemos.

O início do século XVII vê instalar-se uma rede escolar ampla, a fim de promover, dentro da nova concepção uma educação teórica e também de estender a escolarização a um maior número de crianças, sem que para isso fosse necessário afastá-las da família. Este período é marcado pela importância da relação de amizade sobre a familiar e, pela justaposição de formas de educação que refletiam as necessidades da sociedade medieval ou da sociedade moderna que emergia. Contudo, as transformações no âmbito familiar provocada pela instituição da aprendizagem escolar, garantiu a vitória da escola sobre a aprendizagem prática, apesar da existência de movimentos hostis à escola.

¹⁸⁶ A organização da sociedade em classes fez emergir, no seio do Feudalismo, a *burguesia*, que detinha novos meios de produção e, por isso, acumulava riquezas, as quais necessitavam da instituição do casamento monogâmico - antes prerrogativa apenas das classes nobres e ricas - para proteger e garantir a conservação de seu patrimônio para os herdeiros legais, os filhos legítimos.

¹⁸⁷ ARIÉS, P. *História Social da criança e da família*, p. 231.

*"... a escola venceu, através da ampliação dos efetivos, do aumento do número de unidades escolares e de sua autoridade moral. Nossa civilização moderna, de base escolar, foi então, definitivamente estabelecida. O tempo a consolidaria, prolongando e estendendo a escolaridade."*¹⁸⁸

O decorrer do século XVII convive com mudanças radicais das relações sociais e familiares e observa progressos ao nível dos sentimentos da família paralelamente aos progressos na privacidade doméstica, que pouco a pouco, distancia-se do mundo exterior, da coletividade, entrincheirando-se na intimidade cotidiana familiar. A sociedade familiar, em fim do século XVII, unida por vínculos sentimentais já apresenta características de *nuclearidade*.

Os costumes modificaram-se e as boas maneiras de saber relacionar-se em público foram substituídas pela polidez e discrição quanto à intimidade do lar. A nova concepção do viver, refletiu-se na definição de *novos papéis sociais*: à mãe coube os afazeres domésticos, como cuidar dos filhos, do marido e da casa; o pai tinha como dever controlar a mulher, bem como educar os filhos e bem governar seus criados e, por último, às *crianças* reservou-se o direito de serem cuidadas pelos pais e educadas pela escola.

*" A família moderna, ao contrário, separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva. (...) A partir do século XVIII, e até nossos dias, o sentimento da família modificou-se muito pouco.(...) A vida familiar estendeu-se a quase toda a sociedade, a tal ponto que as pessoas se esqueceram sua origem aristocrática e burguesa."*¹⁸⁹

No século XVIII, o Iluminismo rompe de vez com os ranços da Idade Média opondo a razão humana e a ciência ao obscurantismo religioso deste período. Em apenas 300 anos, a história registra as intensas e profundas transformações por que passaram as *relações humanas*, desvelando um processo dialético em que os valores humanos passam da referência coletiva e massificada, que não permite a identificação com o individual, para o enclausuramento da instituição familiar, na qual o sentido e o sentimento de coletividade é excluído. A família contemporânea organiza-se nuclearmente, não mais

¹⁸⁸ IDEM, p. 233.

¹⁸⁹ IDEM, p. 271.

apenas em torno dos bens materiais, mas dos bens espirituais, psicológicos, existenciais, negando ao mundo coletivo a participação na vida privada.

Segundo a Constituição, *a educação é dever da família e do estado*, ou seja, à família também cabe a responsabilidade da formação de seus filhos, entretanto a história denuncia que à escola coube a função social de promoção da Educação. Assim foi que esta instituição acumulou à função de ensino teórico, a tarefa (quase que exclusiva na nossa sociedade) de formar o homem consciente de si, da realidade e preparado para sua incorporação ao contexto sócio cultural e para a vida de relações.

Desde a gestação, o ser humano estabelece um *vínculo de relação e dependência* com o outro. Seja através do cordão umbilical, com a mãe, através do nascimento, com a família ou através da escola, com o social e o profissional. É pois, fundamental assumir essa *convivência inter-relacional*, uma vez que nossas vidas são permeadas por ela. A escola como um espaço, predominantemente, de interação social e como responsável pelo projeto de educação idealizados pelos sistemas sociais, através da ação do professor, assume para si a função de realizar a concepção de homem que se quer formar.

Segundo ROCHER (1971), *socialização é "... o processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana aprende e interioriza os elementos sócio-culturais do seu meio integrando-os na estrutura de sua personalidade sob a influência de experiências de agentes sociais significativos, e adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver.*"¹⁹⁰.

A definição acima comporta três aspectos básicos:

a) a socialização como forma de aquisição da cultura do grupo no qual se está inserido e orientação das ações do indivíduo - processo de aprendizagem, de normas e valores - desde o nascimento até a vida adulta;

b) a socialização como processo de interiorização dos elementos da sociedade e cultura à personalidade individual, que assume como obrigação moral e regra de consciência o modo de pensar, agir e sentir de seu grupo social e

c) a socialização como processo de adaptação, no qual a pessoa compartilha seu universo individual com o outro e realiza o sentido de pertencer ao grupo.

¹⁹⁰ ROCHER, Guy. *Sociologia Geral*. Vol II, p.12.

Nesta perspectiva, o processo de escolarização, com base no objetivo de formação do homem pleno, produtivo e adaptado ao meio social, não pode ocorrer sem o processo de socialização, pois este é condição *sine qua non* para o desenvolvimento humano e humanístico do sujeito da educação.

Segundo a concepção moreniana, *a escola deve se caracterizar como um espaço cujo objetivo primeiro seja o de aprendizagem de liberação da energia espontâneo criadora*, isto é, o espaço que garanta a "**... a realização dos estados de espontaneidade (...) o momento de amor, de invenção, de imaginação, de adoração, de criação.**"¹⁹¹ O Psicodrama como método educacional, baseado nesta concepção, prioriza o universo individual (história de vida e realidade de cada um) e o crescimento e maturidade conseqüentes às relações humanas (socialização), proporcionando uma aprendizagem que determina transformações no âmbito pessoal ao nível do equilíbrio íntimo, bem estar e segurança emocional e dá base à convivência. *O princípio básico da concepção moreniana de homem é o homem integrado em suas múltiplas dimensões, equilibrado em seu self e em relação.*

Como vimos no capítulo 2, para o Pai do Psicodrama, o homem é um '*Deus em potencial*', ou seja, possui *capacidade criadora*, a qual se manifesta quando a pessoa sente-se livre (equilibrada em seu *self*) para reagir segundo suas próprias necessidades (*espontaneidade*) às situações emergentes na vida, respondendo a estas de forma a preservar sua harmonia. MORENO quer nos alertar para as situações psicológicas e emocionais que subjazem ao social, através das redes de comunicação e interação humana, as quais se constituem um dos principais fatores geradores de conflitos (desequilibradoras) e dificuldades enfrentadas pelo ser humano ao longo da vida: pelo professor no ato de educar e pelo aluno no de aprender, quando não são privilegiadas como ponto de partida do processo educacional relacional.

Assim, a *relação professor-aluno* pode ser considerada o ponto de partida da educação, enquanto processo formador do homem e do humano e que faz da inteligência e da aquisição de conhecimentos um instrumento do bem querer e do bem viver. Urgente se faz, portanto, pensar uma Educação mais humana e humanizante, através da qual os sujeitos envolvidos se realizem na interação

¹⁹¹ MORENO, JL. *Psicodrama*, p. 193 - 194.

com o outro - no *encontro* - imprimindo sentido à existência e motivando o processo de aquisição de conhecimentos que dão base à formação crítica e transformadora da realidade. E, aqui chegamos à importância da atuação docente no que concerne à concretização e efetivação do objetivo primeiro da educação: formar o homem pleno, equilibrado (selficamente) e preparado para a vida social.

O desafio da prática docente envolve desde a possibilidade de o professor promover a aquisição de conhecimentos de maneira eficiente, até a formação do aluno, enquanto indivíduo inserido socialmente. Não há uma prática pedagógica sem uma teoria sob a qual se assente, embora a teoria possa não estar explicitada na consciência do educador: qualquer que seja o conteúdo transmitido em aula, este vem eivado e permeado por *um jeito próprio de ler o mundo e a realidade da qual faz parte o professor*. Essa leitura 'pessoal' pode ser entendida como o *fundamento ético* de sua ação educativa, na medida em que comporta princípios que orientam sua atuação como professor na sala de aula.

Assim, pressupõem-se que o professor adote uma série de condutas para o desempenho de seu papel, em função de suas experiências pessoais e das exigências do meio, subjacentes às quais estão presentes os princípios norteadores de seus juízos, escolhas e responsabilidades quando defrontado com questões de ordem práticas, que exigem uma ação direta sobre a situação educacional. Problemas como *falta de interesse do educando, indisciplina, dificuldade de aprendizagem, constituição de grupos fechados distintos entre si ('panelinhas') e, muitas vezes, incomunicáveis*, são alguns dos emergentes na sala de aula e são também os fatores negligenciados pelo professor, pois a prioridade é o conteúdo programático.

A educação sistemática e regular está centrada na crença de que *'aluno formado é aluno que sabe'*, preterindo com esta concepção os *elementos subjetivos e intersubjetivos* que conformam a base do aprender.

O docente, em geral, sente-se instrumentalizado através de sua graduação e cursos que tratam de didáticas e metodologias de ensino ou de treinamentos que o auxiliem a tratar do conteúdo disciplinar, contudo as (supostas) 'capacitações', tanto quanto sua ação na sala de aula, negligenciam questões de caráter relacionais, no sentido de subsidiar sua ação também no âmbito do não aparente: o que está presente, mas não explícito. Ou seja, o professor investido da *autoridade do saber*, considera-se

capacitado quanto a conteúdo, métodos e formas de ensino e, se o aluno não aprende, é porque ele possui limites sobre os quais o professor nada pode fazer. Raras são as discussões que remetem à compreensão dos papéis desempenhados na relação professor - aluno e consequência desta interação no processo ensino - aprendizagem.

" Percebe-se, por exemplo, que costuma haver correspondência entre transtornos pessoais e transtornos de aprendizagem. As sessões psicodramáticas têm a função de romper os estereótipos de conduta ("conservas culturais"), abrindo a possibilidade de uma nova aprendizagem, baseada no binômio espontaneidade/criatividade."¹⁹²

A dicotomização na *relação professor-aluno/ensino-aprendizagem* é uma realidade, que reveste-se de uma aparente correlação, através do 'conteúdo' que permeia a vida na sala de aula. De fato, não há um processo interacional social entre o agente e sujeito da educação, mas uma convivência transpassada e alinhavada pelo *saber*: é comum alunos não saberem nomes de professores e vice-versa. Não existe um processo de trocas pessoais e experiências que, gradativamente, promovam a construção dos vínculos afetivos, do compromisso com objetivos comuns e do compartilhar. Assim, a educação, enquanto formação do homem pleno, revela-se estéril.

Esta situação não favorece a integração social do grupo constituído pelas pessoas que compõe uma classe e não desperta no aluno o '*querer aprender* como um compromisso' consigo próprio, com o grupo e, principalmente, com sua existência relacional fora da escola. A escola deveria formar, em conformidade com a família e a sociedade, as regras de convivência social, os comportamentos éticos morais, base da relação saudável, a auto consciência e a liberdade para as escolhas.

Nas relações humanas cotidianas surgem questões que requerem decisões baseadas em *princípios que regem a vida social*. São os problemas práticos que se apresentam nas relações reais entre indivíduos e cuja solução não concerne apenas à pessoa que os propõe, mas diz respeito também a terceiros (indivíduo, grupo ou sociedade), porque estes sofrerão as consequências desta decisão e ação. Nestes casos,

¹⁹² KAUFMAN, Artur. Role Paying. in: MONTEIRO, R.F. *Técnicas fundamentais do Psicodrama*. p.193.

"... os indivíduos defrontam-se com a necessidade de pautar o seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de serem cumpridas (...) de acordo com elas os indivíduos compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira (...)" ¹⁹³

Esses comportamentos são julgados socialmente como sendo 'corretos ou incorretos', adequados ou inadequados para os indivíduos envolvidos. Neste caso, temos formas de comportamentos ou atos face a determinados problemas chamados *morais* e temos *juízos* que aprovam ou desaprovam moralmente estes atos. Este tipo específico de *ato humano* se constitui o objeto de estudo da *ética*: *os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em geral*. A *ética* investiga e teoriza acerca destes fatos humanos, porisso implica que sejam fatos de *valor*.

Assim, quando, no dia a dia, nos deparamos com problemas de ordem prática, para resolvê-los recorreremos a *normas* e para decidir pela realização de determinados atos, formulamos *juízos* que servem como argumentos para justificar a decisão tomada. Este comportamento, baseado em juízos e normas sociais, é chamado de *comportamento prático moral* e cuja consequência deve ser positiva para os envolvidos.

A formação do grupo, enquanto organismo, só se dá com a vivência do processo de identificação e aproximação entre seus integrantes, estabelecendo, a partir da convivência e do compartilhar situações comuns, as normas e códigos internos que nortearão as condutas e comportamentos intra-grupo, de forma a tornar acessível a todos as características, limites e possibilidades particulares a cada componente.

" O grupo como estrutura relacional constitui uma referência para os membros que o compõem, uma referência concretizada por uma certa situação no espaço que dá estabilidade ao conjunto. Ele deve ser considerado como um sistema de referência de natureza afetiva, aquela que traz a cada um a necessária segurança. Então, por sentir-se em segurança, a criança pode deslocar-se para ficar com outras, para fazer novas experiências... sem ser perturbada de alguma forma." ¹⁹⁴

A vivência no grupo possibilita o resgate e a reestruturação do *sentido ético e da moral vigente na sociedade*, na medida em que promove a reflexão acerca dos atos humanos assumidos

¹⁹³ VAZQUEZ, A.S. *Ética*, p.06.

¹⁹⁴ VAYER, P. & RONCIN, C. *A criança e o grupo*, p. 121.

cotidianamente e a transformação das compreensões internas pessoais, as quais se extravasarão para a convivência no mundo social real.

O professor, de posse da teoria e metodologia psicodramática, pode 'funcionar' como um regente de orquestra, conhecendo todos os instrumentos (alunos), identificando suas peculiaridades (características pessoais), localizando os desafinados (problemas emergentes na sala de aula) e sintonizando-os de forma a reger uma bela melodia. No contexto psicodramático, o aluno pode encontrar as condições necessárias para a representação e o desenvolvimento de papéis (sejam eles reais ou imaginários) e contar com o apoio e compromisso do professor, no sentido de garantir o respeito aos seus limites.

A atuação e ação do professor como coordenador e promotor das interações no grupo, favorecerá o desenvolvimento do sentimento de confiança e segurança entre os participantes, os quais possibilitarão ao aluno a organização de suas experiências, conceitos e valores num todo significativo, através da atualização de suas vivências e da recombinação dos elementos que constituem o repertório de respostas do educando, preparando-o, assim, para o enfrentamento de novas situações.

Para MORENO,

" Toda escola primária, secundária e superior deve possuir um palco de psicodrama como laboratório de orientação que trace diretrizes para os seus problemas cotidianos. Muitos problemas que não podem ser resolvidos na sala de aula podem ser apresentados e ajustados ante o forum psicodramático, especialmente concebido para essas tarefas. "

O estabelecimento de um espaço vivencial (palco dramático = cenário) dentro da sala de aula representaria o privilegiamento do humano, paralelamente ao conteúdo teórico, de forma a suscitar o problema da *responsabilidade*, essência do ato moral e ponto de partida para a livre realização da opção de comportamento, entre alternativas várias

" A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam

acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal." 195

A moral possui uma *qualidade social* porque somente se realiza na sociedade, ou seja, na interação entre os indivíduos, sendo que seu caráter social se manifesta através de:

- 1) certos princípios, normas ou valores sociais, aos quais o indivíduo está sujeito e que não podem ser inventados e nem modificados segundo as necessidades pessoais;
- 2) atos, cujas qualificações morais se referem necessariamente a outras pessoas, isto é, o comportamento moral possui, intrinsecamente, um caráter coletivo, que é deliberado, livre e consciente e que regula os comportamentos individuais, porque os resultados deste afetam outros indivíduos, grupo ou sociedade;
- 3) da função social da moral, que consiste na regulamentação das relações entre os homens para contribuir no sentido de garantir uma determinada ordem social.

Com base nesta *qualidade social*, a moral induz, livre e conscientemente, a determinados princípios, valores ou interesses, fazendo com que o homem harmonize voluntariamente seus interesses pessoais com interesses coletivos.

Nesta perspectiva, a abordagem teórico - metodológica psicodramática das relações humanas objetiva promover, através da ação dramática, o encontro e emergência da capacidade espontâneo-criativa do homem, a fim de harmonizar seu self aos selves coletivos. Desta forma, subjacente ao objetivo do Psicodrama, é possível identificar um processo de resgate, reflexão e reorganização interna pessoal do sentido ético existencial e, portanto, do comportamento moral.

No projeto educacional psicodramático o professor tem relevante importância, pois atua como '*complementar*' do aluno, isto é, fornece pistas constantes sobre o comportamento do educando, estimulando-o frente às necessidades e obstáculos, auxiliando-o na solução de problemas e integrando-o no contexto social (grupo) da sala de aula, sem discriminações ou julgamentos. Na medida em que cada indivíduo é valorizado pelas suas potencialidades pessoais, respeitado pelas suas possibilidades e limites, a ação sincroniza-se com a ação grupal através do *encontro*.

195 IDEM, p. 69.

O professor ao desempenhar seu papel deve "... *coordenar e garantir o arranjo das condições facilitadoras da aprendizagem...*"¹⁹⁶, especialmente no que concerne a orientação para a formação de um grupo coeso na sala de aula, com normas de convivência internas claras e que correspondam às exigências da maioria, determinando, desta forma, compromissos comuns quanto ao papel desempenhado por eles entre eles e quanto à aprendizagem.

A organização grupal implica num processo dinâmico de interpenetração das condições existenciais e ambientais de todos os indivíduos envolvidos - conscientização a partir da intersubjetividade. Por isso é fundamental a coordenação, pelo professor, desse movimento de encontro, uma vez que o ajuste social ocorrerá através de sua ação direta, conferindo ou não à interação condições de ocorrência do fenômeno télico e garantindo o encontro e a emergência da capacidade espontâneo - criadora.

As condições favoráveis (ou não) para o processo ensino-aprendizagem também são determinadas por outro processo dinâmico, que se inicia com a incorporação de um *novo papel*, o de *aluno*, pelo educando, seja ele criança, jovem ou adulto. É a partir do modo como este processo se instala, que o indivíduo será despertado em seu desejo de aprender e disponibilidade para ser seduzido pelo saber: compreender, conhecer, conscientizar-se e desvelar o mundo, significa apropriar-se de seu sentido mais profundo e encontrar em si as referências pessoais num movimento de construção da própria subjetividade. Mas, como tornar prazeroso o desempenho do *papel de educando*, desenvolvendo neste a predisposição para a assunção da tarefa de buscar o sentido da realidade, se ignoram suas experiências pessoais e condições existenciais, dando prioridade ao conteúdo programático? Se lhe exigem quietude e passividade, além da digestão silenciosa das informações que decidiram que é necessária ao seu crescimento? Se o aluno, ser humano existente, não for levado em conta, então de nada adiantará o esforço por atingi-lo...

Na abordagem psicodramática, o desempenho do papel de aluno (assim como de qualquer outro) pressupõe a capacidade do educando responder adequadamente à novas situações. Parte-se do concepção que o estudante é um indivíduo em permanente equilíbrio, ou seja, o estudante é só estudante:

¹⁹⁶ Z. de MR. 'Educação para a Espontaneidade, uma perspectiva na formação de professores'. p. 82.

não é filho, não tem problemas no seu dia a dia, não possui um corpo que pode não estar bem, etc. Então, em equilíbrio, pressupõem-se que esteja em condições de realizar escolhas acertadas (respostas adequadas às situações emergentes ou manifestação de sua *espontaneidade criadora*). A premissa de que o sujeito da ação educativa - no processo de incorporação de um novo papel - deva responder às freqüentes solicitações e transformações do meio, é no mínimo ingênua, pois qualquer indivíduo em *situação desconhecida, nova ou problemática, desequilibra-se até reconhecer a nova situação e inteirar-se de seu significado*. Assim, *esperar que o aluno seja uma 'entidade estável e estática' e que processe a aprendizagem sem desestruturar-se, significa reduzi-lo à condição de objeto, esquecendo-se que seu crescimento se dá a partir de transformações: desestruturações e reorganizações*.

As condições descritas interferem na interação télica (percepção do outro e da situação) e dificulta o afloramento dos *estados espontâneos*, inviabilizando o *encontro* e a *organização do contexto grupal*. Na circunstância desequilibradora, a situação é de obstáculos a serem vencidos, logo de instabilidades - reorganização interna das novas vivências - a qual necessita reequilibrar-se, a fim de possibilitar ao aluno o mergulho na aprendizagem e no conhecimento. É neste contexto que a abordagem psicodramática, proposta por MORENO, justifica sua importância...

A partir da reflexão sobre a realidade educacional da escola, seus fins e objetivos e sobre a relação professor-aluno/ensino-aprendizagem na sala de aula, segundo a perspectiva psicodramática, passo agora a *caracterizar uma alternativa de atuação do professor como coordenador de uma classe e cuja ação fundamentada tenha como objetivo a formação do grupo, o desenvolvimento da subjetividade do aluno (plenitude) e o encontro das intersubjetividades (vida de relação)*.

Do pré-escolar à pós-graduação, o início de qualquer curso, em geral, constitui-se da apresentação do professor e da comunicação do conteúdo programático, metodologia adotada e forma de avaliação. Já neste primeiro contato, a *realidade grupal* (indivíduos reunidos em torno de um objeto e objetivo comuns) não recebe a devida atenção, não havendo objetivos que dirijam-se para o estabelecimento de um espaço, no qual esta realidade se torne, efetivamente, uma referência na formação do grupo.

As pedagogias progressistas propõem uma ação docente mais democrática e humanista, mas ainda limita a participação dos alunos à discussão acerca do conteúdo da disciplina e plano de trabalho, incluindo (ou não) forma de avaliação ou restringe-se a abordagens superficiais, como por exemplo, adotar uma organização física das carteiras em sala de aula distinta da definida pelo ensino tradicional (por exemplo, distribuir as carteiras em círculos), julgando com isto estar trabalhando numa abordagem interacional. Uma outra possibilidade é a adoção de metodologias e técnicas didáticas mais liberais, tais como, a divisão em grupos de trabalhos, a promoção de 'Seminários', etc. Entretanto, em qualquer uma das formas adotadas, o *elemento grupal* - que hoje pode ser considerado um recurso didático consagrado - enquanto referência significativa é negligenciado.

A falta de conhecimento - *ignorância* - poderia justificar a ausência de compromisso do docente com relação à vida relacional do grupo constituído pelos alunos na sala de aula, mas não se justifica, pois, segundo VAZQUEZ,

" A ignorância das circunstâncias, da natureza ou das consequências dos atos humanos autoriza a eximir um indivíduo de sua responsabilidade pessoal, mas essa isenção estará justificada somente quando, por sua vez, o indivíduo em questão não for responsável por sua ignorância: ou seja, quando se encontra na impossibilidade subjetiva (por razões pessoais) ou objetivas (por razões históricas) de ser consciente de seu ato pessoal. " 197

O professor é, portanto, *responsável pela sua ignorância*, pois não se encontra impedido subjetiva ou objetivamente de estar consciente de sua ação! A ele foi possível ter acesso aos bancos escolares, onde adquiriu o conhecimento e a formação necessários à ação docente, dentro da qual está embutida a concepção de formação do aluno para a vida e da valorização do humano.

NOVASKI (1986) ressalta com propriedade o sentido primeiro do processo ensino - aprendizagem, quando refere-se à importância do conhecimento que se pode ter cada vez mais acerca do ser humano.

" Aprender isso é ir se inteirando da aprendizagem mais profunda e que realmente interessa na vida: conhecer o humano, o mundo humano.(...) Poderíamos dizer então que, fundamentalmente, educar é estar com o outro. Lamentavelmente

percebe-se quão contraproducente é a escola que, por mecanismos os mais diferentes, afasta as pessoas das pessoas, isto é, está conseguindo objetivos opostos àqueles segundo os quais deveria ser erigida, trazendo para o cotidiano, fora da escola, seqüelas de difícil absorção." ¹⁹⁸

O Psicodrama de MORENO pensa a Educação exatamente nesta perspectiva, qual seja, a *valorização do humano existente no aluno*, a fim de dar base à sua vida cotidiana real fora do ambiente escolar, onde se relaciona com o outro. *Afinal, a escola está presente numa pequena parte de nossas vidas e deveria servir à preparação para a vida e não assumir-se como sendo 'a razão da vida'. A abordagem psicodramática aplicada à situação educacional oferece uma possibilidade de conciliar as necessidades existenciais reais e as exigências formativas cognitivas, através de uma praxis que traga para dentro da sala de aula o elemento humano e humanizador de cada aluno, não negando desta forma, o caráter de 'ponte' para o desenvolvimento da maturidade do educando.*

A seguir enfocarei aspectos do cotidiano do trabalho docente que podem se caracterizar como uma forma de integração entre a função da educação de humanização e formação cognoscitiva do educan

A introdução da *concepção de grupo* e do sentido da *convivência coletiva* no primeiro contato entre as pessoas que compartilharão os mesmos objetivos, dúvidas e problemas, é fundamental para o processo de interação e integração grupal, na medida em que lança luz ao objetivo de aprimoramento do humano de cada indivíduo na sala de aula. Esta ação instituiria, por si só, uma relação de *equilíbrio entre a razão e as outras dimensões do homem*, tão em desvantagem na sociedade contemporânea.

Atividades dirigidas, tais como, o desenvolvimento de jogos de fixação de nomes (identificação), a criação de um espaço para o relato pessoal quanto as expectativas gerais ou específicas (novo ambiente, período que se inicia, colegas, professor, disciplina, etc.), atividades de relaxamento de campo, etc., são recursos que possibilitam o início do processo de conhecimento e integração grupal.

do.

¹⁹⁸ NOVASKI, AC. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAIS, Regis de. *Sala de Aula, que espaço é esse?* pp.12 e 14.

1º) *Necessidade de formação e capacitação do professor quanto à leitura da realidade relacional da sala de aula e quanto à aplicação de recursos e técnicas de trabalhos e dinamização de grupo.*

Tanto quanto o aluno, o docente sofre as seqüelas de uma Educação que, embora legislada corretamente, não se realiza de fato. Quero com isso dizer que o professor não aprende a lidar com as questões da vida de relação dentro da sala de aula, que estão repletas de informações não explícitas, porque a formação para o magistério trata a questão da interação na classe numa perspectiva teórica e psicologizante¹⁹⁹, que além de não ajudar, amedronta o docente, porque este não se sente habilitado para tratar dos componentes humanos que afloram durante o processo de escolarização. O professor sem fundamento e formação para trabalhar com grupos, assume, então, o ensino vertical e conteudista. *Assim, qualquer curso que tivesse como objetivo desenvolver atividades com grupos, deveria necessariamente, prover este profissional com instrumentos para uma ação efetiva e eficiente no âmbito das relações humanas e da organização destas no processo de convivência.*

2º) *Definir como um dos objetivos da ação docente e praxis pedagógica a recepção dos alunos, a cada início de período letivo, privilegiando desta forma o processo de integração entre os indivíduos que constituem a classe.*

O primeiro contato entre as pessoas que compartilharão, por um período, os mesmos espaço, objetivos e problemas, deve introduzir a concepção de grupo e sentido da convivência coletiva. Este é o momento adequado para que o responsável pelas atividades (professor, coordenador, etc) lance luz à importância do elemento social na formação e amadurecimento do homem para a vida.

Esta ação instituiria, logo no início da interação, uma relação de equilíbrio entre a razão e as outras dimensões humanas (corpórea, emocional, afetiva, etc) base da vida de relação

3º) *Conscientizar-se da importância de estabelecer um equilíbrio dinâmico entre o conteúdo programático disciplinar e os emergentes relacionais da sala de aula, no cotidiano escolar*

¹⁹⁹ Com o termo psicologizante quero ressaltar que localiza-se nas ciências psicológicas o estudo e desenvolvimento de técnicas de abordagens educacionais de trabalhos com grupos.

Durante o período letivo, inúmeras situações decorrentes das relações humanas presentificam-se no cotidiano da sala de aula. Em geral, a tendência é 'deixá-las de lado', para não atropelar o objetivo primeiro que é concluir o programa de curso. Assim, estas questões são fartamente negligenciadas e, no âmbito do não explícito, vão corroendo as relações, as redes de comunicação, acabando, conseqüentemente, por afetar o processo de aprendizagem, principalmente dos alunos menos preparados para o enfrentamento das dificuldades interacionais.

Uma situação muito comum é, por exemplo, a divisão e o cumprimento de tarefas quando da realização de trabalhos em 'grupos': há os alunos que fazem, os que sabem, os que não sabem, os desinteressados, os 'folgados', os 'espertos' que acreditam que enrolam o colega, o tímido, o inseguro, etc... Como esperar que estas características tão particulares a cada pessoa possa não ser levada em conta? Como pode ser deixado de lado a base relacional para o desenvolvimento de um trabalho de equipe, independentemente do resultado ser brilhante ou medíocre? Como esquecer que estes alunos são *pessoas* que precisam de uma linha de orientação de conduta, sem que isso implique em medidas paternalista ou autoritária, mas apenas no estabelecimento orientado de regras de conviência e de compartilhar ?

Assim, considero que o docente precisa estar habilitado para suprir estas necessidades básicas do *educando pessoa* e do *educando aprendiz*, a fim de que ele possa sintonizar seus papéis de tal forma que sinta-se equilibrado e apto para realizar bem suas tarefas.

4º) *Garantir que os alunos possuam um espaço de interação individual com o professor, descaracterizando a situação de 'pedestal' em que o docente se encontra e cultiva*

O dia - a - dia do professor se caracteriza por *entrar em sala, dar aula e sair de sala.*

Defendo a idéia de que *o professor deve estar lado a lado com o aluno*, assumindo-se como integrante do grupo que compõe a classe, sem que com isso perca sua identidade como mestre e coordenador do processo ensino-aprendizagem. O professor deve assumir, como um de seus objetivos educacionais, propiciar vias de acesso de seus alunos até si, de forma a tornar possível o desenvolvimento de uma leitura da vida de relação na sala de aula mais compatível com a realidade e fundamentada

também no conhecimento de cada integrante do grupo, evitando desta forma, leituras parciais e enfiadas em função de aparências .

Será, portanto, a partir desta interação que o professor sentirá maior segurança para criar espaços dirigidos ao tratamento das questões de caráter relacional.

5º) *Promover e garantir a aproximação entre os alunos, favorecendo a interação, a conformação e integração grupal.*

Próximo do aluno, ficará mais fácil ao professor estabelecer as redes de comunicação entre a classe como um todo. À medida que os conteúdos relacionais vão sendo abordados, os problemas e dificuldades subjacentes à convivência vão sendo gradativamente dissipados e os que surgem vão sendo mais facilmente resolvidos, tendo em vistas as regras de condutas, valores pessoais, conhecimento dos limites e sentimentos do outro e respeito mútuo que, nesta fase, já fazem parte do processo. O professor deve, portanto, através da metodologia e técnicas psicodramáticas, abordar o conteúdo do grupo como *temas de aprendizagem para a vida*, a fim de oferecer aos alunos a autodescoberta e elementos humanos para que cada um defina seus próprios modelos.

Estes temas abrangem valores como *responsabilidade, solidariedade, compromisso com o coletivo, cooperação, etc e sentimentos como ansiedade, insegurança, medo* ou outros, que por suas características negativas alteram o comportamento relacional, na medida em que bloqueia a fluência vivencial. Situações como processo de avaliação ('provas') geram extrema ansiedade e insegurança para o educando, provocando pressões emocionais que podem prejudicar a capacidade de concentração, memória ou análise dos problemas. Desta maneira, desenvolver atividades grupais nos períodos que antecedem as avaliações, significa criar condições favoráveis para o desempenho do aluno.

O processo ensino-aprendizagem é influenciado por inúmeros fatores: a história pessoal de vida de cada um, oportunidades experienciais variadas, família, contexto sócio-cultural, escolas onde realizou os estudos, hábitos de leitura e, principalmente (eu diria), os modelos aprendidos com os docentes e alguns 'mestres' leigos que encontramos na vida. O cotidiano humano está repleto de

possibilidades e depende de nossas escolhas frente a cada uma delas, a construção da postura pessoal diante da vida e dos problemas do viver. Porisso, o educador deve cuidar para não *"ser convencido de que um instrumento educacional - qualquer que seja ele - seja suficiente para formar o homem pleno"*, pois o homem, como vimos, é agente e sujeito histórico, é construído e é determinado pela sua condição biológica e pelo seu tempo. Enfim, cada universo humano é particular e é com esta clareza que o educando deve ser considerado, para não se incorrer em reducionismos ou 'verdades' limitadoras.

Ideal seria que a abordagem do humano, vida de relação e valores, fossem cultivados desde a tenra infância, na escola e na família, como orienta a Constituição. Contudo, a realidade nestas duas esferas da vida têm se revelado ineficiente para cumprir seu papel social e é, exatamente porisso, que recursos como o Psicodrama ganham importância e validade, legitimando-se através de seus resultados.

Considero fundamental salientar que a compreensão de que o Psicodrama, aplicado à situação educacional formativa ou informativa, esgota o tratamento das necessidades do aluno para a vida de relação cotidiana e que, com esta abordagem será possível atingir a todos as pessoas que compõem o grupo e todos os emergentes (temas), seria o mesmo que confrontar-se com a proposta psicodramática, que é o desenquadramento (ruptura do pré estabelecido e o reconhecimento do potencial latente no universo individual (espontaneidade criadora). Cabe ainda destacar que, porisso, há pessoas para quem o Psicodrama 'abre portas' e pessoas que não se identificam com este tipo de abordagem, sendo, portanto, fundamental ter esta clareza, a fim de não impor autoritariamente à esses suas convicções.

Conclusão

Acompanhar *Jacob Levy Moreno* em sua vida significou realizar uma viagem insólita e cheias de surpresas. No começo do percurso, acreditava que o conhecia bem... Descobri, paulatinamente, que possuía informações (assim como os autores psicodramatistas que conheci através de meus estudos) por meus estudos) bem pontuadas, *todas fornecidas pelo próprio Moreno* e fechadas em si mesmas ... No meio deste trajeto, perdi Moreno, desencontrei-me dele. Assustou-me a grandeza (ou pequenez...) daquilo que enxergava, sem querer ver: ele se me apareceu como um *grande impostor*, que - habilmente - enganou a todos. Pensei ter escolhido o caminho errado...

Sozinha com meus questionamentos e referências (também solitários...), pensei estar enganada. Mas, o que inicialmente eram intuições dúbidas e sentimentos controversos, transformavam-se em certezas. Não tinha mais como voltar às costas ao que eu, de fato, enxergava: *Moreno planejava, num determinado momento de sua vida, tornar-se um líder...* E, ele conseguiu! Senão ser um líder espiritual, criou algo verdadeiro e bom para a humanidade, porque hoje se constitui um legado científico - o *Psicodrama* - que se aprimora cada vez mais com seus discípulos.

Descobri que ele sabia o que dizia, quando *orientava no sentido de lançar luz à sua biografia como ponto de partida para a compreensão de sua obra*. Moreno sabia que um dia seria 'desmascarado', mas também sabia que ao cair a máscara, também seria desvelada a profundidade do conhecimento e recurso que criou. Ele foi um gênio!

Foi um gênio, que contrariamente ao que se considera, *soube articular seus ideais às suas idéias*. Sem muita fundamentação - até porque no começo do século a produção e o acesso ao conhecimento científico eram limitados - Moreno conseguiu tratar de questões que são extremamente atuais porque refletem a realidade do homem contemporâneo. Alertou-nos para a, hoje, chamada *crise do século, sem conhecimentos teóricos profundos, mas com propriedade*.

Foi porisso, que eu o *reencontrei* e o respeito mais agora, porque pude conhecê-lo como ser humano, *homem comum...*

Neste reencontro, descobri que o *Psicodrama* só existe porque Moreno era descendente de judeus e foi filho de Paulina Iancu. O elo existente entre o *Psicodrama* e Moreno - homem está presente em cada etapa de sua vida. E, não há como separá-los, pois o fundamento do *Psicodrama* constituiu-se a busca existencial de Moreno, com suas derrotas e vitórias...

Como vida e obra estão entrelaçados, o *Psicodrama* trata dos problemas existenciais dos homens, tanto quanto Moreno buscou para tratar de seus problemas...Assim, o *Psicodrama* não é só método ou só técnicas, mas é *concepção humanística de viver*, que atende às necessidades existenciais contemporâneas.

Poderíamos dizer que Moreno, através do *Psicodrama*, procurou resgatar o sentido teórico - ético existencial, a partir do redimensionamento das relações humanas no aqui e agora *psicodramático*, o qual pretendia que contaminasse, naturalmente, a realidade cotidiana, porque era isso que queria para si. Intuindo a *crise do século XX*, a partir da perseguição contra os judeus, Moreno criou um instrumento de ação para a humanização das pessoas, através do resgate de valores humanos e de estimulação dos comportamentos morais, que possuíssem efetivamente qualidades sociais. Com o *Psicodrama* pretendia atingir o homem no sentido de auxiliá-lo a desenvolver consciência e responsabilidade, enquanto agente de suas relações e possibilitar, via a ação dramática, a liberação de sentimentos e emoções, a fim de sensibilizá-lo para o redimensionamento dos papéis sociais desempenhados, com vistas às interações humanas cotidianas e a preservação da liberdade.

O processo que toma lugar e leva o homem ao encontro de sua essência, de acordo com o autor, implica necessariamente no despojamento das aquisições impostas pela realidade dentro da qual vivemos, isto é, no esforço por abandonar ou não se submeter passivamente às criações bem sucedidas e incorporadas permanentemente na cultura - *as conservas culturais*. Como condição, Moreno propõe o rompimento com *as conservas culturais*, apesar de representarem a identidade histórica e assegurarem a continuidade da herança cultural, pois o autor acreditava que

"... quanto mais se desenvolveram as conservas culturais, quanto mais amplamente se distribuíram, quanto maior se tornou a sua influência e quanto maior atenção se

dedicou ao seu acabamento, mais raramente as pessoas sentiam a necessidade da inspiração momentânea." ²⁰⁰

Nesta perspectiva, a abordagem teórico - metodológica psicodramática das relações humanas objetiva promover o encontro e a emergência da capacidade espontâneo-criadora do homem, a fim de harmonizar seu self aos selves coletivos. Desta forma, subjacente ao objetivo do Psicodrama, é possível identificar um processo de resgate, reflexão e reorganização interna pessoal do sentido ético existencial e, portanto, do comportamento moral.

A população mundial cresce: as fontes de energia do planeta se esvaem com o consumo descontrolado; esgotam-se pouco a pouco os solos, situação que refletirá num futuro próximo na produção de alimentos; a ciência, a tecnologia e a automação da produção desenvolvem-se a passos largos, relegando o homem e sua força de trabalho a segundo plano... E, nesta esteira de transformações radicais, o homem que habita o planeta na família, no trabalho e na sociedade, está sendo expropriado de sua identidade humana e de suas referências ético - morais, o que o faz isolar-se, amedrontado.

O Psicodrama, enquanto *teoria* traz em seu bojo uma concepção ético existencial de valorização das dimensões humanas, da conscientização do sentido de ser humano e do cultivo da liberdade para o exercício cotidiano das escolhas responsáveis (*integração do self*). E, enquanto *método*, propicia a redescoberta do prazer da vida de relação, essência da nossa humanidade e base de nossa humanização, criando um espaço formal (na sala de terapia ou sala de aula) e informal (na vida cotidiana) de redimensionamento da relação que é estabelecida com o social (eu-outro-comunidade-sociedade) e a partir do qual o homem cresce moralmente, realizando sua função primeira: sua própria humanização (*liberação da energia espontâneo-criadora através do encontro*).

O Psicodrama desperta para a vida e, na vida, encontramos pessoas que nos fazem crescer e sentir prazer no viver, doando sentido à existência e à necessidade de libertação através da transformação de nossa vida de relação. Nas múltiplas referências pessoais, no universo individual, é nisso que consiste a riqueza de atividades como as do Psicodrama.

²⁰⁰ MORENO, J.L. *Teatro para a Espontaneidade*, p. 160.

BIBLIOGRAFIA

- . ABBAGNANO, Nicola. Bergson, vida e obra.
In: *História da Filosofia*. Vol XII (3). Lisboa, ed presença. s/d. pp. 07-41.
- . AGUIAR, Moysés (coord.) *O Psicodramaturgo - J.L. MORENO (1889-1989)* Ed. Casa do psicólogo. Revista Brasileira de Psicodrama, SP, 1990. 172p.
- . ALMEIDA, Wilson C. *Psicoterapia Aberta: o método do Psicodrama*. Ed. Ágora, SP. 1982.159p.
- . _____ **Conceitos fenomenológicos e Existenciais na teoria e na prática do Psicodrama**. SP. USP. 1980. Dissertação de Mestrado.
- . _____ **MORENO e as bases filosóficas do Psicodrama**. *Revista da Febrap*. SP. 1 (2): 04-06, 1978.
- . _____ & GONÇALVES, C.S. & WOLFF, J.R. *Lições de Psicodrama. Introdução ao Pensamento de J.L. Moreno*. Ed. Ágora. SP. 1988.110p.
- . _____ *Psicoterapia Aberta: Formas do Encontro*. Ed. Ágora. SP. 1988. 119p.
- . _____ **MORENO: encontro existencial com as psicoterapias**. Ed. Ágora. SP. 1991.76p.
- . ALPERN, Shabsi Rabino & ALPERN, Yossi Rabino. *O som do Shofar*. SP. Ed. Chabad. 1992.104p.
- . ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 13ª Ed. SP. Cortez Editores & Autores Associados, 1985. n° 1 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). 88p.
- . _____ *Conversas de quem gosta de ensinar*. 5ª Ed. SP. Cortez Editores & Autores Associados, 1985. n° 9 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). 108p.
- . ANZIEU, Didier. *Psicodrama Psicanalítico*. RJ, Ed. Campus, 1981. n° 4 (Coleção textos Contemporâneos em Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria). Tradução: Maria tereza R. Costa. 187p.
- . ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. RJ, Editora Zahar, 1981. Tradução: Dora Flaksman. 279p.
- . BEE, Helen *A criança em desenvolvimento* 3ª ed., SP, Editora Harbra, 1986. 421p.
- . BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. s/l. Ed. Ópera Mundi, 1971.

- . BERMÚDEZ, Jaime G.R. *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo. Editora Mestre - Jou, 1977. (Coleção Psicodrama, psicoterapia de Grupo e Sociometria). Tradução: Dr. José manuel D'Alessandro. 157p.
- . BOUR, Pierre. *Psicodrama e Vida*. RJ. Ed. Zahar. s/d (Coleção Psyché)
- . BUBER, Martin. *Eu e Tu*. SP. Cortez e Moraes, 1977. Tradução: Newton Aquiles Von Zubben. 170p.
- . _____ *Histórias do Rabi*. SP, Ed. Perspectiva.
- . BUSTOS, Dalmiro M. e colaboradores. *O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. SP. Summus Editorial, 1982. Vol 14. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia). tradução: Lúcia Neves. 228p.
- . _____ *O teste Sociométrico: Fundamentos, técnicas e aplicação*. SP. Ed. Brasiliense. 1979. Tradução: Antonio Marcello Campedelli. 100p.
- . COSTA, R.C. **Psicodrama: uma perspectiva metodológica para educação**. Bauru.SP. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do sagrado Coração de Jesus. 1980. Dissertação de Mestrado. 118p.
- . D'ANDRÉA, Flávio F. *Psicodrama: teorias e técnicas*. RJ. Ed. Bertrand Brasil - Difel, 1987. 105p.
- . ENRICONE, Délcia (et alli). *Valores no processo Educativo*. 2ª ed. Porto Alegre, RS, Ed. Sagra - DC Luzzatto. EDIPUCRS, 1992. 93p.
- . ETCHEVERRY, Auguste, S.J. *O conflito atual dos humanismos*. 2ª ed. Porto Livraria Tavares Martins, 1964. Vol 12 (Coleção Filosofia e Religião). Tradução: M. Pinto dos Santos. 417p.
- . FARIA, Durval L. de. **Moreno: um enfoque para a compressão da relação professor - aluno**. SP. PUC-SP. 1980. Dissertação de mestrado. 128p.
- . FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. RJ, Editora Nova Fronteira, s/d. 1499p.
- . FONSECA FILHO, J. de S. **Correlação entre a teoria psicodramática de Jacob levy Moreno e a filosofia dialógica de M. Buber**. SP. USP. Faculdade de medicina. 1972. Tese de Doutorado.
- . _____ *Psicodrama da Loucura*. SP. Ágora, 1980. 133p.
- . GENNIE & LEMOINE, Paul. *O Psicodrama*, Interlivros Editora.

- . GRIGOLI, J.A.G. **A sociometria como recurso para a composição de grupos de aprendizagem: um estudo situacional dos subgrupos na sala de aula.** São carlos. SP. UFSCar, 1979. Dissertação de Mestrado.
- . GUINSBURG, J. & FALBEL, N. *Aspectos do Hassidismo.* SP. Ed. B'nai B'rit, 1971. 99p.
- . *Caminhos do Povo Judeu.* SP. Federação Israelita do Estado de SP. Volume 1. 1981.111p.
- . *Caminhos do Povo Judeu.* SP. Federação Israelita do Estado de SP. Volume 2. 1981.175p.
- . GUSDORF, George. *Professores prá quê ? Para uma Pedagogia da Pedagogia.* SP. Martins Fontes, 1987. (Coleção Psicologia e Pedagogia) Tradução: M.F. Revisão e Texto Final: Cristina Sarteschi. 213p.
- . JOLIF, J-Y *Compreender o Homem: Introdução a uma Antropologia Filosófica.* SP. Ed. Herder-Edusp, 1970. 318p.
- . KNOPLICH, José. *O Iluminismo Judaico.* Ed. B'nai Brit.
- . KUJAWSKI, Gilberto de M. *A crise do século XV* SP, Editora Ática, Vol. 7 (Coleção Temas - Modernidade) 1988. 207p.
- . LANE, Sílvia T. M. & CODO, W. *Psicologia Social - O homem em movimento,* SP, Ed. Brasiliense. 1988. 219p.
- . LEMLE, Henrique. *O judeu e seu mundo.* SP, Editora _____, _____, _____
- . LEWINSHON, Ludwig. *O que é herança judaica,* SP, _____, _____, _____
- . LINDZEY, Gardner & HALL, Calvin S. *Teorias da Personalidade.* 18ª ed. SP, EPU, 1984. 158p.
- . LOCH, Ana M. **Influência do Psicodrama Pedagógico nos aspectos empatia e interação grupal.** Porto Alegre, RS. PUC-RS, 1982. Dissertação de Mestrado. 302p.
- . MARINEAU, René F. *Jacob levy MORENO - 1889-1974: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo.* SP, Ed. Ágora, 1992, 200p.
- . MARTÍN, Eugenio G. *J.L. MORENO: psicologia do Encontro.* SP. Livraria Duas Cidades, 1984. Tradução: Maria de Jesus A. Albuquerque. 274p.
- . MAY, Rolo. *O homem à procura de si mesmo.* 14ª edição Petrópolis,RJ, Ed. Vozes, 1971. Tradução: Áurea Brito Weissenberg. 230p.
- . MEZAN, Renato (org.) *Caminhos do Povo Judeu.* SP. Federação Israelita do Estado de SP. 1982. 349p.

- . MONTEIRO, R.F. *Jogos Dramáticos*. SP. Ed mac Grow-Hill, 1979.91p.
- . _____ *Técnicas Fundamentais do Psicodrama*. SP, Editora Brasiliense, 1993.218p.
- . MORAIS Régis de. *O que é ensinar?* . SP. EPU-EDUSP, 1975.
- . _____ *Sala de Aula: que espaço é esse ?* Campinas,SP. Ed. Papirus, 1986. 136p.
- . _____ *Estudos de Filosofia da Cultura*. SP. Editora Loyola.1992. (Coleção Filosofia) 114p.
- . MORENO, J.L. *Psicodrama*, 2ª ed. SP. Editora Cultrix, 1978. Tradução: Álvaro cabral. 492p.
- . _____ *Fundamentos do Psicodrama*. SP. Summus Editorial, 1983. Vol 20 (Coleção Novas Buscas em Psicoterpia. Tradução: Maria Silvia Mourão Neto. 251p.
- . _____ *Psicoterpia de Grupo e Psicodrama*. SP. Editora Mestre-Jou, 1974. Tradução: Dr. Antonio C.M. Cesarino Fº . 367p.
- . _____ *O Teatro da Espontaneidade*. SP. Summus Editorial, 1984. Tradução: Maria Silvia Mourão Neto. 150p.
- . _____ *JLMORENO y las palabras del padre*. Buenos Aires, Argentina. Ed. Vancu, 1976.
- . _____ *As Palavras do Pai*. Campinas.SP. Editorial Psy.1992. Tradução: Dr. José Carlos Landini.274p.
- . MORENO, Zerka T. *Psicodrama de Crianças*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1975. Tradução: Ephraim ferreira Alves. 100p.
- . NAFFAH NETO, A. *Psicodrama: descolonizando o imaginário: Um ensaio sobre J.L.MORENO*. SP. Editora Brasiliense, 1979. 272p.
- . OLIVEIRA, Z. de M.R. . **Educação da Espontaneidade, uma perspectiva na formação de professores**. SP. PUC-SP,1976. Dissertação de Mestrado. 169p.
- . REHFELD, W. *Introdução à Mistica Judaica* SP. Ed.Ícone, 1986. 104p.
- . RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*, 5ª ed.,SP, Ed. Cortes & Autores Associados,1991, vol 24 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).95p.
- . ROMAÑA, M.A. *Psicodrama Pedagógico*. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1985. 94p.
- . _____ *Construção Coletiva do Conhecimento através do Psicodrama*. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1992. 112p.
- . SCHREIER, Ary e Emília *O mestre do Bom Nome*. SP. Ed. Perspectiva, 1976.134p.

- . SCHOLEM, Gershom G. *A Cabala e seu Simbolismo*. SP. Ed. Perspectiva, 1988. (Coleção Debates Filosofia). 240p.
- . _____ *A Mística Judaica*. SP. Ed. Perspectiva.. 1972. (Coleção Estudos Filosofia) 377p.
- . SILVA, Sonia A. I. *Valores em Educação: O problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa*. 2ª ed. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1988.144p.
- . SLADE, Peter. *O Jogo dramático Infantil*. SP, Summus Editorial. 1978. Vol. 2 (Coleção Novas buscas em psicoterapia). Tradução: tatiana Belnhy. 102p.
- . SOUZA, C.P. *Construção de um instrumento para as medidas das concepções de professor em relação ao seu papel de líder social em sala de aula*. SP. PUC -SP. 1975. Dissertação de Mestrado.
- . SUCHODOLSKY, Bogdan. *A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas: Pedagogia da essência e Pedagogia da Existência*. 2ª ed. Lisboa, Livros Horizonte, 1978. Tradução: Dra. Liliana Rombert Soeiro. 127p.
- . SCHÜTZENBERGER, A.A. *Introdução à Dramatização: O sociodrama, O Psicodrama e suas aplicações no trabalho social, na empresa, na educação e na psicoterapia*. Belo Horizonte, MG, Interlivros, 1978. Tradução: Omar de P. Duans. 120p.
- . WEIL, P. *Psicodrama*, RJ, Ed.Cepa, 1967.
- . _____ *As nova era: sementes para o amanhã*.
- . VAZQUEZ, A.S. *Ética*, 13ª ed. RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1992. 267p.